PQ
9261
.P47P75

THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9261
Book .P47P75

2075
4224

ALBERTO PIMENTEL

PORTUGAL

DE

CABELLEIRA

I Barba e bigode—II A dama da cutilada—III O Terreiro do Paço—IV Os sinos d'Alpendurada—V Rehabilitação do queijo por um documento antigo—VI Ha dois seculos e meio—VII As feiras—VIII A antiga viação portugueza—IX Um episodio da conquista de Lisboa—X Como as borboletas se queimam—XI O convento de Jesus—XII Tradições antigas de Sant'Yago de Cacem—XIII Um serão de Bocage.

PARÁ
Editores—Tavares Cardoso & C.ª
1875

ALBERTO PIMENTEL

PORTUGAL

DE

CABELLEIRA

PARÁ
LIVRARIA UNIVERSAL DE TAVARES CARDOSO & C.ª
1875

PQ9261
.P47P75

387270
'29

AMK 13033

Aos portuguezes que, residentes no Brasil, amam em Portugal a terra em que nasceram e no Brasil o paiz hospitaleiro que os recebeu; aos brasileiros que, associando-se nas lides do commercio, e muitas vezes no gremio da familia, aos portuguezes seus co-irmãos, honram a sua patria e a nossa

Off.

Alberto Pimentel.

RAZÃO DO TITULO

Na maior parte dos casos, a cabelleira esconde a velhice, não a velhice amollentada com dolorosos achaques, e indifferente ás alegrias do mundo, mas a que se sente ainda vivedoura, forte, crente, e continúa, com os olhos postos no futuro, a gloriosa serie das façanhas passadas.

Portugal está exactamente n'estas condições. Tem a sua velhice de sete seculos, e portanto uma historia de setecentos annos. A sua cabelleira representa, como geralmente acontece, antiguidade, commettimentos realisados, aventuras bem succedidas, proezas levadas a cabo, e ao mesmo passo denuncía que não está morto o coração; que o braço feito ás armas, como disse Camões, não se dernervou ainda; e que a epopea das suas conquistas e desco-

bertas não é por emquanto o epitaphio inscripto sobre o tumulo d'um heroe. Ainda bem. Portanto, escrevendo sobre o antigo Portugal, ainda florecente, não vamos exhumar um cadaver, espectaculo, sobre doloroso, repugnante, que bastaria a afugentar do contacto d'este livro os mais curiosos leitores. Vamos simplesmente levantar uma ponta do chinó, e esmiunçar, com leveza que obste ao aborrecimento, as paginas de antigos usos, costumes, aventuras, tradições e chronicas. Sentados no velho canapé, que Bocage motejou, conversaremos velharias, soprando cautelosamente o caruncho dos seculos, para que nos não empoeire o espirito com nuvens de tedio. Se o author conseguir dar ao seu livro o tom alegre com que alguns velhos usam rememorar as façanhas da mocidade, haverá conseguido o seu fim; e, se o publico o escutar com aprazimento, dar-se-ha por bem pago de andar rebuscando em pergaminhos bolorentos umas certas antigualhas que explicam muitos cotumes modernos.

Lisboa—1874.

I

BARBA E BIGODE

BARBA E BIGODE

Diz-se que o homem foi feito á similhança do seu Creador, mas o que é certo é que o homem, por orgulhoso ou versatil, se tem feito, desfeito, refeito e contrafeito muitas vezes, sem se prender com a tradição do livro santo, que lhe impunha o dever de conservar-se na primitiva feitura. *Noblesse oblige*. Ah! pois tu és o rei da creação, tens completo dominio sobre os irracionaes, fazes prevalecer os teus direitos e regalias, e não respeitas a tua origem, ó vaidoso barro que te chamas homem, ó fluctuante limo que te encarnaste em Adão! Não devias ser ingrato, vêrme. Mas és, porque te perde a vaidade, tão antiga como tu. Eu que t'o digo, é porque o sei. Ou o Exodo e o livro de Job não fallassem já em espelhos! Desde quando te amas a ti proprio? Desde sempre. Que cuidados te dá a cara, e sempre deu! Já em Roma até cêrca do anno 295 antes de Christo uzaste barba comprida, e desde essa epocha em diante escanhoaste o queixo, excepto se andavas de luto. És

sacerdote? Pouco importa. O barro é o mesmo. O papa Leão III, rapando-se a si proprio, deu exemplo de tosquia. João II uzou barba longa, mas Gregorio VII obrigou-te a thesoural-a. Se não viesse Clemente VII, olha que tinhas de ser persistente uma vez siquer.

O que te valeu foi que elle readmittiu a barba para si, e para os seus subordinados. E com o bigode, ó homem, o que tu tens feito! Teus avós, os francos, usavam-n'o, quando no V seculo chegaram á Gallia. No seculo IX deram-lhe de mão; no XI readmittiram-n'o, ao tempo das Cruzadas. No fim do seculo XIV quasi não houve bigode; aboliste-o; mas lá veio Francisco I e resuscitou-o. Olha que ventoinha tu és, ó barro feito carne! Francez ou portuguez, fluctuas. Não fazes outra coisa.

Pois devias e podias fazer: era escrever a historia da barba, porque me tiravas esse trabalho. Ja agora tenho reunidos os elementos, e ahi vae um capitulo avulso da illiada da tua vaidade. Assim eu fosse Homero.

Ouve lá. Falla, por Homero e por mim, já que eu não nasci mais cedo e Homero não nasceu mais tarde, —Antonio de Villas-Boas e Sampayo, na sua *Nobliarchia portugueza:*

«Os Egypcios nobres traziam por divisa da nobresa as barbas largas. Os Godos, e Suevos usavam de cabellos muito compridos, lançados a huma parte, e atados com hum nó. E assi em aquelle tempo o maior castigo que se dava a hum nobre, era mandar-lhe cortar o cabello. Por isso na Ley de Moyses era prohibido aos Sacerdotes o tosquiar-se. *Non corrumpatis effigiem cæsariæ vestræ.* Levit, c. 19. E tinha-se a calva por afronta, como se viu no Profeta Eliseu, que porque a tinha o corrião os rapazes, dizendo-lhe: *Ascende calve.* Reg. 4 c. 2. E assi o considerou Ovidio, quando disse:

Turpe pecus mutilum, turpis sine gramine campus,
Et sine fronde frutex, et *sine crine caput.*

«Esta foy a rasão, porque El-Rey Uvamba mandou cortar o cabello a Paulo, que intentou levantar-se-lhe com a Monarchia. *Este costume de cabellos*, e *barbas grandes usaram por muitos annos os portuguezes. El-Rey D. Fernando foi o primeiro, que fez a barba em Portugal:* e já no tempo de seu irmão El-Rey D. João o Primeiro andavam os portuguezes com o cabello cortado, que era o de que os motejava El-Rey D. João o Primeiro de Castella quando chorando a perda da memoravel batalha de Aljubarrota dizia que não tivera tanto sentimento se o vencera qualquer outra nação do mundo, mas que não podia levar em paciencia, que o vencessem os chamorros, porque chamorro quer dizer tosqueado. Podera considerar El-Rey de Castella, que ainda que cada hum d'aquelles Portuguezes, que o venceram, era hum Sansam no valor e nas forças, não traziam o esforço nos cabellos, se não nos braços. Hoje (1708) prevalecem as Xumbergas, e as cabeleiras postiças: o uso, e costume faz parecer boas ou más as cousas d'este genero.»

Sua magestade catholica, el-rei D. João I de Castella, conceituou-nos de chamorros. Melhor é ser chamorro do que têr barba e fazel-a em Hespanha, por esmola. Um escriptor portuguez, João de Mattos Fragoso, que viveu em Madrid, e lá compoz para o theatro, e lá se finou em 1692, contou em verso como os hespanhoes tratavam por piedade as barbas alheias. Quasi como nós lh'as tratamos em Aljubarrota. Lá isso é verdade.

De lismosna y sin dinero
la barba hacia a um pastor,
com la navaja peor
desazonado un barbero.
Como la navaja estaba

com mil mellas que tenia,
el cabello no partia,
mas el rosto desóllaba.
Conoció el pastor el yerro,
y sim poder estorballe:
en este tiempo en la calle
daban de palos a um perro.
«Que será aquello?» decia
el barbero á sus oidos,
viendo que com alaridos
el perro los aturdia.
Respondió el pastor: «Alli
áquel perro que se escarba
deben hacerle la barba
de lismosna, como á mi.»

Não obstante a classificação com que nos honrou sua magestade castelhana, illustres barbaçudos tivemos por cá. O maior foi certamente D. João de Castro. D'elle escreveu no seu grandioso estylo Jacinto Freyre: «Mandou desenterrar os ossos de seu filho D. Fernando, para fazer d'elles á cidade de Gôa um nunca visto empenho: mas como a terra ainda tivesse o corpo mal gastado, *cortou da barba alguns cabellos*, sobre que pediu vinte mil pardaos á camara de Gôa, abrindo-lhe o amor da Patria uma estranha porta, por onde não souberam entrar aquelles fidelissimos Decios, Curcios e Fabios, de que Roma ainda hoje soberba, de entre as ruinas de seu imperio lhe salvou a memoria.»

Enfermo no leito da agonia, D. João de Castro, por igual doente que pobre, recordava com justo orgulho a hypotheca de suas *barbas*: «Não terei, Senhores, pejo de vos dizer, que ao viso-rei da India faltam n'esta doença as commodidades, que acha nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a commerciar no Oriente, a vós mesmos quiz empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os *cabellos da barba*, porque para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias nem baixellas.»

Grande homem esse, que d'alguns cabellos de sua barba tirava riqueza equivalente a baixellas e tapeçarias!

Já que estamos com a mão sobre o Oriente, e com o pensamento em heroes, rememoremos o conquistador de Malaca, o *leão do mar*,—Affonso d'Albuquerque.

Morto, amortalhado no habito de commendador de S. Thiago, «a sua *barba branca*, agitada pelo vento, fluctuava sobre o seu peito.» [1] As barbas do grande Albuquerque davam pois ao seu cadaver um aspecto venerando.

Não só fomos celebres pelas proprias barbas, mas tambem pelas alheias. O leitor, se lhe mostrarem algum dia um brazão tendo «em campo de prata uma cruz de preto florida, e vazia, e uma orla de dous ramos de hera florida: timbre, um meio mouro vestido de verde, com barba longa, e um ramo de hera na mão», diga logo que é o da familia dos Barbas.

D. Mem Paes Mogudo de Sandim desafiou um mouro a experimentarem a força do punho. Bateram-se pois á punhada.

O mouro fez um murro ao peito de D. Mem, e deixou-o sem accordo. D. Mem, tornando em si, preou a barba do mouro, e deitou-lhe o queixo abaixo.

Isto é muito maior façanha do que assignalar com gilvaz a cara d'um pobre pastor.

Se tivémos barbas illustres, tambem tivemos illustres barbeiros. Haja vista o poeta Quita. O Garrett, que era mestranço no assumpto, escreveu d'elle um honrosissimo conceito, não só para o escriptor como para o homem.

«Após estes,—disse Garrett—vem o *virtuoso e honrado* Quita, a quem pagou a patria com miseria e fome as immensas riquezas que para a lingua e litteratura

[1] Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, vol. III

de seus versos herdou. Um pobre cabelleireiro, a quem as musas que serviu, os grandes que com ellas honrou nunca tiraram do triste officio, pôde de sua baixa condição social alevantar-se ao *primeiro grau* litterario, que acaso lhe disputam ignorantes ou presumpçosos, nenhum homem de gosto deixará de lh'o dar.»

Tambem Nicolau Tolentino, quanto lh'o permittia a sua alegre musa, escreveu muito honrosamente do Quita:

Foi este o famoso Quita,
A quem triste fado ordena,
Que a fome lhe traga o pentem,
E da mão lhe tira a penna;

Emquanto na suja banca
Pobre tarefa tecia,
Seu *espirito sublime*
Sobre o Parnazo se erguia;

Cozendo sobre o joelho
Em dura, falsa caveira,
A sua alma conversava
Com Bernardes, e Ferreira;

Mil vezes travêssas Muzas
Da baixa obra o desviam,
E mostrando-lhe o tinteiro,
Pós, e banha lhe escondiam.

Verdade é que não seria o Quita o melhor barbeiro que tem havido. Foi um bom poeta: não se póde ser tudo ao mesmo tempo. E depois, ser barbeiro não é tão facil como se póde presumir á primeira vista. Grande importancia tem no homem a barba; cumpre ser bem tractada. Dizia o Tolentino:

Que em estando *escanhoado*
Não me troco por ninguem.

Isto quer dizer — e assim é — que em um homem apparecendo barbeado, parece outro. Só não parecia a D. João I de Castella... Segundo affirma Tertulianno, cortar as barbas é blasphemar contra o rosto. Não se pescam trutas a bragas enxutas. Por isso dizia o allemão Seume no seu *Diario*: «Hoje deitei a borla dos pós pela janella fóra: quando chegará o bemdito dia, em que vá atraz d'ella o estojo das navalhas!» Provavelmente, nunca foi atraz da borla o estojo. O homem, e Seume era homem distincto, sabe quanto a barba compõe a cara. Bem o sabia o bispo de Clermont, Guilherme Duprat, cujas barbas tinham uma elegancia e formosura memorandas. Não achava em si animo de as tosquiar.

Os conegos de Clermont tinham-lhe inveja. Reuniram-se em capitulo, — por causa das barbas do bispo. Decidiram cortar-lh'as. Dito e feito. Entra monsenhor Duprat no coro: o deão, o arcipreste, o chantre, e os outros, offerecem-lhe thesoura, navalha, sabão, bacia, agua quente. O bispo encara n'elles surprendido e afflicto. Pensa um momento... Rompe pela egreja fóra, mette-se no castello de Beauregard, adoece de afflicção, empeiora, morre, — mas salvou as barbas.!

«Perdemos as barbas, perdemos a alma» dizem proverbialmente os hespanhoes.

É que se lembram ainda com grande magua d'aquella tosquia nacional realisada no reinado de Philippe V.

Podera não chorarem o cabello, que é um talisman, — uma força! Não quero dizer uma força muscular, como a de Sansão, que, segundo se conta, dependia do cabello; mas uma força de attracção, um iman que prende. Nas mulheres é tudo; nos homens é muito. Ovidio, que era entendido em assumptos elegantes, comparava, como já vimos, uma cabeça despida a uma arvore sem folhas ou ao campo sem hervagens. Só os excentricos japone-

zes é que o não entendem assim; fazem-se calvos por querer, e tapam então com um rabicho, que consideram inviolavel, a nudez da caveira. Já se viu maior tolice! Mas a gente vinga-se d'elles chamando-lhes pelo nome que lhes compete: japonezes. É bastante.

S. Clemente d'Alexandria dizia que a barba crescida era tamanho ornamento para o homem como a trança para a mulher...

Mas... a historia da barba?

Sim, vamos a ella, no concernente a Portugal, que é o que mais nos interessa.

Já sabemos que foi D. Fernando o primeiro portuguez que poz mão n'aquellas famosas barbas que entre nós se usaram desde a fundação da monarchia. Tambem sabemos que ao tempo d'Aljubarrota eramos chamorros. Durante o reinado de D. João I, e o immediato, só uzavam barba os militares e os que andavam de lucto.

D. Duarte morreu no seculo XV; pois no fim d'esse seculo, e em grande parte do XVI, reappareceram as barbas e desappareceram, á vontade de cada um, porque, n'esse cyclo de loucas ostentações e perigosas fatuidades, a vaidade dominava completamente os espiritos... e as barbas.

«Uns traziam-as largas e compridas — escreveu Rebello da Silva [1] — outros curtas á castelhanha, tingindo-as os velhos para representarem de mancebos. Depois usou-se o rosto rapado, e cabelleira para encobrir as calvas, porfiando bastantes, comtudo, em encrespar com ferros quentes as longas madeixas.»

Vem 1580, e chega o primeiro Filippe: barbas abaixo.

Dois annos depois, escrevia Fr. Gaspar de S. Bernar-

[1] *Historia de Portugal*, vol V, pag 533.

dino que os homens do seu tempo tosquiavam as barbas e deixavam crescer a trunfa.

Exactamente como os egypcios em occasião de nojo, porque, fóra do lucto, usavam o cabello curto e a barba comprida.

Em 1640, quizeram reapparecer as barbas.

O nosso D. Francisco Manuel não gostava da moda; nos *Apologos dialogaes* motejou dos que a adoptaram para se darem ares de compostura e respeitabilidade.

D. João IV não gostava tambem.

Tosquiou-se, e ordenou que ninguem deixasse de entrar tosquiado no paço.

Desobedeceu-lhe o conde de Villa-Flor.

Accusaram-n'o; censurou-o o rei.

O conde respondeu que os seus cabellos lhe haviam nascido em Flandres e no Brazil entre a polvora e a bala, e que não ousava pôr-lhe mão sacrilega.

Assim foi que o conde tornou notaveis as suas barbas.

Ainda assim, outras mais celebres ha, por exemplo — as de Luis VII, de França.

Quando elle, que a historia denominou o *Moço*, posto que as tribulações o devessem envelhecer muito cedo, lançou fogo aos 3:500 camponezes refugiados na egreja de Vitry, sentiu enleiar-se-lhe no coração a vibora do remorso.

O bispo de Paris, Pedro Lombardo, para serenar as justas angustias da consciencia real, impoz ao rei o sacrificio da propria barba.

Luiz VII achou leve a pena, e o bispo metteu thesouras á barba do principe, e deitou-lh'a por terra.

Tudo ia bem, porque o remorso havia desapparecido com a barba, mas a rainha D. Leonor de Guienna, que tinha antipathia pelas barbas rapadas, e por poucas mais coisas, encerrou-se na sua camara sem querer fallar ao rei, nem vel-o siquer.

Boa rainha, e melhor esposa!

Houve grandes desgostos no paço.

O rei triste sem a esposa e as barbas; a rainha exasperada, sem as barbas do marido, o que era tudo, e sem o proprio marido, o que era pouco...

Tão pouco, que requereu e obteve divorcio.

Mas aquella amargura era grande: a rainha, para atordoar a saudade das barbas maritaes, deu a mão de esposa a Henrique, duque de Normandia.

O duque, subindo ao throno de Inglaterra, declara guerra á França, por velleidade de Leonor, provavelmente para rehaver as barbas de Luiz VII.

Muito sangue: barbas, nunca mais.

A tristesa da rainha!

Tambem os reis soffrem; que se aguentem...

D. João IV teve de se aguentar com a recusa do conde de Villa-Flor.

Que importava um velho de barbas brancas, se todos os mais vassallos andavam tosquiados!

Todos os mais, é certo, porque as barbas foram desterradas até aos nossos dias.

Em 1832 e 1833, durante a guerra civil, os combatentes, que pelejaram essas homericas pugnas da liberdade constitucional, deixaram quasi todos crescer as barbas.

É que então não havia tempo para gastar com a navalha; a espingarda era tudo para todos.

O certo é que a nossa guarnição militar andou barbada desde então. A ordem do exercito de 22 de setembro de 1852 ordenou, porém, que todas as praças, com excepção dos officiaes generaes e alguns outros, usassem sómente de bigode.

As barbas crescidas ficaram para os porta-machados e a pera foi reservada para os officiaes e mais praças a cavallo das baterias apparelhadas, por officio do commando em chefe do 1.º d'abril de 1859.

Era justo: o bigode foi quasi sempre dos guerreiros.

Os francos, quando no seculo V chegaram á Gallia, usavam, como já dissemos, bigodes marciaes.

Os celebres cruzados, que se iam á Terra Santa a pelejar pela cruz, tambem.

Só os romanos, que como toda a gente sabe foram notaveis em façanhas bellicas, umas vezes o usaram, outras o desusaram.

Actualmente, em Portugal, todos usam tudo: a suissa, a pera, o bigode, a barba cerrada.

É uma confusão, de vez em quando augmentada por qualquer innovação dos figurinos, como as suissas *á benoiton*, barbinha de peralvilho, amaricada, piegas, tola...

Se houver ahi alguem tão paciente que chegue a fazer a estatistica das barbas, ha de, porém, averiguar que o bigode representa a cifra maior.

Cada um é que sabe o que lhe fica bem.

Lavre, pois, a confusão em plena liberdade, que já agora não nos incommoda. Deixamos a historia da barba n'este ponto—a actualidade. Quem houver de continual-a, que se salve do labyrinto, como poder.

Nós ficamos por aqui, e já não é pouco, porque as barbas, por maiores que sejam, nunca chegam ao comprimento d'esta dissertação.

E que dissertação! Scientifica...

II

A DAMA DA CUTILADA

A DAMA DA CUTILADA[1]

Senhora D. Guiomar,
Moradora na Calçada,
Que déstes a cutilada;
Senhora D. Guiomar,
Que moraveis na Calçada,
Mereceis tença d'el-rei
Pois déstes a cutilada.

I

Enfloravam-se as campinas do Mondego com as galas da primavera de 1574.

A velha cidade d'Ataces tornára-se alegre, ruidosa, povoada, porque D. João III ordenára trinta e sete annos antes que voltasse a Coimbra a Universidade que o inquieto D. Fernando removêra para Lisboa.

O sombrio filho de D. Manuel não quizera que a mocidade turbulenta e por vezes desvairada perturbasse os solemnes julgamentos do recente tribunal da Santa Inquisição, que tanto lhe custára a estabelecer.

A historia lhe contára as graves discordias que em tempo de D. Diniz se travaram entre os estudantes e os habitantes de Lisboa, e que deram causa a trasladar-se

[1] Vide *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra* por Francisco Leitão, pag, 509, e *Descripção de Portugal* por Duarte Nunes de Leão, pag. 147. v.

a Universidade a Coimbra. Portanto, na hora em que com devoto recolhimento se iam accender as fogueiras dos autos de fé, D. João III não podia deixar de afastar para longe da côrte a estouvada e inconveniente mocidade, onda que tudo alaga, e que podia, sem ordem d'el-rei nem do pontifice, apagar as fogueiras accesas em proveito da fé.

De mais a mais os jezuitas, segundo o desejo de el-rei, a vontade da rainha D. Catharina, e o pensar do infante D. Luiz, iam entrar breve: era justo mandar sair os rapazes, cuja natural exaltação d'espirito os levaria a perigosa opposição á entrada dos jezuitas.

A companhia tinha grandes protectores e tambem grandes adversarios,—até no clero contava inimigos, hajam visto Melchior Cano, bispo das Canarias, e D. João Martins Siliceo, arcebispo de Toledo, e outros grandes dignitarios da Igreja.

E' pois certo que D. João III fez bem.

Bem? Para todos, não.

Houve corações que se dilaceraram com esse terrivel decreto da trasladação da Universidade. Uns de saudade, em Lisboa; outros de alvoroço, em Coimbra.

Não se muda impunemente uma legião de rapazes, gentis, arrojados, e muitos d'elles ricos.

Em Lisboa ficaram chorando lagrimas de deliciosa tristeza muitos olhos em que só a saudade poderia apagar a chamma da aurora que os illuminava: em Coimbra, mal que se sentiu o ruido da mocidade invasora, estremeceram d'alegria, de enthusiasmo, e finalmente d'amor as mais delicadas almas de mulher que idealisavam romances de capa e espada á beira da corrente do Mondego.

Ora o amor que principia e o amor que morre são por igual dilacerantes. Um abrasa, porque é incendio; o outro queima, porque é cinzas.

Pobre Coimbra de D. Sebastião, que de sonhos, de esperanças, de illusões não sentiste brotar em teu seio, quando sussurrou na estreiteza das ruas, que sobem ao alcaçar da sciencia, a turba-multa dos academicos, que D. João III expulsára de Lisboa!

Quantas cabeças loiras não se doiraram ao luar d'aquellas gorgeiadas noites de 1574, gorgeiadas de inefaveis dialogos, trocados a medo, e a medo guardados no coração, porque a desconfiança é companheira inseperavel da felicidade....

Que musicas em todas essas vozes afinadas pelo amor, e dulcificadas pela ternura!

—E's tu, Guiomar?

—Sou eu.

—Demoraste-te!

—Estive esperando que meu pai ficasse bem entretido com os seus amigos, que são a unica distracção que lhe resta depois que deixou de reger a sua cadeira na Universidade, porque os oitenta e dois annos cada vez mais o vão arredando dos livros...

—Quem está com elle?

—Antonio da Gama, e Thomaz Rodrigues da Veiga.

—Olá! O *Magnus Thomaz*! Esse então não tarda a sahir, que pouco mais faz do que folhear livros que lhe ensinam receitas como aquella que pouco ha applicou a sua alteza...[1]

Interrompendo o dialogo, explique-se a referencia. «Adoeceu d'uma febre, escreve o Padre Antonio Vieira, — el-rei D. Sebastião, e sendo chamado de Coimbra aquelle oraculo da medicina, que nas cadeiras da mesma Universidade é allegado com o nome de *Magnus*

[1] Só em 1576 foi que D. Sebastião, na entrevista de Guadelupe, adoptou, a exemplo de seu tio Filippe II d'Hespanha, o tratamento de *magestade*.

Thomaz, ordenou que lhe fisessem uma cama de rosas, e deitado n'ella, ficou são.»

Doenças de reis...

—Deus queira que se demore, que mais tempo nos dará.

—Não fallemos dos outros, Guiomar. Lembremo-nos de que estamos aqui...

—Como posso eu esquecer-te, alma gentil em que depositei a minha vida, a minha esperança!...

—Guiomar!

—Oh que não sabes como te amo, como te adoro! Ouve-me bem. Se te não sentes capaz de corresponder á minha dedicação, não voltes mais aqui. Prefiro morrer de saudade a morrer de ciume. Sabes como sou extremosa e leal... Pois bem, exijo de ti que o sejas tanto como eu... Attende, attende... Não se zomba impunemente d'uma mulher que ama como eu...

—Guiomar! Guiomar! Vê que desvairas, que elouqueces!... Que receios são os teus, que sombras de tempestade são essas quando a felicidade nos sorri! Amo-te, amas-me, eis tudo... Tu saberás ir dispondo teu pai. Tem valimento na côrte, é considerado, é poderoso... Quem no paço de sua alteza não hade attender o cosmographo-mór, Pedro Nunes?...

—Sim, eu irei dispondo meu pai. Concluidos os teus estudos, elle te obterá qualquer mercê de sua alteza... Estou certa d'isso. Não receies os obstaculos que o meu amor poder vencer... Amo-te muito, bem sabes... Não me canço de ouvir-te repetir que és meu, que serei tua, que diante do altar juraremos perpetua lealdade... Juras? Repete mais uma vez essa palavra suave como celeste harmonia...

—Juro, Guiomar. Bem sabes que é essa a minha esperança, o meu sonhar: ser teu.

—Que Deus te oiça!...

Guiomar foi obrigada a suspender a phrase. Sentiu rumor. Era decerto o cathedratico de prima, Thomaz Rodrigues da Veiga, o *Magnus Thomaz*, como diziam lentes e estudantes, que sahia, porque,—toda a gente o sabia,—desvelava as noites estudando.

A filha de Pedro Nunes só teve tempo de dizer para baixo:

—E' o *Magnus Thomaz*; foge.

Áquella hora estava deserta a rua da Calçada. A ronda da Universidade andava por longe. O estudante muito a seu salvo empurrou a porta d'uma casa visinha, onde morava, e entrou, a tempo que a janella da casa do cosmographo mór se fechava mansamente.

II

Porque se arreceiavam os dois enamorados de que os surprehendessem os amigos do velho Pedro Nunes?

O amor não é crime; antes nos parece virtude. Emquanto as almas commungam essa purissima eucharistia, que tem o mysterio de todos os sacramentos, como que se divinisam o bastante para não resvalar na ladeira das tentações impudicas. Tudo espiritualisa o amor.

É o *fiat* creador d'um mundo feito de luz, aromas e murmurios.

Quando na lyra intima reboa a primeira modulação d'esse cantico celeste, renascemos em nós mesmos para a vida dos anjos. Para que escondel-o então? As estrellas accenderam-se no firmamento para brilhar. O coração volve-se astro quando o amor o illumina; torna-se estrella cadente que n'um abraço de fogo procura outra alma...

Mas vós, ó namorados, cujas confidencias accordam os eccos da solitaria rua da Calçada, recataes-vos! Porque? Para que?

O leitor quer saber. Pois ha de sabel-o.

Pedro Nunes morria-se d'amores pela filha, cujo animo forte o soccorria nas mais desconfortadas horas da velhice.

Inverteram-se os papeis. Elle, o educador de principes, que devia possuir a rija tempera dos que teem a seu cargo uma grave missão, volvera-se triste, desalentado, receioso de tudo e de todos.

A filha, cuja indole era de presumir afinada pela meiga cobardia das mulheres, sentia-se forte para amparar a intelligencia paterna que se apagava com a dolorosa consciencia do proprio occaso.

Mas o amor, este eterno parasita das almas, é como a hera, que se abraça ás rochas, sem que lhe ponha medo a dureza e frialdade da pedra.

No coração de Guiomar entrou a benefica influencia do grande principio fecundante e purificador, que faz das mais duras almas a messe que loireja em vagas d'oiro — oceano d'abundancia, d'onde brota a vida, a prosperidade, a riqueza.

Aprendera ella a amar á beira do catre do pae, que, se não estava invalido, era pelo menos chegado a hora de carecer de repouso.

Foi-lhe enfermeira solicita, e sentiu dilatar-se o coração n'essa dulcissima vida do lar, em que todos os pensamentos procuram nova tranquillidade, e a gente está noite e dia imaginando a maneira de ser mais feliz do que é...

Acontece que nem sempre occorre a sonhada bonança, e que, ao contrario, surge e se encapella a tempestade no sagrado recinto das nossas mais suaves aspirações, tão vagas como suaves.

Assim aconteceu, em verdade, á filha de Pedro Nunes.

Um estouvado gentil, um doido dos que procuram

o amor, não para que elle os domine, mas para elles o dominarem como se subjuga um escravo, o perpetuo D. João do poema e da legenda, typo eterno, porque é a leviandade, a tentação e talvez o cynismo, e tudo isso ha de viver com os homens,—fôra habitar uma das casas contiguas á do cosmographo mór, Pedro Nunes, na rua da Calçada.

Guiomar chegava pouco á janella, porque o pai lhe absorvia os maiores cuidados, mas não tão pouco que não visse o estudante visinho.

Elle, o D. João, adivinhou-a antes de vel-a.

Assim começou o idylio, que é o prologo costumado de todas as tragedias do amor, melhor diria do ciume, porque o que no amor ha de tragico não é d'elle, mas do ciume.

Já dissemos que havia o que quer que fosse de viril no animo de Guiomar, comquanto lembrassemos tambem que nem por duras deixam as rochas de ser enleiadas pela hera.

A principio olhares, depois protestos,—a explosão, sincera ou simulada, que nos arrasta como torrente impetuosa, conseguiram vencer a pouco e pouco o coração d'aquella mulher que ainda não tinha amado, e era forte.

Ah! cautella! cautella!

Não se desperta impunemente o leão que dorme, e o coração da mulher ou é leão ou é pomba, ou simultaneamente ambas as coisas: o mais certo, talvez.

Mas o tentador tinha máu nome na Universidade—era brigão, inconstante, ousado, preguiçoso...

Que importava?

Não se pinta cego o amor desde a mais remota antiguidade? E' porque sempre lhe faltou a luz: será eternamente cego.

Guiomar não tinha ainda amado, e amou.

Em se levantando a primeira vaga, a tempestade virá...

Guiomar amava; queria ser amada; havia de ser amada.

Senão...

Senão? A tempestade rebentaria, vaga após vaga, loucura após loucura.

O que fazia, para não maguar a velhice do pai decrepito, era esconder d'elle, e dos seus amigos, esse amor que deslustraria a filha do cosmographo mór. O amor, quando precisa occultar-se, denuncia-se criminoso.

Aqui temos a razão porque a janella se fechou quando o *Magnus Thomaz* sahiu.

III

Nunca se encobre tanto o amor, que possa deixar de ser conhecido. É aurora: irradia. É perfume: derrama-se. É onda: espraia-se. E tudo isso elle é, em verdade. Tem da aurora a luz e o fogo: luz que resplende, e fogo que requeima. Perfume que ao mesmo passo embriaga e estontea. Onda de cristal em que a alma se banha com delicia, e que muitas vezes a absorve e precipita no pégo de insondaveis negruras. Não obstante o muito que se recatava a filha de Pedro Nunes, o perfume da flor tão a medo cultivada no coracão chegou ás narinas dos sizudos cathedraticos, os quaes foram espirrar a confidencia d'uns amores inconvenientes ao alcance das orelhas do velho cosmographo-mór.

Vejamos como a denuncia, consoante o phrasear pittoresco do povo, cahiu a talho de foice.

A politica, durante um reinado em que tudo eram receios e perturbações, não só em Portugal mas tambem no estrangeiro, era prologo obrigado de todas as conversações.

D. Sebastião contava vinte annos de idade. Era um

rapaz, mas um rapaz cuja indole indomavel o impellia para todos os perigos que ninguem pôde evitar, nem mesmo o eruditissimo bispo do Algarve com toda a sua eloquencia persuasoria.

No mez de agosto d'esse anno havia desapparecido o jovem rei, sem que se soubesse onde parava.

É n'esta conjunctura de dolorosa incerteza para todo o reino, que nós devemos penetrar no gabinete do preconisado mathematico.

—El-rei, onde quer que está, maquina uma grande desgraça! disse em tom prophetico o velho Pedro Nunes.

—Está fazendo de espinhos a cama que eu lhe receitei de rosas, acrescentou zombeteiramente o doutor Thomaz Rodrigues da Veiga.

—El-rei quer combater. Podeis acreditar que pensa em passar a Africa para combater os mouros. Irá a Ceuta e Tanger, a qualquer parte onde possa lidar. Vel-o-heis.

Eram respeitosamente ouvidas as predicções de Pedro Nunes, porque os factos pendiam a realisar a prophecia da grande catastrophe que vaticinara no mesmo dia em que D. Sebastião, seu discipulo, fôra coroado rei.

—Que se vá e não torne, replicou Antonio da Gama, um dos mais assiduos frequentadores do gabinete de Pedro Nunes.

—Não digaes isso, doutor! tornou o cosmographo-mór. Vêde como Filippe II arreganha para Portugal os dentes caninos da sua ambição. No dia em que elle souber que o imprudente sobrinho tentou uma empreza arriscada, sorrirá de prazer e de... victoria.

Pedro Nunes adivinhava a phrase que se attribue a Filippe II, ao saber, quatro annos depois, que D. Sebastião resolvera difinitivamente ir pelejar contra Muley-Moluk: *Vaya en hora buena que, si venciere, buen yerno tendremos, y, se fuere vencido, buen reyno nos vendrá.*»

O *Magnus Thomaz* parecia gravemente preoccupado, e rufava com os dedos sobre a banca.

—D. Catharina, proseguiu Pedro Nunes, está enferma moral e physicamente, e o cardeal D. Henrique não está mais são de corpo e alma. Se el-rei morrer, quem triumphará? A Hespanha. El-rei não quiz tomar esposa... Mal fez...

N'este momento, Thomaz Rodrigues da Veiga ergueu de golpe a cabeça.

—O casamento, objectou elle, é ás vezes tão prejudicial para um reino como para uma familia. Retrogrademos dois annos e encontraremos a prova ainda tinta do sangue da Barthelémy. Pois todo esse sangue dimanou das bodas de Margarida de Valois com Henrique de Bourbon. A famillia que se constitue sobre falsas bases— e os casamentos dos principes carecem as mais das vezes de liberdade de escolha—dá em resultado as maiores torpezas de que o coração do homem é capaz. Já ninguem lembra que estamos n'um tempo em que os reis mandam prender os proprios filhos!...

O doutor Thomaz Rodrigues da Veiga alludia á prisão de D. Carlos, ordenada por Filippe II, seu pae, e censurada por todos os soberanos da Europa, incluindo D. Sebastião, que d'essa embaixada a Hespanha encarregou D. Francisco Pereira.

Proseguiu o doutor *Magnus Thomaz:*

—Seria melhor que el-rei se tivesse casado com Margarida de Valois! Achaveis prudente juntar uma mulher leviana com um mancebo louco! e que se pagasse essa nova desgraça, que se chamava sobre nós, com quatrocentos mil cruzados dados na mão a Carlos IX para guerrear os huguenotes! Deus nos defenda de similhantes casamentos, e eu—acrescentou baixando a voz o *Magnus Thomaz*—sei d'um que se anda urdindo em segredo, e que de nenhum modo se deve realisar...

—Um casamento? perguntou Pedro Nunes com a curiosidade peculiar aos que por enfermidade estão distanciados do mundo.

—Ouvi-me, sem inquietar-vos, que não se trata de mal irremediavel. Para vos poupar a maior tribulação me antecipo ao natural desfecho dos factos. O doutor Antonio da Gama é considerado pessoa de famillia. Portanto posso fallar desassombrado...

Havia a maior anciedade na physionomia do annoso inventor do *nonio*.

—Como vós amais vossa filha, continuou o *Magnus Thomaz* voltado a Pedro Nunes, todos nós sabemos, e ambos nós comprehendemos. Pois bem, eu venho dizer-vos, depois de fria meditação, que o homem que vossa filha ama não pode dar-lhe a felicidade que todos lhe desejamos.

O caracter do *doctor amplissime*, como, com orgulho de discipulo, lhe chamou o licenciado Dimas Bosque, não sabia dissimular: já tivemos occasião de o reconhecer na transparente ironia com que medicou o real enfermo.

—Quem é? perguntou com vivacidade Pedro Nunes.

—É um brigão de aventuras nocturnas, um novo Luiz de Camões, sem o talento do outro... O filho do vosso visinho Goyam...

—O filho do Goyam, essa praga de valdevinos, folião que nunca se pôde haver com os livros! exclamou com angustiosa surpreza Pedro Nunes.

E logo tornou com anciedade:

—E a minha Guiomar ama-o deveras?

—A vossa Guiomar, a nossa Guiomar, deixai-me assim dizer, doutor, tem espirito superior ao seu sexo, mas o coração que lá está dentro é de mulher: credulo, affectuoso, ardente, como o coração de todas as mulheres.

Quedou-se pensativo o velho cosmographo, até que disse por entre os dentes:

—Um jam-ninguem que se fez estimar de minha filha!

—E que anda por ahi armando á credulidade d'outras muitas. Podia ser folião, e regenerar-se pelo amor, que já se tem visto d'isso, mas este vosso visinho não é d'esses. Aqui mesmo, na rua da Calçada, lança elle rede amorosa a mais d'uma janella. Ora a filha do mestre dos reis, do cosmographo-mór do reino, não póde continuar a ser requestada por um homem d'aquella estofa. Por isso, e em nome da nossa antiga amisade, me resolvi a fazer-vos esta confidencia, que o nosso doutor Antonio da Gama, que tão calado tem estado, poderia fazer-vos tambem, se quizesse.

—É verdade! affirmou gravemente o doutor Antonio da Gama.

—Pois bem, meus amigos, tornou Pedro Nunes, eu heide interrogar minha filha e fazer-lhe ver a verdade. Obrigado, doutor. A amisade sincera deve dizer tudo, até o que desagrada.

IV

Não falhára a prophecia de Pedro Nunes.

Grande homem foi esse, em verdade, cujo espirito parecia desvelar, com igual facilidade, os mysterios da politica e os segredos da sciencia. Uma só coisa não sabemos explicar em tamanho sabio. Foi o silencio com que recebeu as contestações de Diogo de Sá no livro *De Navigatione*, dedicado a D. João III. Seria que previsse que, futuro a dentro, as observações do contestador em nada macula riam o brilho da sua gloria? Em tão previdente espirito é licito suppôr que essa fosse a causa.

Realisou-se, como iamos dizendo, o que o cosmographo-mór do reino predissera sobre o desapparecimento d'el-rei. D. Sebastião escreveu de Lagos uma carta, a 20 d'agosto, noticiando o seu proposito de passar a Africa, jornada a que convidava os fidalgos que se lhe quizessem reunir no Algarve, e nomeando regente do reino o cardeal D. Henrique.

Grande desgosto enluctou para logo a nação, cujos destinos gloriosos aquelle arrebatado principe tantas vezes

fizera tremer na sua mão nervosa, até que os deixára resvalar aos areaes da Africa. El-rei previa a opposição que o seu proposito suscitaria, e de longe encaminhou as negociações tendentes ao desenlace sonhado. Tirou de Tanger o governador Ruy de Sousa de Carvalho, e poz lá o prior do Crato D. Antonio, filho do infante D. Luiz.

Isto pareceu simplesmente uma das frequentes substituições, tão vulgares em todos os tempos, mórmente em epocha em que os governos eram pingues, e os fidalgos os disputavam. Ora n'estes pleitos de ganancias e honrarias não era caso para grande extranhesa que um alto dignitario ecclesiastico, filho de principe, supplantasse a influencia d'um fidalgo qualquer. Dado este primeiro passo, recolheu-se el-rei a Cintra. Nada mais natural, se bem que apparentemente. Estava-se na estação calmosa. As sombras de Cintra convidavam nobres e plebeus, e como os nobres não podiam gozal-as, parecia justo que o rei não esperdiçasse esse refrigerio que as frondosas arvores derramavam em torno do castello real. Mas só apparentemente, entenda-se, era isto acceitavel. Um rei, cujo sonho constante era a aridez dos desertos d'Africa, o sol abrazador dos areaes, não podia comprazer-se nas sombras deleitosas de Cintra, na tranquillidade enervadora dos aposentos realengos. Ninguem pode prender uma creança entre duas arvores, e el-rei era uma creança. Frescura, solidão, socego,—o paraiso da terra,—tudo isso era para o principe um gravame enfadonho de supportar. Sombras! Isso é para os que descansam, e elle queria pelejar. Solidão! Isso é para os velhos, que teem que recordar, e elle não encetára ainda a ambicionada epopéa das suas glorias. Socego! Pois para que se nasceu rei, e forte, e audacioso! Para descançar? Para repouso basta o tumulo, e nem lá, quando se é rei, porque em torno

do jazigo dos principes estrondeam a miude os suffragios officiaes e pomposos, e resoam os elogios bombasticos de virtudes que tiveram e deixaram de ter. Não, aventuroso moço, não; o teu destino é outro. Tu deves ir fazer as tuas primeiras armas a Ceuta e a Tanger contra os moiros, como ensinaram os teus maiores, que pelejaram sempre em defensa da cruz e da fé. Depois de experimentado nas mais arriscadas excursões, depois que te embriagares com o triumpho obtido sobre o emir de Marrocos, deves planear a tua *Illiada*, ó pricipe que esperas um Homero, e ir sepultar nos plainos d'Africa a riquesa, a independencia, a fidalguia, o throno do teu paiz, d'envolta com a tua propria vida. Oh! se tu souberas que em torno do teu cadaver se havia de phantasiar a legenda da immortalidade! que te caberia a gloria imperecivel de ultimo rei aventuroso! que a posteridade te encarnaria no typo ideial d'um cavalleiro que, montado em corcel de crinas alvejantes, rasgaria ao longo dos caminhos os nevoeiros da manhã, para vires, eterno rei, repôr a tua patria no esplendor antigo! que te disputariam essa gloria, a de sobreviveres a ti proprio, e que o mundo inteiro assistiria ao litigio famoso do teu reinado perpetuo! Ah se o soubesses, principe, mal segura ainda na cabeça a corôa que te cingiam, não se atufaria nas aguas do Atlantico o dia memorando da tua acclamação sem que do alto da tua galé dissesses aos ventos que por ventura encapellassem as ondas: «Ide dizer á Africa toda que eu a vencerei como a um só homem.»

Escreviamos que el-rei fizera substituir o governador de Tanger, e fôra residir em Cintra. Isto era o que se sabia. O mais era segredo. D. Sebastião preparara cautelosamente a esquadrilha e secretamente ordenára ao commandante da frota, D. Fernando Alvares de Noronha, que o fosse esperar a Cascaes, onde, acompanha-

do d'alguns fidalgos de mais intimo tracto, como o duque d'Aveiro e o conde de Vimioso, embarcára para o Algarve.

De Lagos passou a Africa. Que fizera por lá o principe ancioso de combater? Nada. Em Ceuta recreou-se em caçadas, em festas, em torneios, porque os moiros lhe não deram occasião de encontro. Mas, passando a Tanger, ageitou-lhe lance de pelejar o governador de Mequinez, que, por ordem do emir de Marrocos, sahira a reconhecer o exercito do rei lusitano. Facil foi a victoria sobre esses poucos exploradores. Todavia D. Sebastião tomou-a como prenuncio de futuros e grandiosos triumphos, e retirou a Portugal, por instancias dos seus conselheiros, sonhando porém reunir novos exercitos para novas glorias. Sonhos, tudo sonhos! O moço principe sonhou sempre, até que adormeceu de vez no campo de Alcacerquibir.

Sepultura enorme, que devia satisfazer a phantasia d'aquelle rei! Tamanha sepultura, que ninguem póde dizer que elle jaz, como qualquer homem, em sete palmos de terra!

V

Pedro Nunes, sofreando a custo a commoção que o dominava, chamou a filha á sua presença.

—Guiomar, disse elle magestoso da sagrada grandeza que tem a velhice desventurosa,—Guiomar, assenta-te ao pé de mim, conversemos como dois amigos que somos, doente e enfermeira...

—Filha e pae...

—Isso; é melhor. Dizes bem. Ouve-me placidamente, que eu placidamente te fallarei. Perdoa-me se vou alvoroçar o teu coração, mas baste a prevenção a serenar-te. Filha, a minha vida...

—Meu pae!

—Recommendei-te placidez; sem animo tranquillo nem eu posso fallar-te nem tu ouvir-me... A minha vida vae muito adiantada, Guiomar. Sinto-me quebrantado de trabalhos e annos. Já pouco sou; pouco é o occaso, porque não tem existencia propria: vive á custa da noite e do dia. Eu agora sou tanto da sepultura como do mundo. Filha, não és rica, mas não te deixo a braços com a miseria. Por minha morte, ficarás vivendo

em Coimbra ou na nossa casa de Alcacer do Sal, como quizeres. Por esse lado estou tranquillo. Mas, filha, ha uma desgraça maior que a pobresa: é a pobresa da desgraça, o não ser feliz, o lançar a um abysmo, e por vontade propria, o coração, a esperança, a vida, quando já não temos no mundo quem possa salvar-nos tudo isso...

—Não comprehendo...

—Vais comprehender, Guiomar. Tu amas, filha?

—Amo, meu pae, respondeu Guiomar com a virilidade que o seu caracter costumava revelar nos mais graves lances.

—Porque m'o não disseste nunca, filha?

—Meu pae!

—Não tens porque estranhar a pergunta, Guiomar. A um pae diz-se tudo. O pae é conselheiro: portanto, consulte-se. Ah! filha, não posso deixar de accusar o teu silencio, que envolvia uma intenção desleal. Occultaste-me a verdade, porque não reputavas digno do teu amor o homem que o teu coração loucamente elegeu. Se elle te merecesse, filha, tu virias dizer-me sem pejo. e talvez com orgulho: «A filha de Pedro Nunes fez com que o seu coração honrasse o nome de seu pae.» Mas não aconteceu assim. Amaste, sem saber a quem amavas. Acreditaste, sem saber se podias acreditar. Resultou que estás sendo traida sem suspeitares da traição.

Guiomar ergueu-se d'um salto. Inflamaram-se-lhe as faces no colorido arroxeado que denuncia a congestão; nos olhos acenderam-se-lhe labaredas de sangue.

—Filha! gritara sobresaltado o velho cosmographo. Filha! não te pedi eu serenidade d'animo!

Guiomar, fazendo um exforço verdadeiramente heroico, de que são apenas capazes as naturezas fortes e corajosas como a sua, conseguiu dizer:

—E as provas, meu pae?...

—As provas, respondeu com benevola austeridade Pedro Nunes, as provas estão na palavra d'um pae, que nunca soube mentir, e que vê em sua filha o coração a que hade encostar a cabeça alvejante de cans na hora do passamento...

—Mas podiam enganal-o, meu pae...

—Não se engana um velho, que é pae, mórmente quando esse velho se chama Pedro Nunes. Levantaram-me uma ponta do veo: eu adivinhei o resto. O estudante Ayres Goyam, filha, tem pessima nomeada dentro e fóra da Universidade. É brigão, é insolente, é aventureiro e, para que nada falte, gosta menos de livros que de façanhas. Vai caminhando para quarenta annos, filha, que D. Beltrão de Camões, geral da congregação de Santa Cruz e depois cancellario da Universidade, me apresentou um sobrinho que vinha a estudar sob sua direcção. Algumas vezes se me queixou depois de que o rapaz era dado a aventuras de galanteria e a proezas d'estudante. Isto sabia-se; mas o que é certo é que Luiz de Camões ia ao mesmo passo conquistando fama de letrado e trovador. E agora, filha, o seu nome ficará para sempre escripto em letras d'oiro, perpetuando a sua gloria e a da sua familia, n'essa epopéa que ha dois annos sahiu da imprensa de Antonio Gonçalves. Filha, mas o eleito do teu coração tem todos os defeitos do sobrinho do cancellario, e nenhuma das virtudes, bem vês. E' tão vil o espadachim, que nem salvou no naufragio dos bons sentimentos, que talvez nunca tivesse, o da lealdade, o da honra...

—Sou então traida? perguntou já com altivez glacial a filha de Pedro Nunes.

— Sei que és; de raiz o sei.

—Traida por quem?

—Por muitas, por todas as que se prestam á traição.

—Por todas! repetiu Guiomar entre incredula e reservada.

—A começar por esta mesma rua...

—Por esta mesma rua!...

E reacendeu-se o colorido que lhe esbrazeava as faces e se ia diluindo na brancura gelida do marmore.

— Queres desenganar-te, filha?

—Não tenho outra ancia, meu pae.

—Pois bem. Prometteu-te casamento?

—Prometteu.

—Farei constar que um emprestimo, em que fui enganado, me obrigou a desapossar-me da nossa casa de Alcacer; que estou apenas reduzido ao indispensavel para as despezas quotidianas. E far-se-ha interrogal-o por pessoa em quem tu deposites plena confiança. Escolhe, Guiomar; não quero que suspeites suborno...

Deteve-se Guiomar pensando, e dir-se-ia que acompanhando com os olhos o ligeiro revolutear do pensamento.

—Por D. Manuel de Menezes...

—Pelo bispo. Escolheste bem. Pediremos aos nossos amigos que divulguem o falso boato. Divulgado que seja, D. Manuel de Menezes mandará chamar o teu *noivo*—disse com branda ironia Pedro Nunes—e interrogal-o-ha. Dou a cabeça se elle não negar com a maior desvergonha que te prometteu casamento...

—Veremos, meu pae, respondeu Guiomar de novo restituida á quieta frialdade de estatua.

VI

Dias depois, um grupo d'estudantes garrulava por este modo nas descuidosas praticas da vida academica:

— Sabeis a grande novidade? perguntava um dos estudantes conchegando o manteu com ar de mysterio.

— A novidade! exclamou o côro.

— A grande novidade, podeis accrescentar, amigos..

Sentiu-se um sussurro de impaciencia juvenil, que poderia representar-se graphicamente por uma longa serie de pontos de interrogação.

— A grande novidade é a inesperada pobresa do dr. Pedro Nunes...

— A pobresa!

— Do dr. Pedro Nunes?

— Ahi vai o caso, *coram populo:* O dr. Pedro Nunes emprestou, *bona fide*, uma grande quantia a um amigo seu d'Alcacer...

— *Donec eris felix, multos numerabis amicos*, interrompeu uma voz.

N'aquella epocha o latim e o grego, especialmente o latim, eram os unicos idiomas que se fallavam nas aulas

da Universidade, e por muito tempo se conservou o costume, porque os estatutos de 1591 ainda impunham multa aos lentes que preleccionassem em lingua vulgar. D'ahi resultava que os estudantes, saturados de latinidade, não podiam fallar sem incommodar os velhos anexins de Roma ou os grandes poetas romanos.

O narrador proseguiu:

—Pedro Nunes foi-se á arca das suas economias, amealhadas *melioribus annis* e, confiando religiosamente no amigo, esqueceu-se de que *in cauda venenum*. De feito o amigo de Pedro Nunes em alguma parte tinha veneno escondido, porque não houve pejo de empeçonhar a velhice do velho cosmographo, e de deixal-o...

— *Caput mortuum*, atalhou um estudante de chimica.

—E de deixal-o a chorar o futuro da sua Guiomar.

—Pedro Nunes saberá resistir ao golpe da fortuna. *Impavidum ferient ruinæ*. Mas quem não resistirá de certo é Ayres Goyam...

—É verdade! sussurrou o côro. É verdade!

—Agora aposto eu que elle dá baixa á filha de Pedro Nunes...

— *Auri sacra fames!* exclamou beatificamente uma voz.

—Tambem tem razão que farte. *Aut Cesar aut nihil.* Ou genro de Pedro Nunes ou genro... de qualquer outro dr. que não acredite em amigos.

N'isto avistou-se a distancia o estudante Ayres Goyam. Um grito unisono o saudou, e elle, traduzindo immediatamente o sentido d'essa vozeria enorme, correspondeu de lá com o mais cynico sorriso que póde exhibir as arcadas dentarias d'um sujeito, o qual sujeito tenha a alma mais pequena do que a bocca.

—*Me adsum!* gritou Ayres Goyam.

—*Infelix Dido!*...

— *Macte animo!*

Entrementes aproximou-se Ayres Goyam.

Fizeram-lhe circulo os estudantes. O boato, propalado especialmente para elle, chegára-lhe aos ouvidos augmentado com o *ponto* tradicional de quem conta um *conto*.

—*Infelix Dido!*... repetira um dos estudantes.

—Que farás da *misera e mesquinha*, como diz Luiz de Camões no poema? interrogou outro estudante.

—Farei... o que ella fizer de si mesma? respondeu Ayres Goyam.

—Não lhe receias as iras? perguntou outro.

—Passarás por mentiroso...

— *Omnis homo mendax*, respondeu galhofeiramente Ayres Goyam.

—Dizem que é assomada a misera Guiomar?...

—Ui! se é!

—Portanto começará a levantar celeuma...

—Que importa o que ella disser? *Testis unus, testis nullus*.

—É verdade, e... *tarde venientibus ossa*...

Gargalhada geral.

—Mas tu amaval-a, Goyam?

—Eu!

—Pelo menos, cantaval-a...

—Pobre cysne! Está em secco, como os cysnes de Santa Cruz...

É preciso explicar esta allusão. Quatro annos antes, quando D. Sebastião visitou Coimbra, e entrou ao mosteiro de Santa Cruz, fez reparo em que a fonte do claustro da Manga [1] estivesse secco e os quatro cysnes do

[1] Chama-se *da manga* o claustro, porque D. João III o mandara fazer pelo desenho que traçara na *manga* do seu roupão.

tanque a pé enxuto e como que despeitados de tamanha escacez d'agua.

D. Sebastião interrogou o prior, que respondeu:

— Quando se fez o aqueducto, levaram-nos para abastecel-o algumas nascentes, e asssim é que ficaram seccos estes tanques. Visto que vossa altesa nos mandou tomar a agua, querem agora os cysnes dar-se por aggravados.

D. Sebastião, que não estava n'esse dia mal assombrado, festejou o dito do prior, e logo ordenou que da agua tomada para o aqueducto da cidade se desviasse a precisa para abastecer o claustro. Todavia, o cardeal infante D. Henrique, que estava presente, replicou que não cabia no possivel a concessão, porque toda a agua era precisa para consumo da cidade, e que já a obra da canalisação estava concluida.

El-rei, como se não tratava de guerrear em Africa, não porfiou, e os cysnes de Santa Cruz ficaram em secco, como estavam.

— Mas agora deixo de trovar, observou Ayres Goyam. Bem sabeis que *Satur est, cum dicit Horatius evohé!*

E outro estudante repetiu distraidamente a ode de Horacio a que tinha alludido Goyam:

Evohé, recenti mens trepidat metu,
Plenoque Bacchi pectore turbidum
Lætatur.....

Suspendeu-se de subito a parlanda. Um famulo do bispo D. Manoel de Menezes aproximara-se do grupo, e perguntara pelo estudante Ayres Goyam.

— Sou eu, respondeu o estudante.

— Fazei a mercê de me attender, que tenho que vos dizer á puridade.

E famulo e estudante afastaram-se do grupo, que ficou commentando o caso.

VII

Foi extraordinario o que se passou na alma de Guiomar.

Espirito superior ás fraquezas que commumente amollentam a organisação da mulher, soubera reprimir, na presença do pae enfermo e annoso, a tempestade que lhe escaldára o seio, mal que lhe soaram aos ouvidos as primeiras palavras da terrivel revelação.

Guiomar conhecia de sobra que a existencia de seu pae pendia sobre os abysmos da morte, suspensa unicamente por um dos tenues fios que nos prendem ao mundo. Se ella deixasse resfolegar, no primeiro momento, o tremendo torvelinho em que o amor e o ciume se digladiavam na sua alma, tanto bastaria para fazer estalar esse debil laço que prendia a decrepitude do doutor Pedro Nunes, velha reliquia da sua mesma gloria, ao forte coração da filha, do qual recebia alento e amparo.

Outra mulher, dementada pela profundesa do golpe imprevisto, haver-se-hia deixado subjugar, alli mesmo,

sem calcular os perigos a que expunha a velhice de seu pae, pela violenta allucinação do ciume.

As lagrimas seriam a primeira manifestação d'essa dolorosissima surpresa, porque todas as nossas dores mais profundas, mais vivas, mais dilacerantes, são um mixto de noite e aurora, que primeiro traz orvalhos e depois incendio.

E ainda por outra razão é verdadeiro o *simile*. Depois da cerração da tormenta, na terra, no mar, ou no coração, alvoreja a doce claridade da bonança,—a manhã bemfaseja da resignação ou do esquecimento.

Isto disse Camões:

> Depois de procellosa tempestade,
> Nocturna sombra, e sibilante vento,
> Traz a manhã serena claridade,
> Esperança de porto, e salvamento...

Mas, antes do esquecimento ou da resignação, que pungente desatar de vinculos estreitados pela alegria e pela esperança, essas duas formosas castellãs da idade media do coração, que vivem occupadas em entretecer coroas de rosas para o festim da felicidade!

Esqueceu-se ou resignou-se Guiomar?

Nada d'isso.

Outra mulher, como iamos dizendo, haver-se-hia deixado empolgar nas curvas garras do demonio do ciume, que tem por cortejo infernal a tribulação e o desespero.

O velho cosmographo-mór finar-se-hia de magua sentindo desabar sobre a sua velhice o edificio da felicidade da filha, loucamente architectado por ella e imprudentemente desmoronado por elle. Mas Guiomar, se tinha a credulidade da mulher, tinha a virilidade dos avalleiros d'Alcacerquibir, seus contemporaneos.

Queria averiguar a verdade, não para requeimar a alma nos incendios do desespero até que, apagadas pouco e pouco as chammas vorazes, se deixasse narcotisar pelo esquecimento ou serenar pela resignação; —mas unicamente e resolutamente para se vingar como a legendaria Medea, a heroina da tragedia.

Como se pactuára entre pae e filha, divulgou-se o boato da ficticia pobresa do cosmographo-mór. O boato, como todos os que se teem inventado e os que se hão de inventar, propagou-se com a rapidez d'uma epidemia.

Já o ouvimos commentado n'um circulo d'estudantes com as alatinadas facecias do tempo; já sabemos que o academico Ayres Goyam postergára os seus juramentos d'amor e fidelidade quando tivera conhecimento da desgraça de Pedro Nunes, e conseguintemente da filha.

A natureza é tão caprichosa, que muitas vezes dispõe que um grande birbante se pareça com um grande homem. Em não se sentir poeta quando tinha a barriga vasia, se parecia Ayres Goyam com Horacio Flacco: *Satur est, cum dicit Horatius evohé*!

Ora, fallando verdade, aquelle memorando anno de 1574 não ia muito de feição para maridos pobres. Em terras de Traz-os-Montes e Entre-Douro-e-Minho lavrava geral esterilidade. Os pobres, comidos os ultimos fructos, foram-se com os filhinhos ao collo, peregrinando de serra em serra, bater á porta do santo arcebispo de Braga, e a todos, em numero de tres mil, esmolava frei Bartholomeu dos Martyres dinheiro, pão, carne e caldo.

Ayres Goyam é que não estava disposto a lazerar de modo que tivesse necessidade de demandar o paço de Braga e comer as verças do caldeirão dos pobres.

A perspectiva de noiva pobre arrefeceu-lhe n'esse dia

o estro d'umas trovas que, mudado o vocativo, serviam para quantas damas o volteiro galanteador requestava. Logo fez proposito, como teve conhecimento do boato, de não as reproduzir em centesima edição, sem encontrar um novo dote com menos probabilidades de baldar-se que o da filha de Pedro Nunes.

«Ai de ti se me enganas!» dissera-lhe muitas vezes Guiomar Nunes.

Era uma ameaça? Doces ameaças! pensava Ayres Goyam. Quantas vezes não tinha elle ouvido essa phrase ternamente ameaçadora! Estava habituado á melodiosa duresa d'esse grito de medo e amor. Que importava que a filha do celebre inventor do *nonio* tivesse frequentes impetos de genio fogoso? Era mulher, pensava elle, e todo o coração de mulher, segundo a theoria de Ayres Goyam, é um copo d'agua, que a menor labareda põe em ebullição, e que a menor ebullição encapella em tempestade. Mas, pequena nau, pequena tormenta. O copo d'agua não supporta grandes vagas, e Guiomar não podia alienar a indole de mulher. Havia de inquietar-se e serenar como tinha acontecido ás outras, quando Ayres Goyam achava que os paes pompeavam fausto que defraudava a ligitima das filhas, ou que as filhas, cedendo á fascinação do seductor, defraudavam a honra dos paes.

Portanto, sem a menor suspeita, acompanhou o famulo do bispo D. Manoel de Menezes, que o estava esperando na antiga egreja de S. João, contigua ao paço episcopal. Dizemos antiga egreja de S. João, para que o leitor sabido em archeologia portugueza nos não surprehenda em anachronismo.

Diz o snr. Antonio Francisco Barata, em annotação á *Historia breve de Coimbra*, por Bernardo de Brito Botelho: «A igreja de S. João de Almedina é moderna e fundada sobre outra mais antiga. Foi obra do bispo

D. João de Mello, que governou a diocese até 1704. Em 1087 já estava edificada a antiga, porque ali foi n'aquelle anno sepultado o bispo D. Paterno.» *(Benedictina Lusitana*, pag. 332) «Tinha a capella-mór ao nascente, porta principal ao poente, travessa ao sul.» *(Coimbra gloriosa*, tom 1.º, cap. 4.º) No seculo XII havia sido renovada pelo bispo D. Bernardo.»

Esta divagação historica justifica-se com o receio de que o leitor não dê credito á veridica narrativa que vimos desenvolvendo, por o obrigarmos a entrar em 1574 n'um templo fundado por um prelado conimbricense que governou a diocese desde 1684 até 1704.

Guiomar estava prevenida da hora da conferencia do bispo com o estudante; o dr. Pedro Nunes tinha igual prevenção. Suppunha o cosmographo-mór que sua filha fiaria do testimunho do prelado; mas Guiomar resolvera assistir, sem ser vista e sem avisar Pedro Nunes, a esse austero interrogatorio que ia decidir do seu destino. Furtivamente entrou no gabinete do pai, e tirou d'uma gaveta um rico estojo de barba com que el-rei D. Sebastião presenteára, annos antes, o seu erudito mestre. Os leitores d'este livro já sabem que os portuguezes usaram barbear-se desde o reinado de D. Fernando. Depois de guardado o estojo na algibeira, sahiu Guiomar. Entrou cautelosamente no templo. A religiosa penumbra da nave protegia o mysterio. Foi caminhando, pé ante pé. Parou n'um recanto sombrio, onde já era audivel a discreta conversação do bispo e do estudante, que, a esse tempo, respondia desbragadamente:

— Saiba vossa senhoria illustrissima que faltou á verdade quem ousou dizer que eu prometti casamento á filha do dr. Pedro Nunes...

Uma cousa extranha se passou então.

Ayres Goyam sentiu de repente a pressão herculea d'um braço inflexivel, e logo a dôr fina e aguda da inci-

são d'um ferro, que lhe rasgava a face. O bispo, perturbado e atonito, conservava os braços abertos, como se quizesse suspender o impeto d'alguem.

Guiomar Nunes, a *dama da cutilada*, como a historia a alcunhou desde esse momento, fizera justiça por sua propria mão.

Grande mulher, digna d'uma navalha de barba doada pelo guerreiro D. Sebastião!

VIII

Ayres Goyam, esporeado pela dôr lancinante do golpe longo e profundo, sahiu arrebatadamente do templo, atabafando a face com o lenço.

O bispo, recobrado do primeiro assombro, comprimiu com vigor o braço de Guiomar, e, encarando n'ella, disse imperiosamente:

—A que má tentação cedeu, Guiomar! Mas agora convem evitar maiores damnos. Ayres Goyam foi de certo amotinar a academia. Recolha-se ao meu paço, filha, para tomar qualquer disfarce com que possa recolher-se, pelo menos temporariamente, ao mosteiro de Santa Clara. Vou já mandar previnir minha irmã, a madre abbadeça... Ande, Guiomar, ande, que não ha tempo a perder.

A filha de Pedro Nunes dir-se-hia a athletica estatua de Minerva, a deusa d'aspecto guerreiro, talhada em marmore, e collocada, por impio acinte, no templo do meigo Jezus, ao alcance d'um raio de sol, coado por uma fresta colorida, e tremulante sobre a lamina da na-

valha. Ó notabilissimo contraste o d'essa viril figura, maculada por duas gotas de sangue, ameaçadora e formosa da formosura das Antiopes e Penthesileas, com as pallidas imagens das santas, anichadas na escuridão dos altares, emmagrecidas pela penitencia, e desluzidas no casto olhar que o esculptor copiou talvez d'uma virgem moribunda!

E relevando no meio d'estes contrastes, como a ligar os oppostos extremos da antithese, o vulto indefinido do bispo, meio religioso e meio profano, mixto de paixões terrenas e de vestes sagradas...

Como que estava petrificada Guiomar, mas D. Manoel de Menezes, augmentando a pressão do seu braço não desnervado ainda, tirou por ella com violencia, e arrastou-a para a porta por onde deviam passar á residencia prelaticia.

A esse tempo, porém, já o escandalo trovejava na cidade e tocava, como centelha eletrica, os animos inflammaveis dos estudantes.

Começavam a juntar-se grupos, que se poderiam considerar outros tantos areopagos.

Ahi se commentava, com a mais nervosa agitação dos vinte annos, a audaz façanha da filha do cosmographo-mór, e se sentenciava ella propria ás crueis represalias que a phantasia ardente de muitos rapazes póde imaginar.

—Incendeie-se o paço do bispo! propunha um.

—Prenda-se o bispo, e cortem-se pés e mãos á nova Medea! gritava outro.

—Deite-se da janella abaixo, que é mais simples! lembrava um terceiro.

—E' este um aggravo que requer alçada! zombeteava finalmente um dos mais esturdios do rancho.

E confundiam-se os alvitres e as vozes, de modo que se annunciava temerosa a tempestade resultante de tão confusos elementos.

Entrementes medicava-se Ayres Goyam, e, como se o incendio interior bastasse a cauterisar as sarjas abertas na face, sahiu a bandear-se com o primeiro grupo que encontrou, e que se havia engrossado pela confluencia d'outros grupos.

Dentro em pouco sobrepôr-se-hão as camadas de estudantes umas ás outras, como se formam as stallactites, até que por um abalo subito role vertiginosa e cega a mó tremenda.

Não decorrido grande lapso de tempo, viu-se refluir a turba-multa a um unico ponto, e alastrar-se em circulo á roda d'um serviçal do paço, que parecia sahir incumbido de missão urgente.

—Ahi vem a ronda! annunciou um estudante arvorado em gageiro de tão batida nau.

—Em má hora virá, se vier! respondeu outro.

—De chuços e partasanas não nos arreceiamos nós, quando se trata de vingar a honra da classe!

—E mais não usamos bacinetes nem couraças!

Effectivamente, o meirinho e o escrivão das armas, seguidos dos seus homens, vinham postar-se em frente do paço do bispo, e estacavam na mais comica das attitudes, conscientes de poderem comparar-se á rez fraca e ameaçada pela fauce voraz do leão enfurecido.

Não tentou siquer a ronda da Universidade ir arrancar o criado do bispo ás garras da estudantada. Postou-se militarmente, e deixou-se ficar muda e queda, em quanto o preso era ferozmente interrogado por um dos estudantes, que o havia filado pelo gasganete.

Depôz o serviçal do paço que D. Manoel de Menezes o mandara ao mosteiro de Santa Clara, prevenir sua irmã, a madre abbadessa, de que se preparasse para receber immediatamente a filha de Pedro Nunes.

Um rugido tremendo saudou a denuncia do criado, que se viu immediatamente liberto, sendo coagido a ir

umprir a missão, porque favorecia os planos de vingança concebidos pelos academicos, e sendo ameaçado em sua vida se revelasse ao bispo uma unica palavra do que se passára.

O antigo mosteiro de Santa Clara era, como é o moderno, situado na margem esquerda do Mondego.

O bispo, quando o serviçal recolhesse, atravessaria naturalmente a ponte, salvaguardando com a sua presença a criminosa Guiomar, acompanhado pela ronda da Universidade, e pelos seus familiares armados de partasanas.

Ahi estalaria o trovão. Emquanto uns arremettessem contra os quadrilheiros, deviam outros prender o bispo, e apossarem-se de Guiomar.

Este era o plano.

Portanto a irrequieta chusma foi conglobar-se na ponte, onde aguardou os acontecimentos com a impaciencia juvenil que se traduz ora em gritos, ora em rugidos, e sempre em febre.

Ondejava um vagalhão de cabeças entre os dois parapeitos da ponte, como escamas palpitantes d'um monstro fabuloso que se estivesse ali espojando para arremetter sanhudo contra o desprevenido viandante.

Estranha sphynge é, certamente, a mocidade, sempre enygmatica como a da fabula!

Foram decorrendo as horas.

Lentamente, como esfria a cratera d'um vulcão, arrefeceu a sanha dos academicos, não o proposito de desaffrontarem-se. Já não mutilariam, talvez, Guiomar; contentar-se-hiam com fazel-a banhar no Mondego, ou com obrigal-a a beijar *escandalosamente*, na presença do bispo, a face que pouco antes golpeára.

Alguns academicos começavam a rir da proesa e a celebrar a heroina, enfileirando-a a par de Celinda, Deosadeu Martins, e outros viragos illustres!

O bom humor da mocidade principiava a transpirar por entre o resentimento dos academicos. Veio a facecia substituir o rugido. Os leões iam-se volvendo homens, e tão homens, que, querendo um rancho de mulheres, carregadas de roupas do mosteiro, atravessar a ponte, elles immediatamente lhes abriram alas, e as deixaram passar beliscando-lhes levemente os brancos e polpudos pescoços, e recebendo-as com as alegres malicias de rapazes em liberdade.

Entretanto ia declinando o sol.

Começavam a aborrecer-se os grupos, o que seria uma felicidade para Guiomar Nunes, se ella não estivesse a essa hora a coberto de todos os perigos.

Um dos muitos estudantes, que tinham ido para debaixo das janellas do mosteiro chasquear a abbadeça receptadora de mulheres criminosas, e que igualmente franquearam entrada ás serventes, veio affirmar aos da ponte, seguido dos que o acompanharam, que vira Guiomar Nunes assomar a uma das janellas gradeadas e sorrir-se triumphantemente para elle.

Portanto, havia a heroina zombado da espertesa dos academicos, passando na ponte dentro d'uma das canastras cobertas de roupa.

Uma gargalhada unisona acolheu a noticia. Ayres Goyam tambem riu.

Aquella mulher começava a ser epica!

IX

Riram a bom rir, como já dissemos, os estudantes, e rindo, e folgando, e vozeando piccarescamente se levantou o bando alegre, esvoaçando nas azas rutilantes da mocidade, até poisar em frente do mosteiro de Santa Clara, d'entre cujas ruinas ainda hoje remurmura o echo das virtudes da rainha Isabel.

Acampou a garrula turba sob as janellas que logo— ó irreverencia affrontosa para a memoria de D. Maior Dias, da esposa de D. Diniz, e outras virtuosas almas que santificaram aquella clausura!—se povoaram de cabeças embiocadadas no habito monastico. Eram differentes os sentimentos, que alvoroçavam a communidade. As raparigas fingiam-se assustadas para espreitar os estudantes; as velhas, verdadeiramente attribuladas por obediencia ao seu prelado, chegavam tambem á janella para sondar os movimentos do inimigo. Já as decrepitas religiosas reprehendiam a imprudencia de Guiomar Nunes, por haver revelado o segredo do seu escondrijo, quando a academia, conhecendo o que se passava de grades a dentro, pediu em altas vozes in-

teira liberdade para quem quizesse chegar á janella, especialmente para a filha do cosmographo-mór, sob pena de incendiar o mosteiro.

O' horror!

Esta ameaça ribombou dentro da clausura como um echo das regiões malditas. Não havia remedio senão obedecer ao poder de Satanaz representado n'aquella legião de espiritos maus. Persignaram-se as religiosas, e logo appareceram na janella as que voluntariamente se reputavam victimas da fascinação macabra.

Os estudantes vozearam de novo intimando Guiomar Nunes a apparecer.

A abbadessa soltou-a dos braços, e Guiomar appareceu.

Então estrugiu nos ares a alegre celeuma dos rapazes, que a receberam com applausos estrondosos.

A abbadessa, acolytada por quatro monjas espavoridas, estremeceu de horror ouvindo dentro a festiva vozeria que sacrilegamente reboou na claustra.

Immediatamente a faceta musa escholastica entrou de versejar improvisos encomiasticos da façanha, os quaes improvisos por mais d'uma vez descerraram irreverentemente os labios das religiosas que os ouviam.

—Que recitam elles? perguntou para as janellas a abbadessa.

—Hymnos a Satanaz! respondeu uma das meninas menos embiocadas no habito.

E a turba gritava fóra:

—Viva a *dama da cutilada!* Viva a heroina de Coimbra! Viva!

E, por muitas vezes, reconheceu Guiomar Nunes a voz da sua victima!

O' incomprehensivel mocidade! por isso eu te chamei sphynge! Ainda ha pouco ameaçavas; agora ris! Que feliz que tu és, ó louca, ó alegre, ó expansiva mocidade!

Bate as palmas, n'aquelle improvisado *outeiro*, um poetastro da academia, e declama estes versos que hoje nos parecem inspirados por um copo de capilé:

Senhora D. Guiomar,
Moradora na Calçada,
Que déstes a cutilada;
Senhora D. Guiomar,
Que moraveis na Calçada,
Mereceis tença d'el-rei
Pois déstes a cutilada.
. . . . . .

Oh! mas o sangue ardente e vertiginoso da mocidade tudo avigora e aviventa... até os monotonos versos, que foram ruidosamente recebidos, e enthusiasticamente repetidos!

A esse tempo o bispo D. Manoel de Menezes preparava o cosmographo-mór para lhe revelar os acontecimentos, que a sua espertesa soubera levar a bom desfecho, e a onda prateada do Mondego rolava mansamente sob os salgueiros, arrastando para o vasto oceano da historia a memoria tragico-comica da *dama da cutilada*.

III

O TERREIRO DO PAÇO

O TERREIRO DO PAÇO

Hoje deixou de ser *Terreiro do paço*, não obstante dar-se-lhe ainda vulgarmente a antiga denominação: hoje é *Terreiro dos passos*... quasi sempre *perdidos*.

Na Lisboa do seculo XVI este era o passeio favorito da nobreza e da burguezia, que, a cavallo e a pé, concorria, por tardes calmas de estio, a refrigerar-se nas brisas que sopravam do Tejo, e iam esmorecer d'encontro á sumptuosa fachada dos paços da Ribeira.

Na Lisboa do seculo XIX esta é a estancia aberta em elegantes arcadas á chusma dos martyres do pretender; este é o ponto de reunião dos que mendigam honras e officios; dos que estão empenhados em salvar a patria e soffrem as dôres que precedem a demorada parturição das grandes ideias politicas.

Quantum mutatus ab illo!

Antigamente tuda eram festas; borborinho de pagens, ruido de cascaveis, porfia de anafis e charamellas, d'aquellas paredes a dentro; — luxo, esplendor, ostentação.

Actualmente tudo é confusão de candidatos; fluxo e refluxo de continuos, correios e serventes; tudo politica, solicitações, requerimentos para despacho, e cartas de valimento.

Grandeza, que vagamente recorde a côrte manuelina, não a ha: desappareceram os damascos de Genova, e as grandes talhas de loiça da India, engrinaldadas de flôres pouco antes colhidas no jardim real contiguo ao paço.

Os sophás d'hoje em dia estão, nas salas dos ministerios, desbotados pelo attricto de mil e um pretendentes; tem cahido sobre elles, com o enorme peso do desespero, muito corpo desalentado, muita eleição ludibriada, muito campanario desprotegido...

Que só n'uma coisa relembra o actual Terreiro do Paço o antigo sitio do mesmo nome: em bugiar por lá muita gente.

Filippe II mandou construir, rematando sobre o Tejo, o forte que terminava a parte dos reaes paços voltada ao oriente. Presidiu á construcção o architecto Philippe Terzo, que, por ser alagadiço o terreno, assentou os alicerces do forte sobre estacaria. Eram os espeques fincados com o auxilio d'um engenho a que chamavam *bugio*, machina sobremodo pesada, que demandava grande impulso braçal. Para mover o *bugio* arrebanhavam-se os vadios e ociosos que enxameavam nas ruas e praças de Lisboa. D'ahi veio o mandar-se bugiar as pessoas que nos incommodam. Pois ficou o proverbio e o costume. No Terreiro do Paço ainda hoje bugiam os candidatos. O terremoto deu com tudo em terra. Já não ha palacio real, nem forte, nem jardim, nem siquer bugio. Mas ha o verbo e o officio, que é o mesmo que subsistir o engenho.

Os ministros mandam ainda bugiar como a policia lisbonense no tempo de Filippe II.

Quando o diccionario da Academia chegar á letra B, *bugiar* hade ter por synonimo *pretender*.

A differença está apenas em tres seculos d'intervallo.

Em tudo o mais fez o tempo profundas alterações.

Antigamente sahiam e entravam aquellas portas, que deitavam para o terreiro, os reis de Portugal, precedidos dos porteiros da cana, dos reis de armas, dos moços da estribeira, do estribeiro-mór e seguidos de numerosissima comitiva de fidalgos; os deputados da Meza da Consciencia e o seu presidente, clerigo de primeira nobreza e reitor nato da Universidade; os cinco desembargadores, o presidente, e os sete escrivães do desembargo do paço; os tres veadores, tres juizes e o procurador da Fazenda, porque n'aquelle tempo as principaes repartições publicas funccionavam no paço real.

As actuaes secretarias d'Estado são invenção d'el-rei D. João V. Por alvará de 28 de julho de 1736 foram creadas tres, uma para os *negocios interiores do reino*, outra para os *pertencentes á marinha e dominios ultramarinos* e a terceira para os *negocios estrangeiros e da guerra*.

Outra invenção de D. João V foi o tratamento de *senhoria* concedido aos secretarios de estado pelo mesmo alvará, e elevado ao de *excellencia* trez annos depois.

Até n'isto houve mudança.

Agora estamos muito mais civilisados. Estes casos de pragmatica não são obrigados por lei. Na duvida, em a gente entrando n'uma secretaria d'estado, espalha *excellencias* por toda a parte.

Os provincianos, deslumbrados pelos galões auriluzentes dos correios, dão-lhes excellencia, e, como não ha modernamente lei alguma para este caso, os correios não ficam fóra da lei ficando dentro da excellencia.

Reatando. Agora entram e sàiem aquellas portas os empregados do ministerio, funccionarios habeis, que descobriram o segredo de sahir mais vezes do que entram; os ministros grandemente habituados a entrar e sahir... do poder, e a alluvião enorme dos pretendentes, de feitios diversos e diversissimas qualidades.

Do ministerio da justiça saiem por via de regra as pança abbaciaes; os bachareis, que são aspirantes a delegados, ainda nedios de pomadas francezas, e os delegados aspirantes a juizes, tambem nedios, mas já de pomadas nacionaes, isto é, da orelheira, a boa gordura suina, com que teem retemperado a fibra por essas comarcas sertanejas.

Do ministerio do reino, os famintos professores de instrucção primaria, os administradores de concelho, que vem queixar-se dos governadores civis, e os governadores civis que vem queixar-se dos administradores; finalmente, os deputados, que fazem da arcada uma especie de torre de babel, onde cada um representa a prosodia da sua provincia.

Do ministerio das obras publicas, os empreiteiros, sujeitos ordinariamente de muitas carnes e anneis; os engenheiros, um pouco chamuscados da canicula, e os concessionarios de carris americanos.

Dos estrangeiros, os consules, pessoas adamadas, que fallam logo na Russia e na Hollanda; os empregados de legação em disponibilidade, e um ou outro estrangeiro, que vai fazer uma ou outra reclamação pessoal e pergunta *pela ministra.*

Da marinha, os guarda-marinhas, que vão pedir para embarcar; os tenentes da armada, que vão pedir para ficar em terra; e os contra-almirantes que vão pedir pelos tenentes d'armada e pelos guarda-marinhas.

Da guerra, alguns alferesinhos de *biscuit* e alguns generaes de barro d'Estremoz: tudo quebradiço.

Mas que importa o que hoje succede? O livro é antigo; pois seja. Reponha-se o leitor no velho Terreiro do Paço. Ainda se faz mais. Repõe-se deante da Lisboa do seculo XVI, se abrir o II volume do *Archivo Pittoresco,* a pag. 241. Poderá vêr ahi a configuração do primitivo terreiro, e do paço, comquanto lhe falte

o torreão e o forte, por ser a planta anterior a Filippe II.

A sumptuosa edificação de D. Manuel occupou primitivamente parte do lado norte da praça, e depois, para satisfazer á ostentação do rei venturoso, correu para oeste até deixar rociar pela vaga do Tejo as flôres do seu jardim. Junto ao palacio ficava o deposito do material de guerra, chamado *armazem d'armas*, onde figuravam estatuas de cavalleiros armados de ponto em branco, e armaduras bastantes a apparelhar para a guerra um exercito de setenta mil homens. A *casa da India* fazia continuação ao arsenal.

A casa da India! O que isto queria dizer de temperos calidos, de excitantes especiarias, de pedrarias reluzentes, de riqueza oriental, emfim! Havia n'esta repartição quatro mezas: na primeira, despachavam-se roupas e pedras preciosas; na segunda, drogas; na terceira, davam-se a rol os soldados que iam para a India; na quarta, cobravam-se os direitos remettidos das duas mezas anteriores.

Para o lado oriental do terreiro ficava o mercado principal da velha Lisboa; para o occidental, a *Ribeira das naus*, isto é, o arsenal de marinha, quasi na mesma posição do actual.

Pela Rua Nova, (*) onde affluiam todos os negocian-

(*) Esta rua, mandada construir por D. Diniz, tinha na sua maior largura 60 palmos. Da da Prata, assaz importante em 1551, e pertencente á freguezia da Magdalena, lê-se a pag. 32 do *Panorama*, tomo II:

«Ainda no reinado de D. Manoel era tão estreita a rua da Prata, que não podiam passar por ella cavalgaduras que fossem carregadas; e para que alguem não tentasse levala-as por alli, tinham os moradores privilegio d'el-rei para o embaraçarem, o que fizeram, pondo dois marcos ou columnas de pedra, assentados no meio dos topos da rua, deixando apenas a largura necessaria para passar um homem a cavallo.

tes, e pela rua Aurea, onde se vendiam objectos de ouro, se fazia o principal transito para o Rocio, onde o infante D. Pedro, regente do reino, e tio de D. Affonso V, mandou edificar o palacio dos Estaus para hospedar os embaixadores, e onde, meiado o seculo XVI, se hospedaram os santos inquisidores. Tambem no Rocio ficava o Hospital de Todos os Santos e, contiguas aos Estaus, as cavallariças reaes.

Mas quão agradaveis tardes deviam de ser essas

No tempo de D. Affonso VI o senado da camara mandou alargar a rua, de modo que coubessem por ella tres carroças emparelhadas; porém a largura que hoje lhe vemos, só lhe foi dada depois do terremoto de 1755.

Antigamente costumavam os ourives d'aquella rua, no dia da Senhora da Assumpção, alevantar por toda ella, altares de um e outro lado, em que punham a Imagem da Virgem, com muitos cirios e festas; porque elles a tinham, não sabemos porque, em conta de sua especial advogada.»

Não supponha, porém, o leitor que o Rocio e Terreiro do Paço, hoje vastos e aformoseados, deveram sempre á arte tamanho encanto. Primitivamente foram um braço do Tejo que se intromettia na cidade. Veja ainda o tomo II do *Panorama* a pag. 77:

«Vêdes vós essa estensa planicie que corre desde o Passeio publico até á Praça do commercio, essas ruas espaçosas e cheias de ruido, esses edificios de marmore, tão formosos e solidos?—

«Ha dez seculos n'esse lugar o que havia era um esteiro do Tejo por onde singravam barcas. Em vez d'essas lojas dos ourives, dos mercadores, dos capellistas, apenas havia ahi o remanso das aguas, e as centenas das embarcações grosseiras dos godos, e talvez ainda dos mouros.

«Fr. Luiz de Souza contando a fundação do convento de S. Domingos junto ao rocio diz que achava por memorias antigas que por onde hoje é a cidade baixa vinha antigamente um esteiro do mar, com fundo bastante para receber navios. O mesmo escriptor affirma que, abrindo-se uns alicerces para fazer um dormitorio novo n'aquelle convento, no anno de 1571, vira provas d'isto; porque se descubriu silharia de pedra bem lavrada, e de espaço em espaço grossas argolas de bronze, mostrando que houvera alli um caes, onde se amarravam navios. Tambem lá se acharam muitas cascas de mariscos.

alegre e familiarmente deslisadas no Terreiro do Paço, ahi pelo decurso do seculo XVI, quando os fidalgos fallavam da praça para as janellas, e das janellas lhes respondiam para a praça!

D. Manoel ou D. João III algumas vezes sahiriam ao balcão a palestrar chanmente com os guapos cavalleiros do terreiro.

Não cause estranhesa esta velha familiaridade hoje incompativel com os costumes da moderna côrte.

João Baptista de Castro, no tomo I do *Mappa de Por-*

«Quando D. Affonso Henriques tomou aos mouros a cidade, era o principal assento d'ella o monte do castello; d'ahi se estendia um bairro populoso, e talvez o melhor, pela encosta que vae dar ao Tejo: vinha a ser este bairro a nossa Alfama, que tantos vestigios conserva da sua mui remota antiguidade. Parece que já n'esse tempo as terras esboroadas dos montes que correm por um e outro lado do valle tinham entulhado muito o esteiro, tornando-o facil de vadear porque os arrabaldes corriam tambem pela encosta do monte onde hoje está o Carmo, e pelo lado da moderna rua dos Martyres e de S. Frrncisco. Era n'estes arrabaldes onde os estrangeiros, que ajudaram a D. Affonso Henriques na conquista de Lisboa tinham assentado os seus arraiaes, e acomettendo elles a cidade pelo lanço de muro que corria pouco mais ou menos por onde hoje é a rua das Pedras Negras, necessariamente deviam passar pelo valle; e se ahi houvesse ainda um esteiro profundo a empresa teria sido difficilima, senão impossivel.

«Entretanto a cidade baixa ficou ainda por seculos sugeita ás irrupções do rio, que junto ás aguas que no inverno se despenhavam do monte de Santa Anna, e ás que vinham do lado de Andaluz faziam grandes estragos. O já citado Fr. Luiz de Souza conta que muitas vezes a agua entrou no convento de S. Domingos arrasando tudo quanto encontrava, e o mesmo devia acontecer aos outros edificios que estivessem n'aquelle nivel. Não eram só as torrentes das chuvas que faziam estes estragos; era tambem o mar que entrava pelos canos publicos, e talvez por cima das ruas; tão pouca elevação tinha a terra acima da superficie do mar. Os seculos que tudo mudam, teem feito com que hoje a mais bella porção da nossa capital esteja livre de semelhantes ruinas.»

tugal, refere que: «Eram os reis tão benignos, e humanos, que quando iam pelas ruas, e viam alguns homens nobres á porta, se detinham e fallavam com elles.» Naturalmente, algumas vezes recordaria D. Manuel aos fidalgos de mais intimo trato no paço, e que passeavam no terreiro subjugando os cavallos com elegantes ademanes, que n'essa noite havia auto de Gil Vicente, ou motetes solfejados por Damião de Goes ou por qualquer dos musicos celebres da côrte de D. João II, que não estivessem ainda inutilisados, como era o Sarzedo, Fonte, Francisquilho, que simultaneamente tangia e cantava, Arriaga, o Vaena, e o cego de quem Garcia de Rezende diz:

> ho cego que gram saber
> nos orgãos!...

Tudo grandeza n'aquelle Terreiro do Paço, de ha tres seculos! Desde D. Manoel até D. João V a fada da realesa despejou sobre aquella porção de Lisboa a sua cornucopia de encantados thesoiros.

Até na epocha da maior desgraça porque Portugal tem passado—a perda da sua independencia—manteve o Terreiro do Paço o seu velho caracter de festa, riquesa e alegria! Leia-se João Baptista Lavanha na descripção da «Viagem da Catholica Real Magestade de El-Rei D. Filippe II N. S. ao reyno de Portugal.»

Ó Tejo, ó pacifico, ó crystallino, ó poetico Tejo! como toleraste, sem te ensoberbeceres iroso, tamanho escandalo, tão repugnante e hedionda torpeza de portuguezes!

Pois então, para te fazer corar, ouve lá, não toda a descripção do servil Lavanha, o que seria peior do que escrevel-a, mas ao menos, e de leve, o que particularmente se refere a esse teu antigo visinho,—o Terreiro do Paço.

«Digo, que chegou a Real a um caes que para a des-

embarcação de sua Magestade se fez na praça do Paço sobre mui grossas vigas, cobertas de duas ordens de taboas umas sobre outras desencontradas para sua maior firmesa. Tinha de comprido 250 palmos com que chegava tanto dentro na agua em altura que igualava a Pôpa da Real, era a largura de 50 palmos, e da mesma baixava uma escada em que se pudera desembarcar sua Magestade, e aos lados havia outras duas de 15 palmos de largo, para a desembarcação das outras pessoas. Cerrava-se este caes de uma e outra parte com 260 balaustres de madeira torneados, dourados e prateados, divididos a espaços convenientes com 26 pedestaes: sobre seis d'elles havia seis estatuas do tamanho natural, eram de cera branca, fingiam ser de marmore de boa esculptura, das tres que ficavam á mão direita a primeira representava Lisboa, a segunda o Zelo e a terceira a Verdade, as outras tres da mão esquerda, eram a Fidelidade, o Amor e a Obediencia. Lisboa tinha os braços abertos com os quaes mostrava receber a sua Magestade, e no seu pedestal estava escripto este soneto:

De largas esperanças sustentada
(Que um ardente desejo não descança)
Vivi Principe Augusto na esperança
De vossa Real presença desejada.

Hoje que o ceu me mostra a suspirada
Luz, nunciadora de *immortal bonança,*
Quam prolongada foi minha esperança
Seja vossa demora dilatada.

Entre as outras Cidades na opulencia
Rainha sou, no clima, e na riqueza
De esforço, e lettras, clara em dignidade.

Ajuntai-me ás demais esta excellencia
Que sirva, sendo eu throno a tal grandeza,
O melhor, á mais alta Magestade.»

Mas—diga-se por amor da verdade e da honra nacional—se o Terreiro do Paço foi theatro d'uma grande vergonha, tambem o foi d'uma grande gloria e de uma alta proeza. Era o dia 1.º de dezembro de 1640. Ao bater das nove horas da manhã estavam na praça os quarenta da epopea. Abriram-se ao mesmo tempo os coches, aturba fidalga invadiu o palacio, e pouco depois o cadaver de Vasconcellos descia do alto da historia ao abysmo das iras populares.

E a revolução estava feita.

Grande prodigio! descommunal façanha!

O sangue, a primeira e ultima nodoa das revoluções, não ousou macular essa pagina da historia portugueza; —o sangue, a tinta encarnada com que se escreve, e o lacre vermelho com que se fecha o cartel trocado entre dois homens ou entre dois povos, não ousou colorir sinistra e levemente as espadas com que D. Filippa de Vilhena e D. Marianna de Lencastre armaram cavalleiros seus filhos!

Que de festas variadas, variados espectaculos e ruidosas alegrias, ahi, á beira do magestoso Tejo, já depois que D. João IV se sentou no throno!

Já estiveste, ó amplo Terreiro do Paço, convertido em praça de toiros para solemnisação d'uma festa nacional. Começava a declinar o sol do dia 6 de setembro de 1687. Lisboa inteira jubilava nas mil pompas com que se celebraram as bodas d'el-rei D. Pedro II com D. Maria Sophia de Neuburgo. A fabrica dos palanques, como diz Antonio Rodrigues da Costa na *Embaixada do Ex.mo Sr. Conde de Villa Maior*, compunha-se das galerias occidental e boreal do Palacio e de outras duas de madeira, em quatro ordens de varandas, a dentro d'uma trincheira pintada de varias côres. Os reaes noivos, e a senhora infanta, appareceram, n'um balcão de talha doirado, expressamente construido, emmoldura-

dos em cortinas de carmesim e oiro. Os ministros, os officiaes dos tribunaes e as damas da côrte tomaram logar nas varandas. Logo entraram na praça innumeras danças vestidas de velinhos de peso d'oiro e prata guarnecidos de rendas, e seguidamente o capitão da guarda de sua magestade, Alvaro de Souza, e o tenente Belchior Rodrigues de Matos, os quaes commandavam as duas alas da guarda real, vestida de verde com passamanes brancos, e fizeram as cortezias do estylo. Vieram após treze carroças, para regar a praça, que se dividiram em duas fileiras, ficando ao centro a que conduzia a collossal estatua de Neptuno. Todos os conductores das carroças figuravam de tritões. Sahida esta bicharia pagã, entraram toureiros castelhanos e portuguezes vestidos de tella encarnada, com capas para as sortes, e, morto o primeiro toiro, como preludio, appareceu o conde da Atalaya, D. Luiz Manoel de Tavora, seguido de cincoenta lacaios com casacas de velludo encarnado bordadas de froco de prata, os quaes cincoenta lacaios representavam a Europa, porque o conde teve a ideia de fazer representar o mundo n'aquella festa nupcial.

D. Luiz Manoel de Tavora, feitos os cumprimentos, matou á espada alguns toiros, e as primeiras tres vezes que mudou de cavallo fez-se acompanhar por outras tantas turmas de cincoenta lacaios, que vestiam ao estylo da Africa, Asia e America.

Tão afervorado andava o conde na matança dos toiros, que, ao puxar da espada para degolar um, rasgou o braço com profundo golpe. Encobriu, porem, o ferimento, e, só depois de morto o toiro, recolheu o cavalleiro para ser curado.

O gentil conde representou, pois, sem desluzir os encarecimentos do poeta, o ardor tauromachico dos namorados fidalgos de que já Camões fallava nos *Lusiadas*:

Qual no corro sanguino o ledo amante
Vendo a formosa dama desejada,
O toiro busca, e pondo-se deante,
Salta, corre, sibila, acena e brada:
Mas o animal atroce n'esse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os o'hos cerra,
Derriba, fere e mata, e põe por terra...

Interpostos alguns dias, houve nova corrida, toireando D. Lourenço d'Almada. O terceiro e ultimo dia de toiros foi, diz Rodrigues da Costa, do conde de Villaflôr, e, acabada a corrida, illuminou a praça um *jardim de fogo*, ideado pelo do conde da Ericeira...

Não prosigamos, leitor.

Tu estás triste, profundamente triste, bem vejo. E tens rasão, tu, que és pretendente, e que te lembras de que as toiradas actuaes no Terreiro do Paço são menos luzidas e recreativas. Agora o que lá se toirêa debaixo da arcada, é a opinião publica, leitor amigo, ella é que é lidada pelos toureiros politicos sem o vistoso espectaculo dos lacaios vestidos consoante o trage de todas as partes do mundo. Não sentes perpassar, depois do meio dia, por baixo da arcada, uma certa animação garrula, que nos entretem a todos, pretendentes ou não? E' a opinião publica, amigo. Ella lá vai, cada um lhe mette uma farpa e lhe estende a capa: é a toirada de todos os dias, menos dos domingos. Toma, porem, tento, leitor. Sabes que o conde da Atalaya se feriu no braço com a propria espada? Pois não vás tu, quando andares bandarilhando a opinião publica debaixo da arcada, ferir-te com a propria lingua...

Olha que o que ás vezes se diz cá fora, sabe-se lá dentro, nos gabinetes...

Tambem D. Pedro II, finda a toirada, soube que o conde da Atalaya rasgara o braço...

Tem cautella.

Agora D. João V.

Camillo Castello Branco deu-nos a conhecer recentemente, por um manuscripto anterior ao terremoto, a grandesa do rei magnificente na côrte d'aquelles paços.

«O palacio real da Ribeira,—diz o author do manuscripto—situado junto das margens do Tejo, em frente de uma das maiores praças da Europa, chamada *Terreiro do Paço*, é um soberbo e vastissimo edificio, commodo e magestoso. E' obra d'el-rei D. Manoel, para a qual se mudou dos antigos paços da Alcaçova, e onde, desde então, ficaram assistindo os reis d'este reino. Formam este real edificio dentro em si tres grandes quadras, com dilatadas galerias em roda, com admiraveis quartos, preciosamente guarnecidos, e muitos salões, os maiores dos quaes são: a casa chamada de *gala*, a sala dos *tudescos*, onde costuma estar a guarda allemã de sentinella...»

Aqui interrompemos o precioso manuscripto, para explicar desde quando se usou na côrte portugueza a guarda tudesca. D. João II e D. Manuel faziam-se acompanhar por guarda; D. João III despresava-a muitas vezes; D. Sebastião creou a guarda a pé de alabardeiros portuguezes; Filippe II creou a guarda tudesca, e D. João IV instituiu duas companhias de guarda, uma de allemães, outra de portuguezes.

«Esta sala é uma das maiores de toda a Europa, porque tem 130 palmos de comprimento e 76 de largura. A quadra que fica junto da egreja patriarchal, chamada *pateo da capella*, é toda rodeada de galerias, de arcos sobre columnas, com janellas ao de cima bem rasgadas...»

Interrompamos segunda vez o manuscripto. Ponhamos, como commentario ao periodo antecedente, est'outros de Baptista de Castro:

«Depois quando o venturoso rei D. Manoel mandou edificar no Terreiro do Paço o magnifico (*) palacio chamado da Ribeira, mudando-se do Castello, collocou alli a sua Capella Real dedicando-a ao Apostolo S. Thomé, Protector da India, e foi o seu primeiro assento no logar do Tribunal da Meza da Consciencia, onde esteve até o anno de 1581 etc... E é de saber, que o antigo portico da dita Capella, que estava á mão esquerda de quem ia para o terreiro do Paço por baixo da sala dos Porteiros da Cana, se acabou de desmanchar em 2 d'abril de 1751, abrindo-se no lugar do seu pavilhão duas janellas para a nova Secretaria de Estado dos Negocios do Reino.»

Voltemos ao manuscripto:

«Por baixo d'estas arcadas ou galerias, em toda a circumferencia, ha muitas tendas e lojas onde se acha tudo que mais precioso ha no mundo, ouro, diamantes e outras pedras preciosas. Sahindo d'esta quadra por um vasto portico voltado ao sul, se entra em outra quadra mais comprida que larga, tambem cercada de bellas galerias, sobre a qual abrem as janellas do quarto das rainhas. Ahi ao pé ergue-se uma altissima e bem fabricada torre de marmore, com um magestoso sino de relogio, e dois mais pequenos dos quartos. É obra do Sr. rei D. João V, o *Magnifico*. Tambem ha n'esta segunda quadra muitas lojas onde se vendem cousas preciosas. Para a parte da *Ribeira das Naus*, fórma este palacio outro grande quarto, feito á moderna, obra do mesmo monarcha, chamado o *quarto dos infantes*; e, ao cabo d'elle, abre-se uma formosissima

(*) É notavel que frei Nicolau d'Oliveira, no *Livro das grandezas de Lisboa*, em contraposição com o sabido esplendor dos paços da Ribeira, escreva: «Tem el-rei em Lisboa dous paços, Pm no castello, outro junto ao rio; e n'este que não é mui sumutuoso, nem grande etc.»

varanda descoberta, gradeada de marmore á volta, primorosamente lavrado, sobre cujos pilares assentam vasos de jaspe cheios de murta e flôres.»

O mais que o author do manuscripto descreve, a ampla galeria rematada pelo forte, os aposentos do rei, o jardim pendido ao Tejo e povoado de rarissimas aves, o theatro da opera, para onde D. João V abriu serventia de marmores variegados, tudo isso é um conto de fadas, que relembra hoje com saudade quando se ergue a vista para as sanefas de qualquer dos ministerios, desbotadas pelo sol e polluidas pelo moscardo.

Tambem, como n'um conto de fadas, bastou um só dia para se dissiparem todas essas magnificencias: foi o 1.º de novembro de 1755.

O grande terremoto, que reduziu Lisboa a um acervo de ruinas, sepultou para sempre, instantaneamente, o palacio real da Ribeira, não poupando siquer o theatro da opera, cujas douraduras luziam ainda com o primeiro verniz.

Entre o terremoto e a reconstrucção de Lisboa pouco tempo medeiou, como é notorio, porque se interpoz aquella vontade poderosissima, que se chamou marquez de Pombal. Approvada a nova planta da cidade, tratou-se de levantar essas magnificas edificações em linha recta que constituem as elegantes ruas da *baixa*. Começou-se a reedificação pelo arsenal da marinha, *bolsa do negocio* e tribunaes, mas o palacio da Ribeira desappareceu para sempre, e o terreno que vai de S. João dos Bem Casados até á Boa Morte e d'ahi ao Rato foi escolhido para residencia do rei, cuja familia interinamente se alojou em barracas de madeira levantadas no alto da Ajuda.

Notavel contraste com as feericas sumptuosidades, que n'um momento ruiram!

O Terreiro do Paço resurgiu, reedificada Lisboa, com

a denominação de Praça do Commercio, ampla e formosa, medindo 875 palmos de nascente a poente, e 804 de norte a sul, a fóra o bojo, do qual descem tres rampas para o Tejo.

Este foi o local designado para assentar a estatua de D. José, em conformidade com a planta da nova cidade confiada ao capitão Eugenio dos Santos, architecto civil e militar. Não faltaram concorrentes estrangeiros á modelação da estatua, sendo todavia preferido Joaquim Machado de Castro, a esse tempo empregado nas obras de esculptura da Real Basilica de Mafra. Cuidou elle sem delonga, como superiormente lhe fôra recommendado, em modelar em barro o desenho, ao passo que se tratava da construcção do laboratorio onde se executou o modelo grande, primeiro de barro, depois de estuque, e em tamanho natural.

Aqui terminaram os mais graves trabalhos de Machado de Castro, e começaram os primeiros da fundição, commettidos a Bartholomeu da Costa. Foi a estatua fundida d'um só jacto, como aconteceu com a de Luiz XIV, aos 15 d'outubro de 1774 e, passados tres dias, analysada pela familia real, pelo marquez de Pombal, e pelo corpo diplomatico.

Não se fez esperar o dia destinado á exhibição d'um bando, composto de ministros, desembargadores, continuos do senado da camara, e outros empregados, com soberbos cavallos á dextra, e seguidos de muitas musicas. Tinha por fim este bando ordenar tres noites de luminarias.

Na tarde d'esse mesmo dia se tirou a estatua do arsenal de cima, onde havia sido fundida, para uma zorra fechada de madeira, onde se lia uma inscripção latina cujos dizeres encerram a cortezania mais gongorica de que ha memoria: *A nuvem não cobre o sol.*

Dois dias depois começou-se a arrastar a mole, pu-

chada pelo juiz do povo, deputados da casa dos vinte e quatro, juizes e eleitos das bandeiras dos officios, e mais trezentos e cincoenta homens, ladeados por trezentos soldados, e seguidos por outros trezentos.

Parece que foi então que nós, os portuguezes, aprendemos similhante degradação asinina. Ainda em 1823, na retirada de Villa Franca, sabiamos tão honrosa prenda. Por mais d'uma vez tenho manifestado publicamente os meus sentimentos monarchicos: não podem ser postos em duvida. Agora, o que me parece mais que duvidoso, é que seja licito a qualquer homem deshonrar em si mesmo as ideias que defende e sustenta.

Baralhavam-se com os deputados da casa dos vinte e quatro, e demais individuos, seis azemolas cobertas com pannos de velludo agaloados d'oiro, e carregadas de flôres, que se iam espargindo pelas ruas. Outra besta, com xairel de velludo e oiro, conduzia foguetes. Seguia-se a musica, que durante quatro dias,—tantos levou a conducção da estatua,—deu rebate de festa nas visinhanças do Tejo. Em derredor do pedestal desfraldaram-se muitas velas de navio que empanaram a collocação da estatua. Em seguida o juiz do povo, Manoel José Gonçalves, d'officio correeiro, mandou dar uma farta merenda aos trabalhadores que puxaram pelos sarilhos.

Quatro carros e oito bestas acarretaram comestiveis.

Como não estivesse ainda inteiramente concluida a Praça do Commercio, completou-se provisoriamente, para a inauguração da estatua, com madeira pintada, imitando alvenaria.

Na vespera do dia 6 de junho, anniversario natalicio do rei, e destinado para a cerimonia do descerramento, substituiram-se as velas de navio por um grande tafetá carmezim. Areou-se a praça. Todas as janellas dos edificios já concluidos foram adornadas com cortinas,

sanefas e cobertores de damasco carmezim. A familia real tomou logar, ao occidente da praça, nas janellas da Meza da Consciencia, da saleta e da sala vaga, sendo a ultima d'estas janellas destinada para os camaristas de semana. Nas janellas seguintes ficaram as damas da rainha. As dos Mesarinos pertenceram ás açafatas e guarda-roupas; as da casa que servia de Subsidio Litterario, uma aos cardeaes, outra ao Nuncio Apostolico; as seguintes ao corpo diplomatico, titulares e officiaes da casa real. As janellas superiores, em numero de vinte e uma, destinaram-se a todas as senhoras da primeira nobreza da côrte.

Ao lado septentrional, nas janellas do Senado da Camara, tiveram logar os ministros do mesmo Senado; nas do Conselho da Fazenda, os ministros do mesmo conselho, do Desembargo do Paço e do Conselho Ultramarino; nas da Junta do Commercio, o marquez de Pombal, o conde presidente do Senado, os secretarios d'estado, os deputados da junta, do conselho geral do santo officio, os inquisidores e deputados da mesa pequena, os da mesa grande, da consciencia e ordens, e real erario. No segundo andar ficaram as familias dos deputados da junta, e outras damas convidadas pelo provedor. As vinte e oito janellas do lado oriental foram repartidas pelo marechal da artilheria e sua mulher, provedor dos armazens e sua mulher, corpo consular, provedor da casa da India, e familia, deputados da Companhia do Pará e Pernambuco, commerciantes de grosso trato, tanto nacionaes como estrangeiros; administrador geral da alfandega, juiz da India e Mina, etc.

Ao romper d'alva salvaram o castello de S. Jorge, fortalezas e os navios surtos no Tejo.

A população de Lisboa não precisava d'este aviso para sahir do leito onde dormira o inquieto somno d'aquel-

la noite. Desceu á baixa, caminho da Praça do Commercio, em cujo ambito só era permittida entrada a pessoas que vestissem com decencia. Onde a agglomeração excedia tudo o que se póde imaginar de tumulto e curiosidade, era nas desembocaduras das ruas que confinam com a praça, porque ahi soldados de cavallaria estorvavam a passagem aos maltrapidos.

Assim esteve o povoleo em anciosa espectativa, até que, cerca do meio dia, um ruido geral annunciou a chegada de oito figuras vestidas ao gosto de tragedia, as quaes, precedidas de musica, derramaram no chão louros, murta e flôres. Logo depois sahiram da Praça do Commercio os dois Tribunaes, Senado da Camara, e junta do commercio, em carruagens; dirigiram-se á calçada da Ajuda, d'onde acompanharam o marquez de Pombal, que vestia capa e volta, e chapeu de cocares brancos.

Chegado que foi o prestito á casa do Senado, ahi se apeiou, e então começaram a entrar na praça quatro regimentos de infanteria. A cavallaria, que se postou detraz da estatua, passou por baixo do arco triumphal, levantado na extremidade da rua Augusta, onde hoje está o de pedra.

As musicas, collocadas nos planos terreos dos dois torreões, romperam em hymnos.

Pelas tres horas da tarde, depois de haverem chegado os reis d'armas, arautos e passavantes, com os timbales, clarins e boés da casa real, entrou o cortejo burocratico, que precedia o marquez de Pombal e seu filho o conde d'Oeiras, presidente do Senado.

Formaram-se alas, e o procurador da junta do commercio, o fiscal das obras e o architecto ministraram ao marquez de Pombal e conde d'Oeiras os cordões da cortina, descerrada a qual, marquez e conde se descobriram reverentemente, ao tempo que o rei d'armas

Portugal, tirando por um lenço branco, disse em alta voz: *Viva D. José I, rei de Portugal!*

Então rebentou um inferno de musicas, foguetes, descargas d'artilheria, e até de versos, despejados de todas as janellas, em papeis multi-côres, previamente approvados pela Real Meza Censoria.

Repetiram-se, ao lado direito da estatua, as mesuras do marquez e do conde, e os vivas a D. José, com a differença de serem dados pelos reis d'armas Algarve e Goa.

Indo Sebastião José de Carvalho e Mello, e seu filho, occupar as janellas que lhes eram destinadas, toda a côrte, funccionarios e militares superiores passaram em continencia por deante da estatua, segundo a graduação de seus titulos e antiguidade.

Entretanto anoiteceu.

A familia real recolheu ao paço, onde n'essa noite houve opera, e a cidade illuminou-se festiva e deslumbrantemente.

Que noite aquella, de 6 de junho de 1775!

Todos divertidos!

A côrte no theatro real; o juiz do povo e os membros da casa dos vinte e quatro em sarau poetico e musical na sala das suas juntas; os collegiaes do convento de Santa Maria de Jesus em academia litteraria presidida pelo bispo d'Evora D. Fr. Manuel do Cenaculo; o povo a vêr as luminarias, na rua, divertimento que ainda hoje parece conservar o encanto... primitivo.

Na quarta feira veio a familia real á Praça do Commercio vêr a entrada dos carros triumphaes, e as danças das curraleiras, regateiras, horteloas e colarejas.

Chegada a noite, queimou-se fogo d'artificio e em seguida cantou-se na sala grande da Alfandega uma serenata de David Peres, á qual a real familia assistiu em tribuna levantada *ad hoc*.

Mal que esmoreceram as ultimas notas do *Eroé Coronato* serviu-se a ceia na sala immediata, onde o lado esquerdo do bufete representava um grande lago, em que fluctuavam barquinhos, ao clarão palpitante de mil e duzentos lumes.

Seguiu-se o baile.

Rompeu-o o conde de Oeiras com a embaixatriz de Hespanha, e a marqueza de Pombal com o embaixador.

O marquez não dançou.

Contentou-se com vêr a festa atravez da sua luneta.

Agora acho eu a razão de modernos homens illustres não quererem dançar; aspiram a medir-se pela craveira de Pombal... Todavia o marquez foi o que foi, e elles são o que são.

Sebastião José de Carvalho e Mello assistia aos festejos com a maxima tranquillidade. Os longos anneis da sua cabelleira—aquella famosa cabelleira que se diz ter-lhe sido arrancada da cabeça por um dos meninos da Palhavã, o inquisidor geral D. José—nem siquer estremecia posta sobre a cabeça tão serena como ella. Estava brunida como na hora em que o seu guarda-roupa, que a esse tempo era talvez um francez de nome Blancheville, lh'a apresentara. E, não obstante, a vida do marquez havia corrido grande perigo horas antes.

Um italiano chamado João Baptista Pelle, arvorado em chefe de conspiração, inventara um apparelho infernal que devia fazer saltar em estilhaços a cabeça do marquez no primeiro dia dos festejos. A machina inventada pelo italiano compunha-se de 3 tubos metallicos com arratel e meio de polvora cada um, 4 garrafas contendo cada uma um arratel de polvora, e uma barrica, postoque pequena, forte, com 4 arrateis de polvora dentro. A mecha, preparada de modo a conservar o fogo quinze horas antes da explosão, devia ser collocada

debaixo do assento da carruagem de Pombal—para esse fim se introduziriam com chave falsa na cocheira—a tempo de rebentar durante o transito do cortejo desde a calçada da Ajuda até á Praça do Commercio.

Foi, porem, descoberta a conspiração, e o marquez de Pombal appareceu durante os festejos com a sua habitual serenidade magestosa,—a sua cabelleira, e a sua luneta.

Um estadista moderno soffreria ainda n'esse dia as ultimas crispações dos nervos excitados pelo medo...

Elle não. Elle admirava a elegancia da marqueza D. Leonor, filha do conde Daun, dama d'uma gentilesa que alguns escriptores estrangeiros celebraram, e que, como dissemos, contradançava com o embaixador de Hespanha.

No terceiro dia de festejos, quinta feira, repetiram-se, em presença da estatua, as danças e as evoluções dos carros triumphaes.

Á noite houve fogo de artificio a que a familia real assistiu, posto que el-rei estivesse visivelmente constrangido, e caido em profunda melancolia, durante os tres dias de solemnidades publicas em honra do seu nome e do seu reinado.

Contentem-se, pois, os candidatos desventurados. Já um rei suspirou de entranhada magua n'aquella elegante praça, onde elles hoje gemem as tristezas de longas e infructiferas correrias...

É fugir de presentimentos... D. José, no meio dos explendores da realesa, presentia a morte.

Dois annos volvidos, a 24 de fevereiro, rendia a alma ao Creador depois de longos padecimentos que começaram em novembro de 1776 com um insulto apopletico, devido talvez á impressão que lhe causára a morte do cardeal Saldanha.

A importancia a que subiram os banquetes dados nas

casas da alfandega, é fabulosa. Basta dizer que n'aquellas comesainas regias se consummiram 358 arrobas d'assucar, 959 canadas de leite e 24725 pães.

Safa! É sacrificar muito o estomago á realesa...

É geralmente sabido que D. José, querendo remunerar condignamente a dedicação de Pombal, mandara collocar a effigie do seu ministro, esculpida em bronze, no pedestal da estatua.

Mas o que deve saber-se, e dizer-se na historia do Terreiro do Paço é, que fallecido D. José, a plebe de Lisboa, açulada pela nobreza e pela fradaria, não se cançava de apedrejar a effigie do marquez de Pombal até que o medalhão desappareceu.

N'esse tripudio, que o pusillanime governo d'uma rainha fraca tolerava, distinguiu-se um frade que vozeou apontando para o pedestal viuvo do medalhão:

— Olá! Este eclypse não estava marcado no reportorio!

Ah! meu fradinho revolucionario, que despicavas a morte do visionario Malagrida, a hora da justiça havia de soar, cincoenta e seis annos mais tarde, para ti, e para o marquez de Pombal. Tu morreste anonymo, e o ministro de D. José revive, não só no medalhão restituido ao monumento em 1833, mas na historia, meu padre, na historia que é o monumento eterno, o medalhão que se não arranca, a effigie que se não apedreja.

E tu, ó altivo Terreiro d'outras eras, tu ahi estás a contemplar esse monumento da passada prosperidade do teu Portugal, quando o braço forte do marquez nos levantava ao nivel dos mais adiantados paizes!

Tem paciencia... As casas, as praças, as ruas são como os homens: teem seus fados. O teu mudou-se.

Pois, meu amigo, resigna-te. Atura, como poderes, os candidatos e... os ministros.

IV

OS SINOS D'ALPENDURADA

OS SINOS D'ALPENDURADA [1]

Ao Ex.mo Sr. J. J. Rodrigues de Freitas

> Os sinos, collocados em campanario de parochia aldeiã ou de mosteiro solitario, são uma cousa poetica e santa; os sinos, pendurados nas torres garridas de garridissimas egrejas das cidades de hoje, são uma cousa estupida e mesquinha.
>
> Alexandre Herculano.

I

Solidão, tu és para o nosso espirito o espelho do passado, o eterno livro das saudades eternas. Dos teus serros desertos vê o homem perpetuamente aberto deante de si o livro angustioso de sua vida passada, e sente sobre o peito o enorme peso do tempo que tem vivido.

A tristeza e a saudade são tuas filhas, ó solidão.

Não ha sentimentos que mais pareçam irmãos, porque não ha tristeza sem a consolação da saudade, nem saudade sem o travor da tristeza.

É pelas horas mortas da noite, no maior silencio do

[1] Esta narrativa foi publicada em 1870 no livro *Peregrinações n'aldeia*, cuja edição se exgotou ha mais de dois annos. Por esta razão, e pela indole da narrativa frizar á indole do *Portugal de cabelleira* mais que á das *Peregrinações n'aldeia*, a reproduzimos aqui.

maior deserto, que o nosso espirito anda a pairar, como abutre esfaimado, sobre os mil cadaveres das gerações que foram.

Com ruinas recompõe o homem cidades, com cadaveres reorganisa sociedades e, fazendo estancar o curso da existencia para o reatar depois, volta sobre o caminho do passado e segue com os olhos do espirito as mil evoluções das sociedades na aria de mil cidades, que se levantam do tumulo, como corpos reanimados por milagre da sciencia.

E que sciencia é esta? Ó saudade, ó filha da solidão, és tu, e só tu, que és um como sentido interno do homem e vales mais do que todos os cinco sentidos do corpo. E's tu e só tu, ó saudade. O corpo humano é uma machina d'abstracções, disse um philosopho, porque cada sentido tem aptidão especial para determinadas percepções, e é o nosso espirito que chega á synthese reunindo em grupo os conhecimentos abstractos. Apaguem o sol e digam aos olhos que vejam, não dêem ao homem a possibilidade de transpôr as distancias e mandem-n'o tactear os objectos remotos. Tu, porem, vês na escuridão, ó saudade, ouves tudo, tudo sentes e de tudo te aproximas. Embora sejam imperfeitos e pouco desenvolvidos os sentidos, que sempre tu sabes desenhar intimamente o quadro das nossas recordações com a mesma clareza. Não, tu não estás dependente da materia. Como o homem n'um sonho ou n'um delírio, tens sempre a mesma sensibilidade, sem a intervenção dos orgãos externos e sem a acção d'objectos reaes. Saudade, tu és a consciencia... do passado. Por ti só adquires conhecimentos, por ti só chegas á synthese das cousas, por ti só operas milagres. E's um sentimento ou uma ideia, vives no coração ou no cerebro, dize-me quem tu és, ó saudade?

Sinto que te aproximas de mim e adivinho a tua mão

invisivel a apontar-me para as solidões do monte Arados, que se debruçam sobre o Douro, namoradas da corrente. Vejo d'aqui alvejar a velha casa dos Padres de S. Bento, uma legua acima de *Entranbolos Rios*, como dizem as chronicas, entre as arvores frondosas da cerca e ao lado do campanario magestoso do templo. Os ultimos clarões do sol corôam de fogo as montanhas do occidente. Tudo é silencio e saudade...

Embaixo, no valle, deslisa sereno o rio. Em frente, na margem esquerda, ergue-se o rustico presbyterio de Sozello, olhando para o poente. D'um lado e d'outro do Douro fumegam as cabanas e as casas de campo. Aproxima-se a noite e morre o dia.

Ouvem-se os sinos d'Alpendurada . . . Tres vezes soaram vagarosos e sonoros. *Ave-Maria,* dizem os trabalhadores que voltam da safra, descobrindo-se e parando...

II

Tinha desabado sobre as margens do Guadalete o colosso da monarchia visigotica arreigada ao chão das Hespanhas pelo lento decurso de muitos annos. Estremeceu a Peninsula ao desabar do gigante, que expellia o derradeiro alento pela garganta do moribundo Ruderico e que sentia, sobre o corpo exhausto, referver a onda tumultuosa da soldadesca musulmana. Espraiou-se a turba ambiciosa ao longo do terreno conquistado, não sem frequentes luctas travadas entre vencidos e vencedores, não sem derrubar as barreiras que empéciam a marcha triumphante. Havia, porém, um ponto de defeza, que não tinha sido vencido; uma selva de frankisks o resguardava. O baluarte invencivel eram as montanhas das Asturias. Era lá que um punhado de godos mettia hombros á mole gigantesca da multidão agarena.

Onde não appareceu o braço de Pelagio, facil foi a conquista. Grande era a matança e grande era a ruina. Serenada, porém, a febre da victoria a tolerancia arabe deixou respirar menos anciosamente a população

christã. Todavia a raça germanica preparava na obscuridade a guerra da reconquista para expulsar da Peninsula o leão do dezerto, a raça semitica, que tinha arrastado comsigo o lucto e a desesperação. Então os arabes, conhecendo a reluctancia da sociedade romano-goda, faziam pezar sobre as cidades, que dominavam, o seu jugo de ferro, immenso e oppressor.

III

Era uma formosa dama aquella por quem se morria d'amores o namorado Munio Viegas. N'ella só pensava, a ella só queria. Senhor de vastas propriedades nos terrenos proximos d'Alpendurada, estava prestes a desposar a sua noiva e cada dia mandava arreiar de novos brocados a alcova nupcial, que preparava para o noivado.

Quantas noites de luar não passou elle a olhar para a corrente saudosa do Douro, que se espriguiçava no valle, como que a perguntar ás aguas do rio se não se realisaria emfim o hymineu desejado!

O verdadeiro amor tem d'estas maguas e d'estes doloridos receios. Parece que lhe foge o mundo e o tempo, porque para o verdadeiro amor todo o mundo é pequeno, toda a eternidade é breve...

A esse tempo o sacerdote Velino tinha recebido em sonhos inspirações celestes, Uma voz sobrenatural o avisara para que levantasse, entre a *Agoa de tres sequeiros e das lagôas*, como refere o tomo segundo da—*Benedictina Lusitana*—um templo votado a *S. João Baptista.*

Sentiu-se Velino fraco de mais para tamanho commettimento, e chamou em auxilio a Arguirio, homem honesto e reverente a Deus. Foram-se os dois a descobrir o sitio marcado pelo dedo da Providencia. Velino não conhecia o logar designado como per si mesmo o confessa n'um pergaminho do cartorio do mosteiro de Alpendurada:

«Ignorava eu qual fosse o logar marcado. Sol fóra, ergui-me e fui-me a Campanellas em demanda d'Arguirio.»

Conchavaram-se os dois no segredo revelado pelo ceu a ambos elles, por isso que o bom Arguirio tinha recebido inspiração igual á do sacerdote Velino. Descoberto o terreno, começaram os trabalhos da edificação do oratorio, que no mesmo anno se concluiu, debaixo da protecção do bispo do Porto, D. Sesnando, primeiro do nome. Imaginae agora o que seria aquelle templosinho rustico quasi escondido entre sarças e continuadamente guardado pela vigilancia piedosa do sacerdote Velino!

Á hora do sol-pôr, alguem ia ajoelhar-se nos degraus do oratorio e fazer oração por longo tempo. Alli se ficava esquecido o cavalleiro Munio Viegas a praticar com Deus. Era aquella uma oração de todos os dias em que o moço namorado repetia sempre a mesma supplica: desposar a sua dama. E uma chuva de lagrimas, que pareciam sempre as mesmas, por isso que eram sempre abundantes e ardentes, vinha rociar a quotidiana prece. Quando o sacerdote Velino se aproximava para accender a lampada que allumiava as reliquias da sua ermida, erguia-se o cavalleiro e lá se ia pelo caminho fóra entregue aos mesmos pensamentos da vespera e do dia seguinte....

D'ahi a pouco a campa sonora da ermida de *S. João Baptista* tres vezes soava compassada as badaladas da oração da tarde.

IV

Um dia um cavalleiro arabe contemplára com olhos apaixonados uma dama formosissima. Elle, o guerreiro indomavel, que se não temia das hostes christãs, sentiu-se fulminado com a belleza esplendida d'aquella angelica mulher. E foram-se-lhe os olhos no feminil encanto das formas vaporosas! E anciava-lhe o peito por arrancar ao dominio paternal a creatura formosa que seria leve de mais para a garupa d'um cavallo acostumado ao retinir das batalhas!

Resolvêra o cavalleiro arabe possuir a dama encantadora como a fada das lendas orientaes. Vêl-a e não a possuir, era o supplicio de Tantalo. Chegára a occasião em que o guerreiro das hostes musulmanas defrontára com o velho christão, pai da formosa senhora. Fôra solemne a conferencia. Um abysmo profundo, immenso, insondavel separava, na mesma sala, os dois interlocutores.

Essa barreira que os distanciava a ambos era a desigualdade das raças, a differença enorme do sangue, a sobranceria do vencedor e o orgulho do vencido, a cren-

ça religiosa e a crença politica, tudo quanto podia emfim separar o cavalleiro christão, de sangue godo, do guerreiro agareno, usurpador das Hespanhas. E depois os castos amores da timida donzellinha com o castellão Munio Viegas? E o dia aprasado para as nupcias? E as flôres que a noiva já tinha recebido? E os protestos que tinha feito em paga? E o coração que estalava d'amores? E os olhos que choravam d'esperança? E as supplicas na ermidinha de *S. João Baptista?* E... o amor, o amor, com estes encantos que tem, com estas alegrias que traz, com todo este mundo que é seu?

— Oh! não, mil vezes não! dissera o cavalleiro christão em resposta á petição calorosa do guerreiro arabe.

V

Fôra memoranda essa lucta travada entre dois homens de crenças e raças differentes. Não teria sido decerto mais perigosa e menos encarniçada, se se houvessem arremessado um contra o outro com a furia sanguinaria de dois leões do deserto. Para ambos decidia da vida. O guerreiro agareno dera a existencia por possuir a dama. O cavalleiro christão, se ficasse vencido, cahiria fulminado de morte com o peso da deshonra.

— Oh, não, mil vezes não! repetiu ainda embravecido o velho, aprumando-se solemne e magestoso.

— Oh, não, mil vezes não! dissera de novo, se a morte lhe não viesse interceptar a voz na garganta.

E cahiria no chão, morto ás mãos do cavalleiro do Islam, sem poder puxar da espada curta e larga, que tinha herdado de seus avós nobilissimos.

Ao baque do cadaver acudira a turba dos criados e a filha lacrimosa, espirito archangelico, que, se não visse seu pae morto, fugiria do sangue que espadanava das feridas como a pomba deve fugir d'um banquete de tigres.

O guerreiro arabe, ao vel-a, recuou como por um movimento instinctivo e, passados alguns momentos, quando queria estreitar nos braços a visão formosa, sentiu-se petrificado deante de um espectaculo medonho. A dama christã, tirando da sua fraqueza feminil o supremo esforço do desespero, havia arrancado do seio paterno o ferro ensanguentado para o cravar heroicamente no proprio seio.

Quando a noticia da catastrophe chegou aos aposentos de Munio Viegas, recebeu-a elle de olhos enxutos, sem descorar nem tremer.

Lançou mão das suas armas, embraçou o escudo dos Viegas que tem *quatro bandas de prata sobre campo azul e por timbre um leão pardo picado de prata* e relanceou saudosamente os olhos ao redor do aposento.

Volvidos momentos, alguem o viu sahir em direcção á capellinha de *S. João Baptista.*

Que supplicas dirigisse a Deus, ninguem o soube. Ao afastar-se sahiu-lhe ao encontro o sacerdote Velino.

As palavras, que Munio Viegas lhe dirigiu, foram estas:

— A vingança chama por mim, Velino. Quisera empoçar no chão das Hespanhas todo o sangue das tribus agarenas para afogar n'elle o assassino infame. Ora por mim e vae accender a lampada da tua ermida. Adeus, Velino.

Pouco depois soavam *Ave-Marias* na campa da ermidinha. Munio Viegas ouviu, a curta distancia, as tres badaladas, e por muito tempo julgou ouvil-as ainda.

VI

O peregrinar de Munio Viegas seria o vôo compassado e doloroso da andorinha, que vae ferida, ou a carreira impetuosa do leão sedento e faminto? Uma e outra cousa era.

Ora parava para descançar, e então se ficava a chorar e a scismar por longo tempo, ora caminhava velozmente, como se a terra tentasse fugir-lhe, e elle a quizesse retêr debaixo dos pés. Que saudade e que tristeza, quando sentia ainda nos ouvidos o som já extincto dos sinos da ermidinha! Que ferocidade selvagem, quando um pensamento de vingança lhe incendiava o cerebro e o coração!

Onde Munio Viegas se encontrou com os mouros, não dizem as chronicas. Sabe-se apenas que muitas vezes tingira a sua espada no sangue dos soldados agarenos, e que ficara prisioneiro em uma das refregas.

Estava, pois, no captiveiro, como refere o pergaminho do cartorio d'Alpendurada. Oh! longas noites de luar em que se ficava a espreitar o ceu azul pelas grades estreitas da prisão, quantas vezes a vossa sereni-

dade lhe não vinha embalar a alma nas harmonias dos córos angelicos em que distinguia a voz dolorida da sua noiva?... Dias de viuvez, horas de captiveiro, que ha de infernal e horroroso que se vos possa comparar? E no meio d'estas tribulações de martyr, ainda um pensamento de doçura—Deus,— ainda uma aurora—o Ceu, —ainda uma esperança—o noivado d'além da campa!

Ouvira Munio Viegas contar, no captiveiro, os milagres do santo da ermidinha e para logo, dia e noite, prometteu servil-o reverentemente, se voltasse livre e lograsse morrer em sitio onde se derramassem as harmonias do pequeno sino, que tantas vezes escutára á hora do sol pôr.

Consummou-se o milagre, e voltou Munio Viegas. Demudado vinha, porem. Quando o sacerdote Velino olhou n'elle, desconheceu-o. Munio Viegas vinha velho, triste, alquebrado.

Largo espaço praticou com Velino e com o monge Exameno, que a esse tempo auxiliava o sacerdote, sobre os prodigios do santo e as tribulações do captiveiro. Revelou-lhes o intento em que estava e, poucos dias depois, fazia doação de todos os seus bens, que muitos eram, a S. João Baptista, orago da capellinha.

VII

O oratorio levantado pelo sacerdote Velino é hoje o mosteiro de S. João d'Alpendurada ou Pendurada, *derivando-se o nome*, como escreve o padre Carvalho na sua *Chorographia*—, *de um alpendre da porta, ou do despenho que faz para o Douro*. Não sei por qual das duas origens me hei de decidir

Parece-me boa a primeira, que confirma a antiguidade do mosteiro, por isso que o padre João Chrysostomo da Veiga, no tomo primeiro da *Historia universal*, escreve o seguinte: «Os templos tinham um alpendre á porta principal para os penitenciados; e aquelles, aonde ainda hoje ha vestigios d'estes tectos, são os mais antigos.» Antolha-se-me tambem aceitavel a segunda origem, pois que o mosteiro fica pendurado das rochas do monte Arados sobre o rio Douro.

Seja como fôr. O que é certo é que eu, quando escuto os sinos de Alpendurada, sinto reviver-me na memoria a historia dolorosa do cavalleiro desventuroso. Pode dizer-se dos sinos d'este mosteiro o que um chronista escreveu dos sinos do Bussaco: *São egualmente sonoros e saudosos.*

V

REHABILITAÇÃO DO QUEIJO

POR UM DOCUMENTO ANTIGO

REHABILITAÇÃO DO QUEIJO

POR UM DOCUMENTO ANTIGO

Em Portugal, tem o queijo um antigo e supersticioso inimigo: a opinião publica.

Porque?

A resposta é proverbial. Porque o uso do queijo prejudica a memoria. E' o Lethes da mesa, o fructo prohibido do *dessert*.

As mães dizem aos filhos que se deixam tentar pela apparencia convidativa dos amanteigados queijos da Estrella ou dos arredondados queijos flamengos:

—Não comas, que perdes a memoria!

Os velhos, chegados áquella saudosa idade em que se vive mais da recordação do passado que da esperança no futuro, recusam o prato do queijo, porque receiam perder, antes que a morte lh'a roube, a felicidade dolorosa do recordar.

Tem-se dito muitas vezes que a memoria é o phan-

tasma implacavel do passado, o espinho dilacerante da alma. E', decerto, uma e outra coisa. Mas se todas as solidões são medonhas, a do espirito é horrivel. Que ao menos o povõe um phantasma, e já não estaremos inteiramente sós dentro de nós mesmos; que reste ao menos uma flôr, no terreno que a primavera engrinaldou e o outomno despiu, ainda que essa flôr tenha dentro do estojo avelludado das petalas o bisturi agudo d'um espinho.

E' por isto que não querem os velhos perder a memoria, e, pobres d'elles, teem rasão.

Perder a memoria é perder o tempo vivido. E aos velhos que resta mais? A morte. E a morte é o fim, o somno, o pó....

Realmente, se o queijo aniquilasse a memoria, tinheis rasão, ó cabeças nevadas que vergais ao peso dos annos; e vós tambem, loiras cabeças, que precisaes de recordar para viver, porque a vida é uma longa serie de recordações....

Oh! mas eu creio que vos enganaes, uns e outros, velhos e creanças; não só creio, vou proval-o até com a fria eloquencia da historia.

Perante a terrivel verdade dos factos devem desapparecer todas as superstições, e a historia é o vasto edificio levantado sobre os acontecimentos de cada dia.

Bem sei que a principio haveis de duvidar. Todavia, a hora do convencimento soará quando acabardes de lêr estas paginas escriptas com o mais humanitario dos intentos: o de vos fazer comer queijo.

Disse eu que a principio duvidarieis, e assim ha-de acontecer.

Nós, os portuguezes, fomos sempre dados a crenças. Verdade é que não tanto como alguns nos querem imputar. Muito mais o são os povos do norte. O inglez é geralmente mais supersticioso que uma velha portu-

gueza; o allemão tambem. Todavia, se fossemos a enumerar as crendices nacionaes, não seriam poucas, nem modernas.

No reinado de D. João I estava em voga o obrar feitiços, as descantações, a veadeira, as carantulas, o lançar sortes, o medir cinta, o escantar olhado, o lançar agua por joeira.

Durante longo tempo fiamos do ferro em brasa a prova da innocencia ou criminalidade de mulheres accusadas de adulterio. São ainda memorados os nomes d'algumas, que passaram por essa terrivel prova. Tal é D. Tareja Soares, esposa de D. Gonçalo Mendes de Souza.

«O ferro, que se mandar fazer por justiça para esta experiencia,—diz o *Fuero Juzgo*, de que o sr. Alexandre Herculano dá noticia—tenha um palmo de comprimento, e dois dedos de largo, e tenha quatro pés, a modo de banco, tão altos, que a pessoa que houver de fazer *salva* possa metter a mão por baixo. E, quando o tomarem, levem-n'o por distancia de oito pés, e tornem-n'o a pôr em terra suavemente. Mas antes a benza o sacerdote, e depois elle e o juiz aquentem o ferro, e, emquanto o ferro se aquentar, nenhum homem se chegue junto ao fogo, porque não acerte de *fazer alguma feitiçaria;* e a que houver de tomar o ferro primeiro se confesse mui bem, e depois seja olhada por que não traga algum feitiço. Depois lave as mãos diante de todos, e, depois de limpas, tome o ferro; mas antes, façam todos oração, pedindo a Deus que mostre a verdade. E depois que tiver levado o ferro, o juiz lhe cubra logo a mão com cera, e sobre ella lhe ponha estopa ou linho, e depois atem-lh'a com um panno, e leve-a o juiz a sua casa e, passados tres dias, vejam-lhe a mão, e se fôr queimada, queimem-n'a tambem a ella.»

Este era o signal irrecusavel de culpabilidade: o estar queimada a mão.

Ah! que falta que faz agora o *ferro em brasa!* Quantas mãos queimadas não andarão por ahi escondidas em delicadas luvas *gris-perle!*

A invenção dos luveiros!...

Em 1534 foi prohibido tomar de logar sagrado pedra d'ara ou corporaes; vêr-se em agua, espelho ou espadua de carneiro; trazer dente ou baraço d'enforcado; passar doente por silva ou machieiro, por baixo de trovisco ou por lameiro virgem; cortar çobro em limiar de porta; ter cabeças de saudadores encostoadas em oiro ou em prata ou em outras coisas; revolver penedos e lançal-os na agua para haver chuva; passar agua por cabeça de cão; fazer camisas fiadas e tecidas em um dia....

Quanto tempo não acreditamos nós em bruxas?

Quando alguma velha, reputada tal, feia, encarquilhada, andrajosa, passava solitaria e resmoneando nos caminhos da aldea, as camponezas apertavam afflictivamente os filhos pequeninos contra o seio offegante, para que a bruxa lh'os não visse, e não lhes viesse de noite chupar o sangue....

Ainda lá por serras se acredita em bruxedos, — muito menos do que se acreditou, porque a civilisação tem ido nas suas azas de ferro a quasi todos os sertões; mas alguma coisa se acredita, especialmente as mães, porque o amor—e o das mães é o primeiro—receia sempre do que póde vir...

E os lobis-homens?

Despiam-se de noite nas encrusilhadas, davam cinco voltas, espojavam-se no chão em logar onde se tivesse espojado algum animal, e ficavam sendo esse animal. Depois iam correr fado, mas se encontravam luz começavam a assobiar e a assoprar para que lh'a apagassem.

E as moiras encantadas?

Formosas moiras condemnadas a viver dentro de cisternas, com os seus thesoiros e a sua formosura. Só na noite de S. João tinham alforria e sahiam, a pentear ao luar os cabellos d'oiro, emquanto que os thesoiros sumidos subiam á tona d'agua.

Hoje tudo isso acabou. Todas as mulheres ricas, christãs ou moiras, teem casado com empregados publicos, os quaes empregados as farejam, com o mais fino olfacto casamenteiro, nas cisternas e mercearias paternas.

Pois então, vão a acabar todas as crendices, e ainda ha de ficar a do queijo? Do queijo, alimento saudavel, fortificante, appetitoso e delicado! Não póde ser. Que o não coma quem por idyosincrasia o rejeitar, como Erasmo rejeitava o peixe, e Joseph Scaliger o leite, e Cardan os ovos. Mas que o saboreie em delgadas fatias, postas sobre outras de pão alvo e fino, humedecidas com vinho do Porto, quem por medo de perder a memoria tem deixado de o comer desde muitos annos.

A verdade é esta: o queijo não prejudica a memoria, meus amigos.

Ahi vae a prova. Façam-me o favor de lêr o seguinte alvará d'el-rei D. Manuel, copiado do Archivo da Torre do Tombo, diplomas do reinado do mesmo soberano, liv. 3.º, folhas 16:

«Nós ElRey fazemos saber a quantos este noso alvara de quitacam virem que nos mandamos tomar ora conta a gomcallo lopes feitor das nosas Ilhas vymtena e almoxarife dos nosos esperauos em Lixboa de todo aquello que lhe foy emtregue pera compra de certos queijos que lhe mandamos comprar a alemtejo pera a armada em que o almyrante Dom vasco da gama foy per capitam moor as Indias pela quall se mostra elle

Receber o anno de bcj (501) de fernam l.co noso feitor e thasoureiro dos tratos de guinee e Indias noventa mio rs que dispendeo em compra custos e caRetos de dous mill e seis cemtos e quurenta e seys queijos que per noso mandado emtregou a Dioguo rõyz almoxorife dos mantymentos de guinee segúndo se mostrou per dous conhecimentos feitos per o spriuam de seu oficio e sygnados per ambos que lhos caRegon emRecepta segundo tudo o decrarado na aRecadacam que da dita comta he feita per bem do quaal damos per quite e liure ao Dito gomcallo lopes e a todos seus erdeiros desto dia pera todo sempre dos ditos noventa mill rs. e dous mjll e sejs cemtos e quorenta e sejs queijos que asy Recebeo e dispendeo per se mostrar de todo nos ter dado booa comta com emtrega como dito he. (Porem mamdamos aos veedores da nosa fazenda e todos os outros nosos oficiaes a que pertemcer que lhe guardem em todo este noso alvara de qujtaçam que lhe mamdamos Dar pera sua guarda e nosa lembramça feito em santarem a Xviii (18) dias de marco bastiam gomçalves o fez anno de mill bcx (510)»

Dois mil seiscentos e quarenta e seis queijos comprou Gonçalo Lopes, por noventa mil réis, para abastecimento da armada cujo almirante foi Vasco da Gama!

Dois mil seiscentos e quarenta e seis queijos!

Reflexionemos profundamente, leitor.

No dia 8 de julho de 1497 levantavam ferro as quatro naus que D. Manoel, realisando os audazes projectos do seu antecessor, mandara a descobrir a India, tripuladas por cento e sessenta homens.

Aos cento e sessenta homens, pois que assim é preciso ao nosso proposito, havemos de subtrahir doze, que eram degredados, e que portanto iam em condições reconhecidamente inferiores á maruja da frota.

Ficam 148 homens.

A estes 148 havemos ainda de subtrahir os tripulantes que designamos com o nome de maruja, isto é, os operarios de bordo, sobre os quaes recae o aspero trabalho da manobra.

Não serão, pois, muitos, feitas as subtracções, os marinheiros distinctos, a quem se destinavam os dois mil seiscentos e quarenta e seis queijos, que, segundo o alvará, Gonçalo Lopes comprára por noventa mil réis.

Dos pacientes navegadores que acompanháram Vasco da Gama, a poucos sabemos o nome:

Vasco da Gama, o chefe da expedição, capitão do navio *S. Gabriel.*

Bartholomeu Dias, o descobridor do Cabo da Boa Esperança.

Pedro d'Alemquer, piloto do *S. Gabriel.*

Diogo Dias, escrivão do mesmo navio.

Paulo da Gama, irmão de Vasco, capitão do *S. Raphael.*

João de Coimbra, piloto.

João de Sá, escrivão.

Nicolau Coelho, capitão do *Berrio.*

Pero Escobar, piloto.

Alvaro de Braga, escrivão.

Gonçalo Nunes, capitão da nau *S. Miguel.*

Fernão Martins, interprete da lingua arabe.

Martim Affonso, interprete da lingua dos negros.

O capellão da armada, que parece haver-se chamado Pero de Cobillones.

Alvaro Velho, o supposto author do *Roteiro de Vasco da Gama.*

Fernão Velloso, *no braço confiado,* o espirituoso fugitivo dos cafres:

Disse então a Velloso um companheiro:
(Começando-se todos a sorrir)
«Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
«E' melhor de descer, que de subir.»
—«Sim é, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
D'aquelles cães, depressa um pouco vim,
Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.

Leonardo Ribeiro, o audaz galanteador que na ilha dos amores persegue a formosa Ephyre:

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro, e namorado,
A quem amor não dera um só desgosto,
Mas sempre fôra d'elle maltratado;
E tinha já por firme presupposto
Ser com amores mal affortunado,
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança:

Quiz aqui sua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de bellesa,
Que mais caro, que as outras, dar queria
O que deu para dar-se a natureza.

.....

O' leitor, permitta que eu descance um pouco para deixar calmar o pejo que me esbrazea as faces, e depois proseguiremos.

.....

Gonçalo Pires.
Sancho Mexia.
Gonçalo Alvares.
Os dois irmãos, Pedro e Francisco de Faria e Figueiredo.
E alguns mais de que se perdeu memoria, porque elles perderam a vida.

Eram estes certamente os que se banqueteavam com

o melhor das provisões que D. Manuel destinara á frota. Foram, pois, estes os que deram cabo de dois mil seiscentos e quarenta e seis queijos, e todavia a descoberta da India realisou-se!

Expliquemos.

Vasco da Gama, a quem seguramente caberia melhor e maior pitança nas comezainas de bordo, não perdeu a memoria.

Ao contrario. Vemol-o sempre lembrado de que sahira de Portugal para encontrar a India, e superior ao entorpecimento mental attribuido ao queijo.

Não se supponha que, embotadas as faculdades intellectuaes, todos aquelles homens da expedição á India se deixaram adormecer na digestão de dois mil seiscentos e quarenta e seis queijos, como se outras tantas sereias os inebriassem com mellifluas musicas.

Que, sete dias depois do embarque e á vista do Rio do Oiro; tendo esgarrado a nau dos mantimentos, *S. Miguel*, Vasco da Gama se lembrasse de esperar por ella e pelas outras no archipelago de Cabo Verde, não me admira.

Em sete dias, pequena porção de queijo poderia ter digirido o capitão-mór, mesmo prefigurando-nos o caso hypothetico de não haver succumbido ao enjôo. Que na angra de Santa Helena, Fernão Velloso, perseguido pelos negros, e ouvindo sybillar azagayas, tivesse a reminiscencia do sitio onde fundeára a esquadra, para se acolher a ella, não me surprehende, porque, segundo referem as chronicas, Fernão Velloso comeu n'esse dia em vez de queijo,—lobo marinho.

Por tal signal que lhe ia ficando muito caro...

Espanta-me, porém, que, na angra de S. Braz, Vasco da Gama se lembrasse de executar uma recommendação que lhe havia sido feita em Lisboa: a de queimar a nau *S. Miguel*;

Que no rio dos Bons Signaes, assaltada a tripulação pelo escorbuto, tratassem de levantar ferro, recordando-se ainda de que o escorbuto era uma perigosa molestia;
Que no dia 11 de março Vasco da Gama soubesse em Moçambique que esse dia era domingo, e que ao domingo se ouvia missa em Portugal;
Que a 17 de maio, avistando terra, ficassem certos de que tinham pela proa a India, e fossem lançar ferro a Capocate, sem se haverem esquecido de que demandavam a India;
Que Nicolau Coelho, chegando a Lisboa em julho de 1499, emquanto Vasco da Gama demorava no Açores retido pela doença e morte de seu irmão, viesse dizer a D. Manoel que estava descoberta a India;
Que Vasco da Gama, chegando um mez depois, tivesse a retintiva precisa para confirmar a boa nova de Nicolau Coelho;
Finalmente, que Alvaro Coelho, não obstante o uso do queijo, tivesse tão presentes os factos occorridos, durante essa longa expedição, que porventura lograsse escrever o roteiro de Vasco da Gama.

Está manifesto o erro proverbial que attribue ao queijo o poder de aniquilar a memoria. Não ha tal. A descoberta da India prova-o cabalmente. Rehabilite-se o queijo. N'este ponto não nos deve restar a menor duvida. Fique reservado para ulteriores averiguações o tirar-se a limpo se fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, a maior memoria portugueza que tem apparecido, comia queijo.

Opportunamente avisarei o leitor.

Mas, por emquanto, fique-se sabendo que os dois mil seiscentos e quarenta e seis queijos, comprados por Gonçalo Lopes, não impediram a descoberta da India,—desmemoriando os argonautas portuguezes.

VI

HA DOIS SECULOS E MEIO

HA DOIS SECULOS E MEIO

Ralha-se hoje de tudo,—e por tudo.

Os jornaes da opposição ralham do governo; os jornaes do governo ralham da opposição; e os jornaes que nem são da opposição nem do governo, ainda que poucos, ralham do governo e da opposição.

Diz-se que o paiz está perdido: e os fundos a 46 1/2!

Diz-se que os ministros são immoraes, e ninguem receia pedir-lhes a immoralidade... d'um emprego!

Diz-se que os ministros espalham venéras e titulos ás rebatinhas: e ha sempre quem queira titulos e venéras,—e ainda em cima pague direitos—pelas venéras e pelos titulos!

Diz-se que a mocidade está perdida: e toda a gente se lamenta de ser velha!

Diz-se que os collegios são casas de corrupção: e cada vez ha mais collegios!

Diz-se que os rapazes d'agora são ociosos: e não ha quem goste de trabalhar!

Diz-se que as mulheres da actualidade vestem luxuosamente: e ninguem deixa de casar por causa dos vestidos luxuosos!

Diz-se que o paiz está pôdre: e chamariam escandalo se houvesse seis delegados de saude em cada districto!

Diz-se que no fôro é costume enredar os mais justos pleitos: e ninguem deixa de escolher um advogado rábula!

Diz-se... isto,—e muito mais.

Sabidas as coisas, o mundo é o que sempre foi,—o que tem sido, e o que ha de ser.

Queixam-se os velhos! De que se queixam? Bem sei de que. Do que se queixava no seu livro *Tempo d'agora* o alferes Martim Affonso de Miranda ou, como alguns querem, o Montaigne portuguez.

Pois já lá vão duzentos e cincoenta e dois annos. Ha que tempos isto anda pôdre!

Martim Affonso é um escriptor pouco nomeado, e de grande merito, todavia. Escreve elegantemente os seus dialogos, e põe o dedo nas pustulas do seu tempo.

Que podridão aquella de 1622!

Filippe IV de Castella havia subido um anno antes ao throno de Portugal,—throno rodeado de fidalgos ociosos, dos quaes apenas quarenta pensavam em alguma coisa: na independencia da patria.

Oiçamos Martim Affonso de Miranda:

«*Faustino.* Os Heroes passados, e os fidalgos Portuguezes e senhores antigos, não sabião que cousa era Ocio, nem se pagavão de lascivos trages, e largueza no tratto, como no tempo de agora se vê. Tinhão bem menos de renda as tres partes do que seus descendentes hoje comem, e vivião com moderação, gastavão com prudencia, não devião, nem compravão fiado; recolhião suas novidades per sua mão: não engordavão tanto os Mercadores, com lhes dar o que val dez, por cento, e vender o que nada presta pelo melhor. O' Idade dourada tão digna de toda a imitação, tempo de agora devorador de honras, consumidor de fazendas, pay da

largueza, e couto de todos os vicios. De maneira que senhores, e amigos meus, não sey onde me levava o pensamento, mas tomey as vellas porque de todo me não soçobrasse em mar tão tempestuoso. Bem vistes quanto os mechanicos abominão o trabalho, pois já não querem que seus filhos se dem a elle; e como exercitão a Ociosidade, bem ao contrario do passado. Tambem ouviste do modo que se hão os Nobres, roendo famas, e desenterrando mortos, trazendo a publico peccados alheos, e encobrindo os proprios, e estes quão noscivos são, e os males que trazem comsigo (effeito da falta do trabalho, e occupação, e demasia, e da Ociosidade) rematey este parlamento com os fidalgos, titulos, e grandes, mostrando quanto se deixão dominar desta fera, o pouco que imitão seus mayores. Muitas outras cousas se me offerecerão a que dei de mão, por vos não obrigar a mayor sentimento. Deos nos redee, e mostre quão grande bem he trabalhar; que danos são os que nascem da Ociosidade.»

Ouviram? De que se hão de queixar então, a não ser da desmoralisação que vem de longe? D'outra coisa não póde ser.

Ha dois seculos e meio que já tudo estava estragado,—tudo, incluindo o primeiro elemento de força, o exercito.

Os militares de 1622 eram peralvilhos de espada doirada e talabarte bordado. Segundo Martim Affonso dá a entender, bebiam com o mesmo escandalo que vestiam. Pois o nosso author é insuspeito, porque pertencia ao exercito.

Por isso o conhecia tanto a fundo.

Diz elle:

Alberto. «Ouve antigamente grandes soldados? *Faust.* Sem numero, porêm fundavam-se para o serem em a temperança, hum David, Josué, e Judas Machabeu: mas

trazendo isto mais á nossa idade, hum Trajano, Vespaziano, e outros que a antiguidade com muita razão celebra: pois se quizer tratar dos nossos Portuguezes será começar para não acabar: n'aquelles tempos as armas eram temperança, fortaleza, justiça, e temor de Deus, não haviam martinetes, trancelins de ouro, e diamantes, manteos abertos, e azulados, não se vestiam de veludos, setins, telas, e outras superfluidades; não se traziam meias de seda, ligas de tres e quatro covados de tafetá, não haviam espadas douradas e prateadas, com seus cintos, e talabartes bordados; porque os trancelins eram veus da China, as sedas, ferregoulos e pellottes de vinteno, e vintedozeno, as meas de seda eram humas botas, as espadas de ferro todas, e de quatro palmos, os comeres com moderação, a bebida poucos até os quarenta a conheciam, nem gostavam: e esta era a razão porque a luxuria, e intemperança não tinha logar entre os nossos maiores, porque os appetites andavam sujeitos a ella: este foi o bem do nosso passado tempo, o mal o que no de agora todos experimentamos, sofremos e coamos.»

Agora outro quadro muito curioso: o do vestir do tempo.

N'isto de esquisitice no trajar sempre fomos tolamente ridiculos, e ridiculamente extrangeirados.

Lá disse Rodrigues Lobo:

Por isso qualquer profano
Nos toma para entremez,
Porque fazemos cada anno
Té no traje portuguez
Mais mudanças que um cigano.
Não tomamos isto em grosso;
Vestimos por tantos modos
Cada hora, que dizer posso,
Que não temos trage nosso,
Porque o tomamos de todos.

E Simão Machado:

Vel-os-heis, disse, á Franceza,
Depois d'isso á Castelhana,
Amanhã á Sevilhana,
Hoje andam á Bolonheza,
E já nunca á Portugueza.

Já disse que Martim Affonso de Miranda é pouco conhecido. Farei por tanto um serviço a romancistas que hajam de versar assumptos do seculo XVII, patenteando-lhes os trages d'então. É este um dos mais curiosos relanços do *Tempo d'agora*. Vae portanto com a extensão que o interesse abrange.

«*Alberto*. E n'isto de vestir, como se haviam antigamente? mas nam, dizeime como se hão n'este tempo?

Theodosio. Ó valha-me Deos, que traga um senhor debaixo de huma roupeta hum gibam, e calções que só de botões de ouro, e ambar nam tenha preço; que huma Dona vista hum manteo, ou fraldelim, como quizerdes, que de ouro, e prata valha mais de quinhentos crusados!

Anselmo. Parece muito.

Theodosio. Nam ha muitos dias que passando pela rua nova vi certo cirgeiro enfitando uns chapins, de cuja valia, e feitio fiquei admirado; e chegando mais perto apertando comigo a curiosidade, lhe perguntei me dissesse que preço podião ter; ao que elle me respondeu, do preço vos não saberei dar razão, do que levarão de feitio vos digo, e não he mentira, recebeu o mestre dezasseis mil reis. Ó intemperança, largueza, e devassidão may de todos os vicios, e estrada coimbram para o inferno: onde está aquella temperança antigua, aquella modestia, e recolhimento passado, onde cada hum ainda os que mais podiam assi andavão registados que não fazião mais que o que vendas permittião, tem-

po bueno, tempo bueno. Deus nos acuda, que já as demasias, variedades de trajos, modos de iguarias, copia de coches, numero de escudeiros de modo vam em crecimento, que afogão as virtudes, condenão as almas, destroem as casas, empenhão os morgados, arrendão as comendas de antemão, e por muito menos, e em resolução degradam os bons costumes, e não gastam as horas como convem, e por isso não ha quem se não queixe de injustiças o que merece estar encantoado, o que adula tem officios, o que peita comendas, e não ha quem faça bem.

Anselmo. Ainda que seja enfadar-vos, me aveis de dizer dos saraos que nas côrtes ha.

Theodosio. Por tam comum, como antigo o deixava mas por vos dar gosto direi o que me parece: nenhum logar he mais acomodado para hum se destemperar que este: por que sempre de ajuntamentos sahirão males grandes: bem sabeis quem pediu a cabeça do grande Baptista.

Anselmo. Herodias, e tambem sei que foy em hum saráo Real.

Theodosio. Pois como destes saraus se seguem banquetes, que vem a ser da mesma natureza, onde a gula, e luxuria presidem: d'aqui aconteceu a El-Rei Baltasar profanar, os vasos do templo; e para que vos não canse quem descompos ao santo Patriarcha, o vinho: quem apagou, e de todo extinguiu a gloria de Aulo Vitellio senão a demasia nos manjares, e tanto que diz Alexandre ab Alexandro, que huma cea que deu teve dous mil generos de pescados differentes, e sete mil aves de pena: remato esta pratica com que o mimo, comeu demasiado, e bebeu superfluo, foi occasião a muitos de que deitando-se sãos amanhecerão enfermos no inferno; *entendame qui pou que me entend'io*, e saiba que a intemperança do tempo de agora gasta as fazen-

das, estraga as consciencias, faz mil disformidades; o viver temperado, e registado dá vida, dá honra, acrecenta os bens, e a saude: e ainda que vos enfadeis, me aveis de ouvir um successo que aconteceu na Cidade de Lisboa dia de entrudo (como cá lhe chamaes corrompendo o vocabulo do santo introito) que he bem digno de ponderação; e foi que sendo o mesmo que os passados em o qual anda o demonio solto, e ha as devacidões, pecados, e casos desestrados que acontecem em semelhante tempo, não ouve huma laranjada, briga, morte, e outro acontecimento d'este lote. Ja sey que me estaes perguntando a causa de tam grande novidade, foy ella cahir este dia vespora do Apostolo São Mathias, e pelo tanto ser de jejum, e d'aqui vereis claramente ser o comer e beber demasiado occasião de todos os maiores males, e enormes peccados e mais não digo.

Alberto. Não sey para onde navegue que possa tomar porto em que descansado e fóra de perigo diga algumas particularidades da intemperança do tempo de agora, da largueza, e devacidão de que hoje publicamente se uza, porque por linha vem a tinha e por esta todas as maldades, e pois já por comum senão estranha, não estranhareis o modo da minha pratica. Está tam infelice esta nossa cidade, e tam chea de males, e peccados, que pouca differença vay della aquellas que mais em vicios se aventajavão, e por elles assoladas, e destroidas, nem ainda quiz Deos ficassem alguns pequenos vestigios de seus fundamentos. E para que saibais donde lhes nasceu esta ruina, e dessolação, foy de que os moradores asy viviam destemperados, que de sua livre vontade se entregavam a tudo o que a carne lhe pedia, procedendo as demasias nos comeres, e pouca moderação no beber, como tambem os vestidos preciosos, e cheirosos, que são a salsa que destempera os sentidos.

Anselm. E o ornato de vestidos aviva os appetites, pareceme a my que ás mulheres he permittido a composição nos trajes (as casadas digo).

Albert. A negaça que chama os males, he o muito custo de que hoje usão as casadas, porque são de calidade que nenhum remedio tem, se Deus as não remedea.

Theodos. Sempre ás mulheres foy dado concertaremse, e comporem-se, não he isso novo.

Albert. Sempre, mas não com a intemperança do tempo de agora.

Faust. Pois que lhe acrecentais hoje?

Albert. Ouvi, e sabeloeis: nos seculos passados era para ver (que digo) para imitar a temperança, e modestia de huma casada, o recolhimento de huma donzella, a gravidade, e virtude de uma viuva, em seus vestidos, toucados, passadas, e acompanhamentos, aquellas toalhas de olanda, e pano de linho, aquellas sayas de bom pano com sua barra, e as mais urbanas e cortesaãs com seus debruns do mesmo, os gibões de canequim, e por festa tafecira, ou tafetá, era o que se podia desejar; o recato no andar, os olhos no chão, os chapins envernizados com seu verdete na sola, e as senhoras, titulos, e gente principal, com huns de Valença tinhão para toda sua vida; os pages, e escudeiros vos gabo, com hum e dous quando muito faziam suas vistas, e hiam a Igreja: e a mais granada tinha huma cadeira com suas cortinas de enserado: os mantos eram de folia, filele, e sarja, e as senhoras de burato, que lhe ficavam em morgado. Estes eram os trajos, e gastos do tempo passado: com vossa licença quero discorrer hum pouco pela moeda que hoje corre acerca d'esta materia. Que molher ha por mais baixa que seja que se desencontre no vestir da mais illustre, todas trazem sedas, todas se querem servidas, e acompanhadas mais do que suas posses podem

abranger, qual ha d'estas que vendo huma saya a uma senhora com muitas sogilhas, e golpeada de mosqueta, não importune a seu marido lhe faça outra como ella; e o que mais he, que estes vestidos para serem bem feitos dizem lhos ha de fazer o alfaiate da Condessa Dona fulana, porque o que se ha-de dar ao rato melhor he se dê ao gato. Que haja molher de homem ordinario que dê per huma toalha quatro mil réis; os gibões que parecem trazerem cosoletes, e com tanta prata, e ouro que valem o que nam me atrevo a dizer, os chapins já não ha nenhuns que não valhão de quatro e cinco mil réis para cima: pois os mantos he digno de grande castigo, e em que os que governam ouverão de metter todo o cabedal, para se castigar as mulheres de officiaes que trouxessem mantos de seda porque em huma Igreja tomadas assi juntas, não ha differença da çapateira, á condessa, e da alfaiata á senhora, e nobre: de maneira que traz huma mulher d'estas sobre sy no tempo de agora, mais do que antiguamente lhe davão em dote com seu marido.

Theodos. Valha-me Deos, e como pode abranger a tanto, e estar o outro pobre ganhando hum anno para fazer a sua molher um vestido, que digo huma saya?»

Paremos aqui, para duas palavras, apenas. Do confronto da actualidade com o tempo do alferes Martim Affonso de Miranda resultam vantagens claras e verdadeiras para a nossa epocha. Lamentava Theodosio que um pobre homem andasse trabalhando um anno para vestir de seda a mulher. E tinha razão. A immoralidade decresceu n'este ponto. Graças á concorrencia das fabricas de tecidos, o mais que é preciso trabalhar agora para vestir de seda a mulher não vai além de seis mezes. É uma reducção de metade. Quanto a estarem misturadas no templo burguezas e fidalgas, indevidamente cessou no tempo d'agora o escandalo: já não é

possivel distinguir entre fidalgas e burguezas. Isto vai a melhor. Vamos desenrolando o quadro, e dêmos a palavra ao interlocutor Alberto.

«*Albert*. Porque tudo vay de cabeça abaixo, e todos á carga serrada furtão, e d'aqui nasce outro maior espanto, que alem dos gastos que disse, andão muitos d'estes officiaes a cavallo: bem fora estão os casados do tempo de agora, de seguirem as regras que Aristoteles dava a seus cidadões casados, que gastassem menos em vestir e ornar suas molheres do que as leys o permittiam, considerando que nem o asseo, formosura do corpo, nem a grande estima do ouro val tanto para honrar a molher, quanto a composição, e temperança no vestir, e trajar; porque este atavio das virtudes lhes dura até á velhice, e d'ahi até á morte com honra sua, e proveito de seus filhos.

Theodos. Ainda he sofrivel esse modo de vestir que tendes apontado, a respeito do que nas Cortes ha, porque não se contentão com trazer seda, sobre seda, sendo por tantas vezes prohibida, e com tantas penas, mas usão de prata, e ouro, bordando as sayas, fraldellins, e mais pessas que lhe parece; e sobre tudo os diamantes e rubis, perolas e outras pedras de infinito valor, e ainda os chapins trazem com ellas.

Faust. Bem me parecia vos faltava huma superfluidade, e demasia que hoje ha.

Albert. Avisaime della porque não queria me passase por alto cousa alguma.

Faust. Os ataudes, quero dizer o numero das cadeiras, e andores, e seus feitios.

Anselm. Será processo infinito.

Albert. Pois em verdade que de nenhuma cousa trazia mais vontade de tratar que dessa, e assi pela lembrança vos bejo a mão. He senhores para vêr que haja nesta cidade mais de setecentas, e algumas de valia, e

que não haja quem tenha huma destas tumbas; e para que saibas a quanto chega o gasto que com ellas se faz, adverty. Hum homem official d'esta Cidade me chegou a dizer, que fizera a sua molher huma, que lhe custára sincoenta mil réis; porem que ficou muy descontente a senhora, porque lh'a forrarão por dentro de damasco.

Anselm. Pois de que queria que lha forrassem, de diamantes?

Albert. Não, mas de tella, ou borcado, e alem disto lhe fazia de custo cada anno vinte e dois mil réis, dos que a levavam.

Theod. Só as Donas, e senhoras se servião d'ellas, e enjoadas dos coches, e liteiras farão suas visitas por mais acomodadas e de menos fabrica.

Albert. Vede os officiaes de officios publicos, e os que os não tem que vivem com o seu pouco, ou muito, e dae a cada hum huma e vereis a soma que fazem; e se ouver algum que queira viver moderadamente, e sem esses faustos, tomai-lhe o depoimento, que elle confessará passa máos dias, e peiores noites; que mal as molheres do tempo de agora guardavão os exemplos, e seguirão as pizadas das antiguas na temperança, modestia em seu vestir, e no ornato de suas pessoas.

Faustin. Bom será quererdes agora reduzir a emmenda o que nenhuma tem.

Albert. Não ignoro o pouco que isto pode fundir, mas nem por isso deixarei (para nosso gosto) de trazer dois ou tres exemplos que o authorisem.

Anselm. Nunca poderão ser mal recebidos.

Theodos. Ainda que he deitar barro á parede já pode ser que pegue.

Albert. Tanto dá a agua na pedra até que quebra. Plotina molher do Emparador Trajano foy singular na modestia, e modo de vestir, Aspassia molher de Artaxerses Rey da Persia, honestissima em seus trajos, e

temperadissima em todas suas acções. A molher de Philon tão pouco curava de sy no modo de vestir, que lhe chegavão a perguntar porque se não trajava e afeitava, como as molheres de sua calidade o fazião: ao que ella respondeu, que lhe bastava por ornato, a virtude, e valor de seu marido. As molheres Lacedemonias jámais vestiam sedas, nem usavam de afeites, pois trazião cabeleiras postiças, e gadelhas encrespadas, como as do tempo de agora? E para melhor authorisar este discurso, avia huma ley entre os Romanos, a qual mandava, que nenhuã molher podesse trazer sobre sy mais que vestidos de varias cores, e mea onça de ouro: e para que dê fim ao tocante ás molheres, e a sua intemperança, quadra bem uma resposta que deu Lisandro Capitão dos lacedemonios, a Dionysio tirano: foy o caso, que mandando-lhe este Emparador hum rico presente de vestidos de molheres para com elles se honrarem, e trajarem suas filhas, não consentindo na aceptação d'elles, respondeu: que elle não aceitava aquellas pessas, e ricos tanto como preciosos vestidos, por que temia que semelhantes galas, e custosos trajos servirião mais de destemperar os appetites de suas filhas, que de as compor, e ornar; o que senhores com difficuldade poderia acontecer no tempo de agora: e se os gentios faltos de fé assim vivião precatados, que nos deixarão exemplos tão dignos de imitação; que vergonha é a nossa creados com o leite do Evangelho para nós não corrermos, e emmendarmos? Perdoayme que as potencias me faltão, e as lagrimas de maneira me cegão, e a dor me cerca, e aperta o coração, que me fazem força a não passar adiante.

Theodos. Se estaes para dizer alguma cousa tocante dos homens, e a sua intemperança far-nos-eys mercê, e satisfareis a vossa obrigação.

Faust. Parece-me que se poz na razão meu camarada.

Anselm. E sem cousa tam necessaria diminuta ficava nossa conversação.

Albert. Tanto ha que me sahi do laberinto em que por muitas vezes de cansado me vi perdido, e já quereis meterme em outro, e ainda peior? pareceme que he apertar muito com os amigos: mas porque de todo me não escuse, obrigarei ao senhor Anselmo comece d'aqui sua pratica, e eu de quando em quando farei algumas advertencias, e n'isto receberei particular mimo.

Anselm. A tam justa petição não pode faltar-lhe o cumprase; porem será com brevidade, porque se vay já pondo o sol, e ha mais de seis horas que praticamos.

Faust. Vossa boca, vossa medida.

Albert. Aveis de satisfazer á que só a intemperança, e largueza de maneira fez moles e viciosos os homens, que cahirão em infinitos peccados, e ainda inormissimos.

Anselm. Assim deve ser conforme a regra, e methodo que levamos. Atras fica ditto que a intemperança nos comeres e bebidas estraga a natureza e tanto que desta cabeça nascem todas as tropezas filhas da luxuria, capital inimiga da continencia, e temperança: o mimo, e brandura assi mudão os homens, que os fazem afeminados: os trajos, perfumes, composições, e meneos os incitão a cometerem peccados nefandos.

Theodos. Fará esse effeito em gente baixa, e de pouca estofa.

Albert. De todos ha (e ainda mal.)

Faust. E eu estou fora de my, vendo os custosos vestidos, e as galas que hoje se trazem.

Anselm. E a valia de cada hum.

Albert. Não ha mais que pasmar; porque os gibões, e calções, as roupetas, e ferregoulos, huns de capichuela, e outros de varias sedas, e com tantos passamanes

que pode bem manter uma casa muitos mezes a quantia que fez de custo: as gadelhas, meios braços de fora, os peitos fortes que não se podem endereitar, e os manteos que não dão logar algum de deixar ver, e outras demasias que a largueza alcovita, e a intemperança gasta.

Faust. Sabeis que me parece, que de nenhuma cousa tem menos os homens do tempo de agora, que de Portuguezes: porque se trajão ao uso das mais provincias do mundo, tomando do Castelhano, Francez, Italiano, Romano, Biscainho, e em fim do Mouro de cada hum sua pessa, e assi não são o que parecem, mas bem mostram o que são.»

E jogatina! Era de tal ordem em 1622, que *levava n'uma hora os ganhos de toda a semana.* Ha mais. Ha quem perca em meia hora os rendimentos d'um anno. Todavia, para um paiz que vergava sob a desgraça da usurpação, era culpavel embriaguez a do jogo na sociedade contemporanea de Martim Affonso. Oiçamol-o:

«*Alberto.* He o jogo hum abismo de todos os males.

Faust. Muito deve de aver mister de Deus hum tafur para se salvar.

Theodos. Eu delle não sey nada, porem pelo que vi, e ouvi em algumas partes e a alguns senhores pelo sumo dos mayores males o julgo: mas muito desejava saber quem foy inventor de tão pestifero entretenimento.

Anselm. Platão diz, que hum demonio chamado Theutão (donde originalmente vem este nome tafur) o inventou, ensinando-o a Thomaz Rey de Egipto, e grande Magico. E o docto Castelhano adverte, que este nome tafur, he Chaldaico, e que virando as letras quer dizer furta, que he o proprio effeito do jugador, e o de que

mais usa, vedes aqui a grangearia que o jogo traz consigo, eu como ferido desta peste podera dizer muito, mas fico aqui por vos ouvir.

Faust. Notaveis forão os acontecimentos, e diabolicos os effeitos que o jogo fez, e obra em os que o professão, e tem por officio, tomando por instrumento os dados, e as cartas: homens ouve que depois de perderem as fazendas, perderão com ellas para sempre as almas, achando que não tinha sua salvação remedio, e assy desesperavão da summa bondade de nosso Deus, que a todo o tempo recebe, e busca peccadores, ainda que sejam seus peccados mais que as areas do mar, e estrellas do ceo: o objecto do jogo he o maior mal, e irremediavel dano que em todos os mais peccados se acha.

Theodos. He por ventura soberba, gulla, ou a avareza?

Faust. Não.

Albert. He a luxuria, ociosidade, ou a cobiça?

Faust. Menos.

Anselm. Será ira, odio, e malquerença?

Faust. Em nenhuma maneira; sabeis qual he, a desesperação; tão grande inimigo, e tão poderoso contrario, que nega em Deos o atributo de que mais se honra, e gloria (tanta he sua dissolução) em hum livro antigo traduzido de Francez em Italiano, ly que os Lydios forão os que derão principio a estes dous generos de jogos, porem foy em tempo que a Cidade estava em grande aperto, para que divertindose n'elle podessem resistir á grande fome que se passava: e durou este serco, e carestia vinte e oito annos (conforme Alexandre Reverio de Sesena.) He o tafur dissoluto, desalmado ladrão, e as claras, sem rebusso em publico furto; e tem alguns tanta brandura, e tal modo, que roubandonos a capa lhe dareis a roupeta, mas quem com o

demo cava a vinha, com elle vendima. Todo o peccado cometerá hum jogador por adquerir dinheiro para o jogo e esta he a razão (como adiante diremos) porque os tafures pelas leys Imperiaes estão tidos por infames, assi e de maneira que os ladrões; avendo que o mesmo he ser hum salteador, que tafur, ladrão que jogador; não passo adiante porque me parece que disse mais do que era necessario.

Theodos. Quem tão pouco como eu se inclinou ao jogo, pouco, ou nada poderá dizer d'elle; mas he tam geral a queixa e tantos os desbaratados, perdidos, e destruidos por elle que al não vemos que queixosos, e despidos por se darem a este entretenimento: grande mal traz consigo, a luxuria, insofriveis são os danos que de beber demasiado se seguem, porem ouzo a affirmar que não tem comparação com os inconvenientes que do jogo nascem.

Albert. Vede o que dizeis, que o luxurioso esperdiça a fazenda, desbarata as forças naturaes e emfim põem a alma no caminho de sua perdição.

Faust. E o beber demasiado he mal que só com a morte acaba, porque quanto hum vay mais para a velhice, com mais excesso se dá ao vinho.

Anselm. Isso assi he, mas o jogo faltando o *cum quibus*, não se pode exercitar, porque he officio que depende (como disse hum moderno) de paciencia e cabedal, de já nem mercadores fião, nem os tafures sofrem paço.

Theodos. Respondo a essas duvidas, quanto a mé dizerdes, que a incontenencia esperdiça a fazenda, cansa o corpo, e mata a alma, bemdito está; e assi he sem duvida, mas a falta da saude aparta a hum sensual por não poder obrar; o que não faz o jogo, que quanto hum menos tem de dinheiro, tanto com mais sede o busca, pede, e se empenha, e assim quando mais inhabilitado

de forças, quero dizer doente de pobreza, mais se dá a tafularia: dizeis tambem que a velhice aviva o desejo, e aguça os apetites para mais usar do vinho: respondo, que não havendo com que o comprar fará estancar a vontade, o que não acontecerá ao tafur, que de aqui, ou de aly elle ha de jogar; e agora cahireis em uma cousa bem digna de espanto; e he que se hum homem pedir ao outro para remediar suas necessidades (e estando na extrema) dez crusados, que digo dez vintens os não achará, e se for para o jogo, sem que os peça lhos offerecem, e dam he privilegio que o demonio passou aos jogadores, que nunca para este effeito lhes faltasse, porque assi mais a seu salvo os trouxesse a sua condenação. A terceira proposta satisfaço, com que me digaes quaes serão mais as propriedades que se venderão para comer, beber, e gastar em torpezas, e sensualidades, ou as que o jogo tragou, e consumio: bem differente he uma cousa da outra, pelo que o maior mal dos males, são as cartas, e dados, e o maior bem não julgalos.

Albert. He tão detestavel o vicio do jogo, e tam fora da natureza dos mais, que chegou a dizer hum Autor gravissimo, não sejas jogador se não christão: contrapondo o christão ao tafur, como do idolatra o fiel: nenhum está tam chegado a idolatrar como o que tem por officio jogar; as superstições, os agouros, qualquer pouco fallar, hum menearse, escarrarlhe faz crer que foi occasião do máo successo que teve, já se lhe tocão, pedem, ou se espantão, pelo mesmo caso perderão quanta prata dá o Potosy, e ouro as Arabias. Achey muita graça em humas significações que hum antigo dá aos metaes das cartas de jogar, o qual diz que pelos ouros se entende a insaciavel cobiça que os jogadores cadimos tem do dinheiro alheo, entendendo ser como seu: pelas copas o beber, porque sempre o tafur quando anda

neste diabolico trato, e está assentado a meza do jogo parece está alheyo a sy, o que muitas vezes mostra nos meneios, e modos: as espadas, só nesta paragem descobrem suas sem rasões arrancandose por cousa em que não vay, nem vem, donde socede ferimentos, e algumas vezes mais: nos paos, se vê melhor o que faz o jogo nos tafures que em nenhum dos ditos, porque taes os traz, e assim os consume, e gasta, como o páo da arvore nu, e despido de folha, e fructo, que para mais não serve que para o fogo, ficando em muletas, e praza a Deos, que não seja em trez páos: e quando destes escaparem he certo que não escaparão de ficarem com uma mão sobre a outra, e em hum monturo, no qual nem ainda tinhão com que se cossar, que até as mãos de pancadas que deram nos dedos tem tolhidos. Muitas leys promulgarão os antigos de que nossos passados se aproveitarão, e os catholicos Reys Dom Phelippe Segundo, e Terceiro com seu pay, e avó o Emparador Carlos Quinto, de gloriosa memoria ouveram por taes, e ratificavão contra os jogadores de dados, e cartas; as quaes andam incertas em a 10 e 11 do titulo 7, e outras que largamente tratam d'esta materia.

Theodos. Bem mostrastes quam pernicioso mal he o do jogo, e a quantos está sujeito o que usa d'elle; agora quizera saber se ha algum que sem peccado possão e os dias de festa os officiaes jogar?

Albert. Muytos, que elles bem sabem.

Faust. Hoje se não contentão com o trumfo, as vayas, parsoletas, e quinze, porque usão de outros, que lhes leva em huma hora quanto ganharão toda a semana.

Anselm. Bem posso logo inferir do que dizeis, que já se não joga por desenfado, senão por grangearia, ou tafularia.»

Por baixo da cabelleira do velho Portugal estão estes vicios, e muitos outros, já hoje encorporados no vasto

sudario da historia. A critica é um tribunal perante o qual a verdade tem de desnudar-se. Todavia, força e orgulho é confessal-o, Portugal resistiu, e hade resistir, a quantas chagas o aposthemarem. Contra a gangrena das nações ha o cauterio efficaz do brio nacional. São enfermidades, que vão e voltam, nos paizes como nos homens.

VII

AS FEIRAS

AS FEIRAS

Estamos em setembro. Chegou o periodo das feiras, verdadeiras festas nacionaes, destinadas a encobrir sob a apparencia d'um folguedo um pensamento grandemente proveitoso para o commercio d'um paiz. São um certamen industrial com a exterioridade convidativa d'um *rendez-vous* ao ar livre. Não podendo desmentir a sua origem, procuram quasi sempre as visinhanças d'um templo e o pretexto d'uma romaria. Na velha Grecia as grandes festas nacionaes eram tam complexas que simultaneamente involviam as solemnidades religiosas, as porfias litterarias, os exercicios gymnasticos e os mercados publicos. Na edade media, memorando cyclo da cruz e da espada, as feiras, tomando novo incremento, não perderam o cunho religioso que a antiguidade lhes imprimira. Agremiavam-se em bandos os mercadores por occasião de uma romagem, e iam juntos, attenta a pouca segurança de communicações, sentar arraiaes em torno da capellinha, que, vestida de festa, abria as portas ao concurso dos fieis, os quaes descarregavam a consciencia na oração e a algibeira na feira. Parece vir d'aqui a etymologia da palavra: *féria*, festa; comquanto ou-

tros optem por *forum*, praça publica, logar onde se faz mercado. Attrahidas pela ganancia ou impellidas pelo sentimento religioso, por ambas as coisas talvez, concorriam de longes terras, arregimentadas em boa camaradagem, pessoas de ambos os sexos, o que faz suppôr que pelo caminho o sentimento religioso era vencido por qualquer outro sentimento. Começou-se com o decurso do tempo a comprehender as vantagens que das feiras resultavam para o thesouro e para o commercio, e os reis cuidaram em facilitar e estimular a concorrencia, o que ainda modernamente se faz, reduzindo extraordinariamente o custo das viagens. As fronteiras dos paizes abriram-se para dar passagem ás caravanas. A uma das mais conhecidas feiras de Hespanha foi um viajante inglez com o seu *spleen* e a sua excentricidade: era doido por comer pombos—com batatas. Chegou a Hespanha e foi hospedar-se na *fonda do Espirito Santo*. Andou passeando na feira, creou apetite, e recolheu-se á hospedaria. Queria pombos—com batatas. O criado não conseguiu entendel-o. Vieram todos os criados, e não foram mais felizes. Então o inglez teve uma ideia salvadora. Olhando por acaso para a parede fronteira, viu sobreposta ao distico da hospedaria a pomba que representava o Espirito Santo.

—Como se *chamar* aquillo?

—Espirito Santo, respondeu o criado.

— *Very well!* Traga dois *espiritos santos* com batatas!

O exemplo da entalação do inglez não intimidou ninguem; as feiras continuam a ser concorridissimas por estrangeiros.

Haja vista a que se faz annualmente a meia legua de Elvas nos dias 21, 22 e 23 de setembro, e que tem por pretexto a romaria á ermida do Senhor Jesus da Piedade.

Badajoz conta talvez trinta mil almas. Pois mais de vinte mil acodem á feira da Piedade, dentro de seus respectivos corpos, porque eu não posso dizer com propriedade que são as almas que vão dentro de grandes carros de jornada, os quaes carros são dispostos em linhas parallelas, e numerados, formando verdadeiros arruamentos, a que os nossos visinhos põem geralmente um nome hespanhol, por exemplo: *Calle Dolores*. Esse nome é sempre o da *señorita* mais galanteada no arruamento. Os olivaes que se espraiam em derredor da ermida são vastissimos; toldam-se e dividem-se em longos salões, onde se dança ibericamente, portuguezes com hespanhoes, e se cantam *malagueñas*, emquanto as fanfarras dos cirios de Borba, Vorche, Trinxial, e outros, vão atroando devotamente os ares. Devo estes apontamentos a um estimavel cavalheiro de Badajoz, que vae todos os annos á feira da Piedade, e que não receia deixar de fazer-se entender ainda mesmo que tenha de pedir *peccados originaes assados*, porque elle gosta muito de maçãs assadas.

A esta hora foge Lisboa para a feira de Belem, uma ironia de pau que defronta com um monumento de pedra; uma agglomeração de abarracamentos a entestar com o esplendido edificio dos Jeronymos! Os espiritos errantes dos monges, que se espanejam saudosos de antigos tempos no formosissimo claustro, e que ás vezes teem de jogar as escondidas com os rapazes da Casa Pia, recolheram-se espavoridos á tristeza soturna das suas lages, tamanho é o medo que lhes põe a charanga profana dos irmãos Dallot! Vizeu está tambem na sua feira, e queixa-se de pequena concorrencia de compradores a retalho, o que não admira, porque o sr. bispo de Vizeu deve ter ensinado aos seus diocesanos o seu systema de economias. O Porto prepara-se para a feira de S. Miguel, uma feira pelo theor da de Belem, mais

para creanças do que para adultos, o que não obsta a que os adultos concorram mesmo desacompanhados de creanças.

E' um velho habito o de ir ás feiras. Portanto já ninguem pergunta o que se lá vae comprar. Nossos avós foram: nós vamos tambem.

O sr. Pinho Leal, author de uma obra a que o publico vae fazendo a devida justiça, o *Portugal antigo e moderno*, e que tem direito a ser respeitado por quantos sabem o que similhante livro encerra de paciencia, estudo e meditação, dá-nos noticia de que Lamego tivera nos seculos XIV e XV um grande mercado annual especialmente concorrido pelos mouros de Granada.

São palavras do sr. Pinho Leal na sua noticia relativa a Lamego:

«Nos seculos XIV e XV chegou a ser uma cidade florescente, pelas suas fabricas de diversos tecidos, por uma grande feira annual muito concorrida, sobre tudo de mouros de Granada, que aqui traziam muitas especiarias e fazendas do Oriente, que de Lamego se distribuiam pelo resto do reino.»

Foi todavia D. Affonso III que deu ás feiras, entre nós, um caracter de instituição nacional, regularisando a sua creação. *Mando fieri feyram quolibet anno in mea villa de Covellianna pro festo Sancte Marie, etc.* Sem embargo, as circumstancias especiaes do paiz estorvaram por muito tempo o desenvolvimento da industria por meio das feiras. Dil-o Coelho da Rocha no *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação em Portugal*: «Foi D. Affonso III o primeiro rei, que instituiu feiras e mercados; porém a divisão do paiz em pequenos districtos, a variedade dos Foraes; a frequencia das pastagens; a falta de segurança, e a difficuldade das communicações eram para o commercio interno estorvos quasi insuperaveis. Para o que deviam concorrer tam-

bem muito as frequentes alterações da moeda, a que os soberanos recorriam nas necessidades publicas, já alterando-lhe o valor, já batendo-a com liga ou diminuição do peso, o que julgavam poder fazer por direito senhorial: erro a que os povos se opposeram constantemente, chegando a sujeitar-se a fortes derramas para o evitar, mas que muitas vezes não poderam conseguir.»

Este mesmo soberano não se esqueceu de legislar sobre a antiquissima feira da *ladra*, cuja etymologia motivou trez eruditos folhetins do *Jornal do Commercio*.[1] Felicito-me de ter eu sido causa indirecta de tão curiosas investigações. Ordenara, como iamos disendo, o filho de Sancho II que o mercado denominado ainda hoje da *ladra* se fizesse nas *suas casas*—suppõe-se que fossem os paços de S. Bartholomeu—medeante uma certa renda. A camara de Lisboa representou contra a disposição, e por Carta de 7 de março do anno 1311 foi estatuido que o mercado se fizesse onde a Camara determinasse, *em cada uma semana por um dia como era costume em tempos de seu Pae e de seu Avô*. Ora em 1311 reinava já D. Diniz, portanto, parece-nos licito suppor que em tempo de D. Sancho II, pelo menos, era costume fazer-se semanalmente a feira da *ladra*.

Todavia, as pessoas que desejarem profundar o assumpto devem consultar a *Collecção de providencias municipaes da camara de Lisboa desde 1838*, tomo I, pag. 46. Em 1551, segundo a *Estatistica manuscripta de Lisbsoa*, existente na bibliotheca publica da capital, vamos encontrar a feira da *ladra* localisada no Rocio, realisando-se de oito em oito dias, como hoje; ahi se vendiam tambem, como actualmente acontece, calçado velho, ferro velho, e varios *pertences de casa velhos*. No tempo de Filippe II ainda se conservava a feira no

[1] Numeros 6282, 6283 e 6284 de outubro de 1874

Rocio. Rebello da Silva, no V volume da sua *Historia de Portugal*, dá noticia de que a ella concorria toda a gente incluindo illustres damas sem apparato de creados.

Até fevereiro de 1823 conservou-se a feira semanal nas visinhanças do Passeio Publico, começando na *Rua do Principe*, junto ao Palacio dos Duques de Cadaval, e abrangendo toda a *Praça da Alegria*.

Em março do mesmo anno determinou a camara que a feira da *ladra* se passasse a fazer no *Campo de Sant' Anna*, e por edital de 10 de julho foi reposta no antigo local, comtanto que principiasse na *Calçada da Gloria*. Ahi se fez, e ahi esteve até 1835, sendo por edital de 27 d'abril novamente transferida para o *Campo de Sant'Anna*, onde se conserva ainda.

Facilmente se acredita Rebello da Silva quando noticía a popularidade da feira do Rocio, porque já no tempo de D. Manuel e D. João III tinham grande voga os mercados volantes.

Lendo-se o *auto da feira* representado no natal de 1527 vê-se que Gil Vicente julgava a noite de natal incompleta por não haver uma feira:

E por quanto nunca vi
Na côrte de Portugal
Feyra em dia de Natal
Ordeno uma feyra aqui
Para todos em geral.

Cabe, porém, ao grande homem que se chamou marquez de Pombal a gloria de haver por meio de uma feira inaugurado os modernos certamens da industria em Portugal. Foi elle, o marquez-rei, que teve o alto pensamento de chamar ás visinhanças de Lisboa, a pretexto de distracção para o soberano, os productos de todas as fabricas do paiz.

O leitor encontra ampla noticia d'esse importante acontecimento a paginas 386 do VI volume do *Archivo Pittoresco*.

Nós somos forçados, pela estreiteza do livro, a transcrever apenas alguns periodos da curiosa narrativa do sr. Vilhena Barbosa:

«N'este intuito determinou que se fizesse na villa de Oeiras uma grande feira, á qual concoresse todo o genero de productos de industria fabril portugueza. Expediram-se circulares ás auctoridades para todas as provincias, ordenando que fossem intimados todos os donos de fabricas para que viessem armar barracas no logar designado, e n'ellas expozessem á venda os diversos productos da sua industria. Como n'esse tempo, em vez de convites, enviavam-se ordens, e muito positivas, escusado é dizer que ninguem faltou ao chamamento. A feira foi, portanto, uma verdadeira e completa exposição de tudo o que se fabricava no paiz.

«A côrte, o corpo diplomatico, os consules e funccionarios publicos, convidados pelo ministro, e Lisboa em peso, levada da curiosidade, foram ver e examinar, cheios de admiração, o prodigioso desenvolvimento da nossa industria na immensa variedade de producções, e no singular aperfeiçoamento de muitas d'ellas.»

O mercado d'Oeiras ficou, pois, assignalado na historia de Portugal, como typo das feiras modernas, e das modernas exposições. Dizemos *modernas exposições*, porque ha noticia de que anteriormente ao nascimento de Christo, e até seculos depois, as mulheres da antiga Iberia expunham publicamente, nos primeiros dias de cada anno, as teias que tinham fabricado no anno antecedente. Não se sabe se em virtude de uma lei, se espontaneamente. O que parece averiguado é que um tribunal de varões premiava os melhores artefactos.

Passou com o tempo a tradição. As damas d'este

seculo deixaram-se de fiar o bragal; occupam-se presentemente em tecer pequenas intrigas amorosas, que podem disparar em casamento rico.

Infelizmente não recebem premios annuaes pela nova urdidura, porque tambem já não ha varões.

Foram substituidos pelos barões, e desgraçadamente está adoptado haver só uma baroneza para cada barão. De sorte que as pobres senhoras andam n'aquella tarefa muitos annos, e algumas vezes succumbem muito mais lamentosamente que Moysés—sem avistarem a Terra Promettida.

Lá verdade, verdade, não se poupam a exforços, e portanto não lhes tomemos o tempo com velharias bolorentas.—São horas de ss. ex.as irem feirar noivo a Belem.—Pois que ss. ex.as sejam muito felizes!

VIII

A ANTIGA VIAÇÃO PORTUGUEZA

A ANTIGA VIAÇÃO PORTUGUEZA

Mal pensamos hoje no que foi isso!

Ingratos que somos!

Que de trabalhos, d'angustias, de tribulações não custaram a nossos avós as longas jornadas que emprehenderam n'este nosso escabroso Portugal!

E muitas vezes para que?

Para levarem o primogenito, então menino, a casa do curandeiro, do cirurgião e talvez da feiticeira, visto que estava desmedrado, e não queria comer, e chorava que era uma afflicção. Para alongarem as suas relações commerciaes, com sacrificio da propria vida, sempre que uma feira longinqua, mas afamada, promettia lucros superiores aos do mercado local. Finalmente para se divertirem, por desenfado umas vezes, outras por amor, quando nossas avós acertavam de viver longe, e eram dotadas de formosura digna d'uma boa caminhada. Fosse pelo que fosse, devemos-lhes o haverem explorado as mais inhospitas paragens, cortadas hoje pelo caminho de ferro ou, quando menos, atravessadas diariamente pela diligencia que passa veloz como um sopro de vida e de civilisação. Abençoados sejam! Ensinaram-nos laboriosamente o caminho que nós hoje percorremos suavemente, recostados em coches, despreoccupados, indolentes, cheios d'alegria e de commodidade, sem

pó, sem sol, sem chuva, nem suor, nem desconfiança, nem medo... Oh! prodigio!

Abençoados sejam!

Elles foram os Christovão Colombo da viação. Conheceram que a terra era transitavel, e que o homem havia nascido para mais altos pensamentos e mais nobre missão do que o cuidar do amanho das terras que o viram nascer, e o viver dentro de quatro paredes, sem horizonte, sem largueza, sem mundo... Pozeram o dedo nas agrestes veredas, nos tortuosos atalhos, nas pedregosas azinhagas, e disseram ao futuro: «É por aqui.» Com os conhecimentos topographicos de que podiam dispôr, marcaram dois pontos medeados por numerosas e meandrosas leguas, e, quando chegaram ao termo da perigrinação, gritaram á posteridade: «Lança tu a linha recta. Aterra aquella profundeza, mina aquella serra, alisa aquellas escabrosidades, e vai a direito, se queres chegar mais depressa!»

Abençoados sejam!

Trabalharam mais para nós do que para si. Soffreram, mas ensinaram. Lidaram, mas facilitaram a conquista. O facto antigo gerou o pensamento moderno.

Ainda mais uma vez,— abençoados sejam!

A viação portugueza começou pelo cavallo e pela liteira, não a liteira de que a geração actual ainda tem conhecimento, mas por uma especie de leito descoberto e suspenso em varaes.

Este vehiculo era quasi exclusivamente destinado aos doentes e aos mortos, e, tanto se arreigou o costume, que ainda hoje nas mais sertanejas provincias do norte são empregadas as andas, primitiva liteira, para conducções identicas.

O Cardeal-Rei, já sopitado pela doença, jornadeou de Lisboa para Almeirim n'uma d'essas antigas liteiras.

«A intriga — escreve Pinheiro Chagas — agitava-se-lhe

constante á roda da sua liteira de moribundo, e a lisonja enleiava-o nas suas vergonhosas redes, chegando a empregar os meios mais burlescos para acariciar a tropega vaidade do imbecil soberano. Não se lembraram os cortezãos d'atar um porco montez para que el-rei, matando-o da sua liteira com um tiro d'espingarda, se podesse regosijar, pensando que a velhice e a doença não lhe tinham ainda affroixado a firmeza de pontaria?»

As bestas muares eram do serviço dos homens do povo; os cavallos foram longo tempo regalia de nobres e principes.

Primitivamente o clero esteve subjeito ás mesmas leis que regulavam a locomoção dos populares; todavia vemos que no reinado de D. João II, o fundador das coudelarias em Portugal, foram promulgados decretos tendentes a aperfeiçoar a raça azinina, os quaes decretos não só prohibiam que todos os seus subditos fizessem uso dos machos, mas tambem vedavam que os individuos incapazes de pegar em armas, e n'esse numero estavam os ecclesiasticos, montassem habitualmente em mulas. O clero reagiu *por vêr n'esses decretos uma disposição attentatoria contra os seus direitos*, escreve Ferdinand Denis, o que prova que posteriormente haviam sido irmanados aos nobres nas regalias respeitantes á equitação. D. João, sem crear conflictos, tirou-se habilmente do apêrto. Promulgou novo decreto ordenando, sob pena de morte, que nenhum ferrador de seus reinos ferrasse machos ou mulas. E assim conseguiu fazer augmentar a raça dos cavallos, com immediata vantagem para a cavallaria do exercito. A Hespanha deu-se pressa em imitar o exemplo. Podera! N'aquelle tempo ainda os nossos visinhos tinham muito na memoria a superioridade das armas portuguezas, que os venceram em Aljubarrota... Era justo, pois, que procurassem nivelar-se comnosco em tudo o que tendesse a melhorar o exercito. O certo é

que já em 1506 foi concedido a Christovão Colombo, então quebrantado por annos e trabalhos, e talvez pela gloria, que, como febre que é, adoenta, foi concedido, diziamos, como prova de real consideração, o montar em mula *ensilada y enfrenada*. As mulheres plebeas jornadeavam em jumentos, cujas redeas governavam, quando um familiar ou um criado não as seguravam sobre as ancas da mula em que elle proprio ia montado. As damas nobres, quando eram timidas e não queriam confiar-se a si mesmas, sentavam-se nas ancas do cavallo. Assim vemos que, quando D. João II soube em Evora que o principe D. Affonso havia desposado em Castella a infanta D. Izabel, e sahia da sé onde se cantára o *Te-Deum*, uma dama illustre, de nome D. Briolanja, lhe sahira ao encontro bailando, e el-rei a tomou, e sentou na anca do seu cavallo, e levou á presença da rainha.

Sendo o uso dos cavallos regalia de nobres, claro está que a côrte os empregava em seu serviço. De feito, quando os reis sahiam a passeiar na cidade, o prestito era composto d'este modo: Iam adiante os porteiros da cana, e os reis d'armas a cavallo, e descobertos; tambem descobertos os seguiam os moços da estribeira. Após, o estribeiro mór, a cavallo, e coberto. Com algum intervallo, a pessoa do rei. A rainha e as infantas, quando as havia, cavalgavam palafrens, que os mais considerados fidalgos levavam de redea. Atraz da familia real todos os fidalgos a cavallo, sem distincção de logares, e cobertos. Se porém era dia de funcção regia, os trombetas e timbales precediam el-rei. Não obstante, D. João III frequentemente sahia apenas com dois porteiros da cana adiante de si, como Sá de Miranda deixou lembrado:

Que se pode ir mais á vante
Com quanto alcança o sentido,

Sem ferro, ou fogo, que espante,
Com *duas canas* diante
His amado, e his temido.

As primeiras carruagens de que ha noticia em Portugal são as que Filippe II de Castella, quando veio de casa mudada, em 1581, trouxe para seu uso. Eram baixas, pesadas, desgraciosas. Ainda bem que o primeiro Filippe nos trouxe alguma coisa,—duas carruagens... para si, em compensação do que nos tirava,—a independencia. O que é certo é que a moda dos coches pegou.

Logo o duque de Bragança, como nol-o ensina o erudito archeologo o sr. Vilhena Barbosa, entrou de transitar em coche pelas ruas de Lisboa.

Quando em 1619 commettemos aquella immensa cobardia de receber com festejos Filippe III, immensa e vergonhosa, já na occasião do desembarque se estadeava grande numero de coches no Terreiro do Paço.

Este facto tem seu lado agradavel para nós. Prova que os portuguezes sempre foram artistas e, quando não creadores, promptos imitadores. D'outro modo, não poderia, em tão breve curso de tempo, nascer e crescer entre nós a industria das carruagens. Sem embargo, a innovação dos coches era impraticavel em muitos pontos do paiz, e no mais trabalhoso das serras a viação continuava a ser feita em azemolas, a mais perigosa mas tambem a mais pittoresca de todas as viações. Os accidentes a que dava origem eram numerosos e variados. D'um temos nós conhecimento, e vamos reproduzil-o. Occorreu durante a visita do arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres ás terras de Barroso.

Ouçamos fr. Luiz de Souza:

«Com os braços cruzados e os olhos no ceo, e as redeas da mula lançadas em banda, caminhava muitas leguas sem dar fé de nada, e ás vezes por passos bem

perigosos. E guarda Deus com tanto cuidado os pés dos que trazem os olhos e coração n'elle (segundo o que tem promettido) que affirmavam os que o serviam, espantados da postura e enlevamento em que sempre ia, que nunca viram cair, nem menos tropeçar ou embicar, a mula em que caminhava. Na ordem que temos dicto, iam caminhando de vagar e com trabalho, senão quando, ao tempo que iam no mais alto da costa, e quasi vencendo o cabeço do monte, resvala uma das azemolas de carga, e em resvalando tudo foi um, resvalar e ir em tombos pela costa a baixo. Ia n'esta paragem o carreiro ou vereda que seguiam em voltas; vinham abaixo as outras azemolas; dá sobre ellas a que vinha em tombos; com o impeto que trazia derruba a primeira que encontrou; esta leva outra, e outra a que a seguia. Assim se foram encontrando, empuxando, e derribando, até darem nos que vinham a cavallo, que sem remedio, como não havia nenhum para se desviarem, vieram quasi todos a terra, dando voltas sobre os penedos. Foi grande a grita que o sobresalto e perigo fez levantar a todos, chamando em altas vozes pelo nome de Jesus e de Nossa Senhora, dando-se por acabados, e havendo que não parariam senão no fundo do valle feitos em pedaços.»

O arcebispo, ouvindo o alarido, descavalgou, e pozse em oração. Miraculosamente, ninguem perigou. Mas o que é certo é que em remotas aldeas, costa arriba, nem todos levavam comsigo companheiro de tanto valimento como frei Bartholomeu dos Martyres. Todavia a industria das carruagens progrediu e aperfeiçoou-se. No reinado de D. João IV as cortinas começaram a ser substituidas pelos vidros. D. João V, quando se avistou sobre o rio Caia com a côrte de Castella, e se trocaram as infantas, exhibiu coches d'uma riqueza fabulosa. Bastava este exemplo dado por um rei faustoso a uma côr-

te desvanecida para animar a industria das carruagens.

O terremoto de Lisboa respeitou a maior parte dos sumptuosos coches guardados no sitio do Calvario, onde eram as cocheiras reaes; os que estavam nos paços da Ribeira ficaram sepultados sob as ruinas do edificio manuelino.

No reinado de D. José a casa real mandou construir alguns coches, especialmente para o acto solemne da inauguração da estatua do Terreiro do Paço. Como porém n'essa epocha de progressos nacionaes, verdadeira renascença, porque uma cidade inteira, a capital, renasceu de si mesma, o marquez de Pombal imprimisse movimento a quanto estava sob a alçada da sua adminisção, e tudo era, as obras de talha foram substituidas nos coches do soberano por valiosas pinturas dos melhores artistas portuguezes.

Não sabemos ao certo se anteriormente a este reinado já em Portugal eram usadas as *cadeirinhas*. O que a historia nos diz é que a velha marqueza de Tavora, D. Leonor, fôra em 1759 conduzida ao cadafalso n'uma *cadeirinha toda preta*.

Este meio de locomoção ficou sendo usado entre nós desde a epocha da sua introducção, qualquer que ella seja. Em Lisboa o seu uso é limitado aos doentes, mas no Porto ainda hoje as cadeirinhas são quasi tão vulgares como as carruagens. Ha-as de irreprehensivel aceio: commodamente almofadadas no interior, e doiradas e envernisadas exteriormente. Os portadores tomaram o nome do vehiculo: chamam-se no Porto cadeirinhas. São ordinariamente gallegos, que trajam capote preto ou côr de castanha avivado de vermelho ou amarello. Usam chapeu alto. Pendem dos braços, por baixo do capote, as correas por onde enfiam os varaes da cadeirinha. Não ha mais aborrecido andar. O chouto monotono dos gallegos — chouto é a expressão — adormenta como o em-

balar compassado d'um berço. As senhoras portuenses servem-se d'este meio de transporte, especialmente para ir ao theatro. No de S. João ha uma porta, que entesta com o hospital do Terço e Charidade, conhecida pela *porta das cadeirinhas*, e que defronta com a *porta das carruagens*.

Esta reliquia da antiguidade, tão arreigada no Porto, surprehende por via de regra os lisbonenses que visitam a cidade invicta, e que estão habituados a vêr na capital as *cadeirinhas* de madeira destinadas para conducção d'enfermos.

Eu ainda sou do tempo de ser *bom tom*, como hoje dizemos, ter cada familia nobre a sua *cadeirinha*, o que não dispensava a traquitana, — e todavia declaro com grande prazer meu que não vai isso ha tantos annos que eu possa suspeitar-me velho.

A casa real portugueza continuou a mandar construir coches de subido preço, não obstante uma lei sumptuaria do marquez de Pombal prohibir em 1762 o uso de mais d'uma parelha nas carruagens, a uma legua de Lisboa, sob pena de multa, o que devia ser causa da nobreza deixar de adquirir novas carruagens, visto que não podia estadear-se nas ruas com fausto principesco.

As liteiras tiveram em Portugal grande voga: eram uma especie de cadeirinhas, transportadas por machos.

Ainda eu soffri as tribulações da liteira em viagem no Minho. O tilintar das campainhas, que os machos levavam penduradas do pescoço, quebrava tristemente o silencio das estradas povoadas de lobos, de ladrões, e de sombras...

De vez em quando punha a gente a cabeça fóra da liteira. Espreitava e retrahia-se amedrontado de tão silenciosa negridão.

E o tilintar das campainhas parecia apostado em fazer dos dois passageiros uma especie de Tantalos do

somno; sentia a gente nos olhos o peso das papoilas, como se dizia em estylo arcade, e não conseguia adormecer, porque nos chocalhava na alma o carrilhão dos machos.

E para que levavam elles as campainhas?

Mysterio.

Talvez para afugentar os lobos; talvez para que elles proprios, os machos, não adormecessem d'aborrecimento...

Que tristeza aquella!

Que longos dias passados nas solitarias estradas, onde o nome dos mais celebres salteadores portuguezes parecia ouvir-se medonhamente no sussurrar sinistro das arvores, e deletrear-se no clarão sanguineo do relampago!

Não pensem que estou fazendo melodrama.

Appello para a memoria de quantos conheceram a antiga viação em terras de Portugal. Esses hão de sentir ainda, ao lerem estas paginas, um calafrio nervoso, porque se hão de recordar das visões pavorosas em que se figuravam vêr levantar de repente a cortina da liteira, e assomar a mão herculea do capitão da quadrilha empunhando o bacamarte das hecatombes tradicionaes.

N'esse tempo as serras de Portugal tiveram uma tragica fama: eram covil de salteadores.

Na Falperra, cortada hoje por uma excellente estrada, havia cavernas que vomitavam dragões sedentos de sangue e dinheiro. De longe a longe uma cruz, pendurada d'uma arvore, era o terrivel *memento homo* dos viajantes.

Uma jornada era uma verdadeira epopea, porque cada hora era uma façanha em que a gente triumphava de si mesmo. Em todo o caso preparava-se devotamente a alma, antes de sahir de casa, para o caso de se não voltar, o que acontecia frequentes vezes. Era cos-

tume inalteravel o deixar-se testamento feito. As pessoas da familia faziam novenas á luz da vela benta para que o viajante chegasse a porto e salvamento. Nas pequenas povoações da provincia havia um desgraçado que se prestava a affrontar a morte de dois em dois ou de tres em tres mezes: era o delegado de todos os habitantes, e ia buscar abastecimento para a povoação inteira. Se accidentalmente se demorava mais do que o costume, alvoroçavam-se os seus conterraneos com a ideia de que o emissario fôra morto, e elles roubados. Na Chamusca havia um d'estes heroicos recoveiros, appellidado o Marfim, o qual de longe em longe vinha a Lisboa fazer compras por atacado, — desde os generos alimenticios até aos mais insignificantes objectos indispensaveis n'uma casa.

Se elle tardava, as damas choravam as suas fitas, as suas rendas, as suas flores, e os homens os seus capitaes.

Mas quando o Marfim chegava, que doidices de jubilo!

Aquelle Marfim da Chamusca foi um heroe obscuro.

Por esse tempo, a navegação para o Brazil era feita por meio de comboyos de navios, escoltados por vasos de guerra. Todas estas precauções eram precisas por causa da pirataria que infestava os mares. Que de tempo para chegar uma noticia d'um a outro hemispherio! Quando as novidades chegavam, tinham... envelhecido. Nem siquer suspeitaram os antigos que podia vir tempo em que o pensamento dos americanos fosse escutado pelos europeus com o intervallo de duas horas, apenas! A prophecia de tamanho prodigio, já não quero dizer a realisação, seria tida como parto diabolico, ou previsão de feiticeiros intimamente relacionados com el-rei caprino...

Que grande modo de vida que era o ser adivinho em

Portugal, no tempo em que toda a gente era credula!

D. Manuel cerceou os rendimentos aos feiticeiros mandando-os marcar com ferro em braza por um alvará datado de 1516.

Todavia o commercio da adivinhação continuou a occultas, e muitas vezes os antigos portuguezes iam consultar uma feiticeira antes de emprehenderem aquellas arriscadas jornadas do tempo em que viveram.

Ora eu não sei se o alvará de 1516 foi particularmente solicitado por D. Martinho de Castello Branco, segundo conde de Villa Nova de Portimão, o qual obteve de D. Manuel o privilegio exclusivo de estabelecer um lupanar ou mancebia na villa do seu titulo, e de cobrar elle e os seus successores os rendimentos do estabelecimento.

O conde devia receiar a concorrencia dos feitiços, que eram rendosos, e portanto, conseguindo que feiticeiros e feiticeiras fossem marcados com ferro em braza, provocava nova industria...

Que edificante ideia que teve D. Martinho de Castello Branco!

O carroção longo tempo foi utilisado em Portugal. Era um enorme leviathan de madeira, com janellas, com bancos, com commodidade, puxado por uma junta de bois que lentamente arrastavam os viajantes, o carroção, e o mais que não era carroção nem viajantes: as bagagens.

O carroção foi talvez creado para preencher as lacunas da liteira, que não comportava mais que duas pessoas.

No carroção ia uma familia, e qualquer Archimedes, se lhe dessem um carroção do tamanho do mundo, metteria dentro... a humanidade inteira!

Mas no carroção havia exactamente os mesmos perigos, os mesmos sustos, os mesmos horrores da liteira.

Os ladrões, n'aquelle tempo, andavam em bandos, que se chamavam quadrilhas, e havia sempre salteadores em numero sufficiente para occupar cada um sua janella,— com o seu bacamarte.

A unica maneira de jornadear com segurança e tranquillidade era obter um *passe* do capitão da quadrilha, o que era sobre maneira difficil, porque o seu modo de vida não era facilitar a passagem, mas, ao contrario, estorval-a.

Eu fui uma vez — era pequeno, — de carroção, de Braga para Guimarães. A meio da Falpêrra sahiram-nos os ladrões. Lembro-me da cara d'um, por causa dos olhos, que eram verdes. Nós levavamos simplesmente o fato indispensavel, porque o assalto era mais que certo. Um sujeito dos Arcos, nosso conhecido, ia tambem no carroção. Vestia jaqueta de pelles, com grandes alamares d'aço. Os ladrões, logo que atacaram o carroção, pediram dinheiro. Deu-se-lhes o pouco que se levava. Descontentou-os a exiguidade e trataram de nos mandar despir, tendo todavia a delicadeza de consentirem que ficassemos em trajos menores. Entrámos quasi paradisiacamente em Guimarães: o interior do carroção devia alvejar como se fôra avalanche. Chegados á cidade de Affonso Henriques, cuidou-se de comprar fato, e o sujeito dos Arcos encontrou a sua jaqueta de pelles já pendurada no gancho d'um adello. Comprou-a outra vez. Finda a romaria de S. Torcato, voltámos a Braga. Na Falperra tornaram-nos a sahir os ladrões, e tornaram a roubar a jaqueta ao sujeito dos Arcos. Todavia, teve elle uma ideia portentosa. Mandou a Guimarães por um recoveiro — os recoveiros davam uma percentagem aos salteadores, e passavam impunemente — mandou, diziamos, procurar a jaqueta de pelles á loja do adello

Lá estava, effectivamente.

O carroção ainda vive, — esquecido, poento, meditabundo ao canto das cocheiras nobres. A liteira, essa passou para todo o sempre. Onde se consumiram esses vehiculos inquisitoriaes das noites pavorosas?

Não sei.

Afoguearam certamente as vastas lareiras da provincia.

Morreram como deviam: nos autos de fé. *Talis vita, finis ita.*

Maldição á liteira!

As diligencias foram o primeiro assomo de progresso que lampejou para a viação portugueza.

O fim primordial das diligencias no nosso paiz não era a principio facilitar a conducção dos passageiros, mas a conducção da correspondencia de provincia para provincia, de villa para villa, comprehendendo no transito as aldeias e logarejos interpostos.

Antigamente os correios, mesmo os que particularmente serviam o estado, jornadeavam a pé ou a cavallo, consoante as distancias. Em João Baptista de Castro lê-se o seguinte: «Ao Correio Mór compete provêr de cavalgaduras para os moradores da Côrte caminharem, e pôr as postas ordinarias no Reino; e quando el-rei corre a posta, serve elle de Postilhão. *Despacha os Correios ordinarios* de pé, e cavallo, *assim para o Reino,* como para fóra d'elle. A propriedade d'este officio concedeu Filippe II, e confirmou el-rei D. João IV, de foro e herdade á Familia dos Motas.»

Ácerca dos primeiros postilhões portuguezes, venha uma noticia curiosa, respigada ainda na *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres* por Fr. Luiz de Sousa. E' esta: «Por fim de Janeyro primeiro que teve em Braga, apresentarão-lhe umas lampreas. Não faltou quem o advirtiu que era costume de seus antecessores, as primeiras lampreas que se pescavão, inviarem-nas á Raynha,

e pera chegarem frescas e boas, buscavão *um valente pião que bem pago corria com ellas como em posta.* Ouviu o conselho, mandou que se buscasse o correyo, que se fizesse preço do porte e caminho: feito tudo, mandou vir diante as lampreas, e o dinheiro que se montava ao caminheiro: e logo fez entregar tudo ao seu esmoler, com ordem que as lampreas se vendessem, e o dinheiro d'ellas com o do correyo se dêsse aos pobres...» Que trabalhos, que correrias para trazer de Braga a Lisboa, n'esse tempo, as lampreas que os arcebispos mandavam ás rainhas! E que frescas, apezar de todos os cuidados, que deviam de chegar as lampreas! Esta foi a rude infancia da nossa viação postal.

O estabelecimento dos correios foi, como se vê, quasi exclusivo dos soberanos, nos primeiros tempos, não só em Portugal, mas em toda a parte onde os emporios, por meio da conquista, conseguiam dilatar-se. Sabe-se que os romanos attribuiram a Augusto a organisação dos correios no seu paiz, denominando-os *cursus publicus*. Só em 1793 deu a Inglaterra a conhecer á Europa as carruagens chamadas *Mala-postas*, e só em 1828 obteve a França que os correios, que até ahi partiam duas ou tres vezes por semana, tivessem carreiras regulares todos os dias.

Em Portugal começou a accender-se n'essa epocha a lucta civil. Depois da victoria para as armas liberaes, seguiu-se o periodo de indecisões que fatalmente havia de vir após tantos annos de campanha. As discordias politicas entre cabralistas e setembristas tomaram largo tempo, e, só quando a exaltação dos animos começou de calmar, entrou o paiz na marcha regular que as suas muitas necessidades exigiam.

Aconteceu que se nos antecipou consideravelmente a França no estabelecimento das mala-postas, e que vie-

mos a reconhecer-lhes as vantagens apenas no decurso do segundo quartel d'este seculo.

A regularidade das conducções postaes fez com que o commercio as recebesse de braços abertos, não só para expediente de correspondencia como para transporte de passageiros. Então a certeza de partir e chegar a horas determinadas desvaneceu grande parte dos horrores, o maior dos quaes, como sabemos, era a longura das antigas jornadas, para não estarmos agora a recordar o receio dos salteadores, os perigos que se corriam nas hospedarias, as traições dos arreeiros, e outros de não inferior importancia.

A ideia de atravessar uma estrada de dez ou doze leguas n'um vehiculo, commodamente almofadado, e tirado por quatro ou cinco cavallos a trote, e nos sitios tenebrosos a galope, deu animo aos viajantes, que se lembravam perfeitamente de quando o capitão da quadrilha mandava fazer alto, e a liteira parava, para dar tempo a que a quadrilha chegasse.

Os salteadores conspiraram contra este progresso que lhes prejudicava os interesses, e tiveram de bater-se com a civilisação. Cuidaram de organisar uma opposição engenhosa para suster a carreira dos cavallos, e dos artificios de que se serviam o mais vulgar era atravessarem na estrada uma trave, de modo que os cavallos tropeçassem, e os passageiros fossem surprehendidos ainda na commoção do perigo.

N'esse tempo gastavam-se do Porto a Lisboa duas noites e um dia, na mala-posta, e, não obstante o melhoramento, que o era, e consideravel, sentia-se a gente triste quando via partir dentro d'uma grande caixa de pau oito ou dez pessoas, sem a precaução de virem empalhadas, podendo portanto quebrar, o que algumas vezes aconteceu, porque a mala-posta tombava.

Ainda se ficava com cuidado pelos que partiam. Ain-

da os que chegavam traziam sobre si o pó de cincoenta leguas, e tratavam de mexer as pernas e lavar a cara logo que se apeavam.

Parecia que não sahiam d'uma diligencia, mas que chegavam d'um hospital,—tal era a pallidez, o cansaço, o abatimento de forças em que se achavam!

Antes, e ao tempo da mala-posta, havia o vapor,—transporte sempre temido, porque punha o homem em contacto com os perigos do mar, e, quando menos, com os incommodos do enjôo.

Ainda assim, muitas pessoas, até 1852, preferiam vir a Lisboa por mar, n'um só dia de tribulações, a gastar duas noites e um dia, de... tribulações differentes.

N'esse anno, porém, a 29 de março occorreu o horroroso naufragio do vapor *Porto*, acontecimento tremendo, que encheu de panico o paiz inteiro, mórmente pelas circumstancias extraordinarias em que se deu.

Tenho presente uma folha volante, publicada no Porto pouco depois da triste occorrencia, em que se relatam os dolorosos episodios d'essa catastrophe, com o sabor e a côr das antigas folhas volantes que constituiram a *Historia tragico-maritima*.

Copiemos o essencial:

«No dia 28 de março, pelas 9 horas da manhã, sahia a barra do Douro, com direcção ao Tejo, o vapor denominado PORTO, conduzindo a seu bordo, além da tripulação, 38 passageiros, entre os quaes iam diversas pessoas bem conhecidas n'esta cidade.

«Tocara Deus o coração do capitão Costa, que não pôde embarcar, dando parte de doente, e por isso o vapor ia commandado pelo piloto Antonio Pinto.

«Em má hora transpoz elle a fatal barra do Douro — porque pouco tardou a rebentar-lhe pela proa um temporal desfeito, que mal o deixava navegar, achando-se

no dia 29, pelas 8 e meia da manhã, apenas a 3 legoas ao sul da Figueira.

«A tempestade recrescia e tornava-se medonha; a furia do vento fazia encapellar as vagas; os escarceos estalavam com horivel furia contra o costado do navio...

«A scena era pavorosa e solemne...

«Alli, entre o céu e o mar, desenrolava-se uma epopea immensa....

«Quereis saber o titulo d'essa epopea?

DEUS!.....

.....

«Os passageiros,

Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao céu subindo,

tomados d'espanto e de terror, forçam o piloto commandante a arribar ao porto d'onde partira, dando a pôpa ao vento, em demanda da fatal barra do Douro.

«Dissereis que algum negro attentado contra Deus e contra os homens, impellia aquelles infelizes para o lugar da expiação.....

.....

«Eram 5 e meia da tarde do dia 29, quando, através da nevoa, se avistou o vapor, já bastante proximo á barra.

«Reuniram-se os pilotos, e resolveram fazer-lhe signal para entrar.

«Já elle tinha passado as ultimas lages, quando desgovernou para o lado do sul... pôde ainda voltar a proa para o norte; mas, perdendo o leme, ao atravessar uma restinga d'area, foi bater n'umas lages, e veio encalhar mesmo defronte da casa denominada *salva-vidas*, onde antigamente havia um hospital de naufragos, e um obuz, por meio do qual se atiravam cabos para o mar.

Ali esteve o barco por algum tempo no meio d'uma violenta ressaca, ora voltando a proa para o mar, outr'ora para o rio, mas sem desgarrar do rochedo, onde se conservou por espaço d'uma hora.

«Uma catraia com doze remeiros, guiada pelo piloto Manoel Francisco, pôde metter-se por entre as pedras, conseguindo estabelecer communicação com o vapor, por meio d'um cabo; mas, apenas estabelecida esta communicação, todos os passageiros se precipitaram sobre ella, tentando alar a catraia. Então o piloto, vendo-a quasi soçobrada, mandou cortar o cabo, pois que, de outro modo, seria infallivel a perda de 13 vidas, sem que, por um tal preço, podessem salvar-se as dos naufragos.

«Já as fornalhas se tinham apagado, em consequencia da agua que entrava pelos rombos que o vapor tinha soffrido, achando-se, além d'isso, sem leme e unicamente entregue aos escarceos, a pouca distancia de terra. Do paredão do castello fallava-se para bordo, e na praia não faltava quem se empenhasse em valer aos infelizes, havendo offerecimentos de 4 e 6 contos de réis a quem tivesse bastante valor para affrontar a morte.

«Inuteis offertas! baldadas esperanças!

«Todo o auxilio humano era alli inefficaz!

«No quadrante da vida, tinha o dedo de Deus marcado a fatal hora d'aquelle dia assignalado!.....

.....

«A tripulação do vapor estava toda á proa—todos os passageiros tinham passado para a pôpa.

«O magistrado, que tantas vezes accusara o criminoso e o innocente—que tantas vezes se mostrara surdo e impassivel aos rogos e ás lagrimas dos infelizes réos — estava alli de joelhos, com as mãos postas, com a prece nos labios, com as lagrimas nos olhos.....

«O homem altivo, que olhava sobranceiro para os ou-

tros homens—o arrogante.... o rico.... estavam alli humilhados, pediam soccorro a Deus e aos homens...

«Havia alli um grupo sublime, e que fazia estalar o coração com dôr... Era um pai, ora olhando espavorido para o mar e segurando em seus braços duas filhas, ora implorando com as mãos erguidas a salvação d'aquelles dous anjos...

«Depois das 7 da tarde, um grande golpe de mar parte o vapor pelo meio, batendo com elle sobre um penedo.

«Todos os passageiros cahiram desamparados, e foram submergidos pelas ondas. Ao mastro de proa viam-se ainda agarrados alguns marinheiros; mas um segundo golpe de mar o submergiu tambem.

«Meus Deus! compadecei-vos d'aquellas almas!.....

.....

«Salvaram-se alguns passageiros e parte da tripulação.

«Pereceram 50 e tantas pessoas n'este espantoso naufragio, contando-se, entre ellas, 4 do sexo feminino.

«Eis os nomes dos infelizes:

«Mr. Destrés, consul de França.

«José Allen (Director do Banco) e duas filhas, uma de 18 annos, e outra ainda creança.

«Antonio José Placido Braga, negociante.

«Francisco Vieira de Souza Oliveira, director do banco.

«Bernardo Claverie, negociante francez.

«Pedro João Lafarje, mestre do cuter de guerra «*Andorinha.*»

«D. Anna Antonia, commissionada de mademoiselle Eliza (modista).

«James Elmsly e Anderson, negociantes inglezes.

«Bernardo Antonio Pereira Leite de Carvalho (padre).

«Antonio Martins d'Oliveira, negociante da Bahia.

«Manoel José Rezende, negociante.

«Antonio Francisco Cansado de Brito, tenente d'artilheria.

«Antonio Accursio da Silva, caixeiro.

«José Augusto da Silveira Pinto, delegado do procurador regio no Porto.

«José Maria d'Oliveira, fragateiro.

«João de Pinho Alho, fragateiro.

«José Gomes de Pinho, fragateiro.

«Francisco d'Oliveira Gomes, fragateiro.

«Manoel d'Oliveira Novo, lavrador.

«Custodio Maria d'Oliveira.

«Antonio José Moreira.

«João José da Costa Rezende.

«João Manoel Vaz.

«Joaquim Bernardes.

«José de Freitas Oliveira.

«Francisco Luiz Pinto.

«Antonio Pinto Teixeira.

«Francisco José Soares.

«Francisco Rodrigues Pereira.

«Domingos Machado.

«José Dias.

«Antonio Soares Ribeiro.

«E outros cujos nomes se ignoram.

«O mar tem arrojado á praia a maior parte dos cadaveres d'estes infelizes, vindo alguns em tal estado, que não é possivel conhecêl-os.»

Isto é, em verdade, medonho!

Quem, desde 1852, ousaria confiar-se ao mar cujos perigos recordaram os das antigas epopeas da nossa navegação a quantos presenciaram o naufragio do vapor *Porto*, a pequenissima distancia da costa, quasi ao alcance de milhares de braços que se estendiam para soccorrer os naufragos!

A Providencia como que veio atalhar a perplexidade

das pessoas, e ordinariamente são numerosas, que precisam de jornadear no interior do paiz.

Em 1630, suppõe-se, havia a Inglaterra inventado os caminhos de ferro e tamanhas vantagens reconheceu n'esse rapido systema de viação, que já em 1842 circulavam n'uma extensão de 4:482 kilometros, ao passo que os outros paizes apenas contavam pequenas secções.

Não obstante, a França, a activa, a emprehendedora, a intelligente França, preparava-se para cortar, por meio do vapor, as suas maiores distancias, e não tardou effectivamente a que ligasse as suas populosas cidades por meio d'esse novo annel de fumo e ferro.

Não sem alguma opposição, diga-se a verdade. Em 1834 um ministro de Luiz Filippe sustentava na tribuna que os caminhos de ferro eram tão sómente recreação para ociosos.

Ah! mas a França suffocou com o silvo das suas vertiginosas locomotivas esta grande necedade cuspida por um ministro retrógrado sobre a face da civilisação!

Traçou novas estradas para dar passagem a esse grande facto ambulante que se chama caminho de ferro, e Portugal, que jámais deixou de acompanhar o movimento das mais adeantadas idades, preparou-se para adoptar o maravilhoso melhoramento que, a principio, foi apenas entre nós um esboço de viação accelerada.

A cega imaginação popular viu na locomotiva, que passava vomitando torrentes de fumo, a vasta estructura d'um demonio, que com infernal velocidade ia arrastando ao longo das estradas a sua longa cauda de ferro, porque havia sido condemnado a procurar eternamente lenitivo ás labaredas que lhe requeimavam as entranhas...

O caminho de ferro quasi fez renascer nas nossas aldeias os horrores com que a phantasia popular povoava o occeano na idade media.

As legendas inventadas para explicar a rapidez da locomotiva não chegaram a ter a celebridade da que memóra o descobrimento *da ilha encantada*, pelos portuguezes, atravez de horrorosos perigos, mas o que é certo é que as mães, ouvindo o silvo da machina, apertavam medrosas os filhinhos contra o peito, como as que no poema de Camões escutavam o signal da trombeta castelhana.

Só o tempo desvaneceu lentamente as superstições do nosso povo e, mesmo depois de ousar confiar-se ao caminho de ferro, por longo tempo desconheceu a verdadeira natureza d'esse progresso.

Alguns camponezes, vendo passar o comboio, e querendo fazer jornada, começavam a chamal-o para que parasse:

—O' tio, ó tio, espere que eu tambem quero ir!

Isto prova em verdade o atrazo do nosso povo, que o não ha mais cego actualmente em paiz nenhum. Não tem as mais simples noções das sciencias que lhe eram indispensaveis e que vantajosamente se reflectiriam no incremento que a industria nacional havia de mostrar.

Pedem-lhe tudo, e não lhe dão nada.

Pobre povo!

Elle, sempre espesinhado e maldicto, lá vai vivendo na sombra, e trabalhando para si, como póde. Não diremos como sabe, que nada sabe.

Hoje as populações rusticas não receiam já do caminho de ferro, porque se desenganaram á sua custa.

Pois havia quem tivesse obrigação de desenganal-as.

Mas emfim lá aprenderam a pouco e pouco, e hoje servem-se do caminho de ferro para dar maiores ensanchas ao commercio local, que tem prosperado de modo a não ser preciso sahir ninguem da sua terra para attender a pequenas necessidades.

De cima, do alto, é que este estimulo devia vir. Não

tem vindo, não vem. Assim, o eterno aguilhão será apenas a ganancia. Cada um trata da sua pessoa; ninguem se lembra do seu paiz.

Deixemo-nos ir.

Felizmente, que ao cabo de tantos annos de trabalhosa viação, já nos podemos deixar ir em caminho de ferro!

O' progresso! ó civilisação! seja qual fôr o paiz ingrato em que tu entres, e sobre ingrato desmaselado, tu és grande, tu és fecundo! tu és e serás sempre bemdicto!

IX

UM EPISODIO DA CONQUISTA DE LISBOA

UM EPISODIO DA CONQUISTA DE LISBOA

A FERNANDES COSTA

I

Cerca de quatro mezes, desde junho a outubro de 1147, durou o cerco posto por Affonso Henriques á cidade de Lisboa. O imperio musulmano, convulsionado por discordias civis na Africa e Hespanha, foi obrigado, ao cabo de longos dias de lucta, a curvar em Lisboa a cerviz dominadora, que anteriormente havia inclinado em Santarem, deante da cruz que os portuguezes erguiam ao norte, os flamengos e allemães a leste, e os inglezes a oeste da cidade sitiada.

Affonso Henriques disputava ao crescente, para cimentar com ellas a monarchia portugueza, as provincias sarracenas de Belatha, Al-Kasar e Al-Faghar. S. Bernardo recrutava cavalleiros na Lorena, Flandres, Inglaterra para os levar a pelejar no oriente pela causa da fé. Arribou, como se sabe, a Portugal a esquadra dos cruzados. «Se ides a combater pela cruz, dissera-lhes Affonso Henriques, aqui podereis combater. O lenho do Calvario

por igual abarca, abrindo os braços, o oriente e o occidente.» Foi acceito o convite, e pôsto o cerco. Começou, para durar quatro mezes, essa lucta desesperada para ambos os exercitos, porque um se lembrava de Santarem, por lá ter sido vencedor, e o outro por lá ter ficado vencido.

No dia 19 d'outubro, quarenta e oito horas antes da capitulação, o desfecho do combate prefigurava-se medonho para os sarracenos, como finalmente aconteceu.

Al-Atar, alcaide da cidade de Lisboa, tinha a prudencia da velhice, e sentia-se preso á vida pelos mais estreitos laços d'amor que pódem cingir um coração de velho. Inquietava-o, dilacerando-lhe a alma, o destino da formosissima Solima sua filha. A victoria estava imminente sobre o exercito christão. Era ancião o alcaide: conheceu-o. Ao mesmo tempo olhou para a filha que dormia tranquilla o somno da innocencia. Achegou-se dos almadraques, sacudiu meigamente o corpo gentil. «Filha, filha, desperta!» A creança acordou sorrindo. «Pai!» «Filha, os christãos vencerão. Poucas horas passadas, será d'elles o triumpho. Não podes ficar entre os vencidos, filha, porque és formosa, moça, innocente, e porque a tua vida tanto é tua, como de teu pai, e do teu noivo, o nobre e valoroso Cid-Achim. Se elle aqui estivesse n'esta hora, e a minha experiencia fôra sua, salvar-te-hia, lembrando-se mais de mim que de si proprio. Não está, porque o travado da lucta não cede tempo ao amor. Cid-Achim peleja com os seus pela defesa de Lisboa. É preciso honral-o, honrando-nos. Partirás esta noite para Alemquer, filha, porque ainda lá somos fortes. D'Alemquer, querendo o Grande Allah, passarás a Sevilha com os thesoiros que tua mãe te legou, e escoltada por vinte cavalleiros leaes e dedicados. A treva é espêssa; sahirás protegida pela escuridão...»

—Pai!... a escuridão... sem vós... sem Cid-Achim!...

—Filha. Cid-Achim é exforçado e amador: salvar-se-ha. Dir-lhe-hei a tua estancia. Lá, correndo os maiores perigos, irá procurar-te.

—Vós?

—Eu irei... se poder. Não tremas por mim, Solima, que morrerei ditoso se morrer salvando-te...

Ouviu-se estrepito de cavallos á porta do alcaçar.

—São elles, Solima, os nossos amigos, os teus defensores. Filha,—um abraço, um beijo: cobre bem o teu rosto, e parte.

E fallando para os cavalleiros:

—Ahi vae, meus amigos, a minha filha, a minha vida. Velai por ella, que o meu coração vos fica agradecendo! Que o Grande Allah vos proteja, e vá com ella, e comvosco.

É sabido que do alcaçar dos alcaides desciam dois lanços de muro, um ao norte, outro ao poente, ao longo dos dois recostos da montanha, até que se uniam á beira d'agua. Doze portas davam ingresso para a cidadella musulmana. Pela do *Sol*, voltada ao oriente, sahiu a cavalhada que fazia sequito e guarda á filha de Al-Atar.

II

Não dorme quem peleja. No acampamento christão não se dormia. D. Pedro Affonso, irmão bastardo de Affonso Henriques, desvelava enleiado nas mil preoccupações d'um guerreiro. A cada momento, porem, estremecia, receioso do menor ruido, e com o olhar scintillante e interrogador parecia querer atravessar as sombras da noite. Eram illusões d'animo sobresaltado.

— Santarem, pensava o infante, cahiu em nosso poder. Lisboa não tardará horas, talvez. O castello de Cintra ver-se-ha obrigado a render-se. Belatha será nossa. Meu Deus! como está escura a noite! A lua não quer allumiar a derrota dos seus. Ah! pobre meia-lua musulmana, apagar-te-has como em Santarem, sem o teu cortejo d'almenáras!

N'isto ergueu-se de repente, como se vibora invisivel o mordera no coração.

— Que é? perguntou á escuridade.

E subitamente, ouvindo o nitrido d'um cavallo arabe, arranca do montante, ao tempo que o seu troço de ca-

valleiros invadia, armado para combate, a tenda do chefe vigilante:

—A elles! a elles!

E sahiu de tropel a hoste dos portuguezes.

Travou-se rijo combate atravez da cerração da noite. O infante encarregado de vigiar nas immediações de Lisboa, lembrou-se d'uma emboscada. Arremetteu denodadamente para o meio das trevas, animando os seus cavalleiros.

Durou cerca d'uma hora a peleja. Dos moiros pereceram dez; dos christãos, alguns. Teve de render-se o troço musulmano. Eram vinte os cavalleiros: estavam reduzidos a metade. Receiaram que a treva da noite fosse sepultura dos restantes. Renderam-se. N'essa hora o alcaide Al-Atar devia sentir-se agitado de terrivel presentimento. A formosa Solima, a noiva de Cid-Achim, ia cahir em poder dos christãos. Recebeu Pedro Affonso os thesoiros do velho alcaide de Lisboa, que lhe pertenciam por direito de conquista. Um d'elles, o maior de todos, era Solima, que saltou do seu cavallo, envolta no veu roçagante. Pedro Affonso, despindo o guante, tomou-lhe delicadamente da mão: estava fria e tremula.

—Não tremaes, disse elle, estaes entre cavalleiros christãos.

E lançou-lhe aos hombros o manto que despira ao começar a lide.

Ao entrar na tenda do infante, um raio de luz illuminára subitamente as faces de Solima.

O irmão bastardo de Affonso Henriques ficára deslumbrado de tamanha formosura.

Disse-lhe Solima quem era, e como se chamava.

—Nobre sois, respondeu o infante, e que não fosseis, respeitada serieis. Ahi tendes um almadraque. Repousai, que estaes gelada e convulsa.

Ella volveu-lhe um olhar supplicante.

— Repousai tranquilla, já vol-o disse, tornou o infante. Eu vélo por vós e por mim...

E Solima, cerrando os olhos, concentrou o attribulado pensamento, e lembrou-se de seu velho pai, e de Cid-Achim, seu noivo.

Ao mesmo tempo galopava, retrocedendo, um dos cavalleiros do troço de Al-Atar, que ia levar a Lisboa a triste nova do captiveiro de Solima, e que podera abrigar-se na escuridão da noite.

III

Al-Atar, ao receber o mensageiro, que era um dos seus cavalleiros mais dedicados, cahiria desalentado, se lhe não soccorresse a fraquesa do desanimo e da velhice o valeroso Cid-Achim.

Sopitou-se em longa syncope o velho alcaide, e amoravelmente o teve encostado ao peito o desditoso noivo de Solima.

Quando Al-Atar tornou em si, demorou em Cid-Achim um olhar profundamente angustiado.

Cid-Achim comprehendeu-o, e respondeu:

—Socegai. Eu irei buscar Solima.

—Desgraçado!

—E hei de trazer-vol-a, vereis.

—Ides morrer...

—Vou a buscar a vida de todos nós.

—Arrancal-a-heis por violencia?

—Pedil-a-hei com humildade.

—A quem?

—A Affonso Henriques.

—Negar-vol-a-ha.

— Supplicarei.

— Ordenará que vos tirem a vida.

— Morrerei por Solima e por vós

Então Al-Atar, havendo recobrado as tenues forças que lhe roubara a syncope, ergueu-se tremulo e apostrophou calorosamente, como se empenhasse n'esse derradeiro exforço os restos de sua cansada vida:

—E ides expôr-vos á morte, nobre Cid-Achim, para augmentar o numero de desgraças que pesam sobre a cabeça dos filhos d'Agar? És nobre, és forte, és valeroso. Não! A tua vida é precisa á nossa causa. Poupa-a. Irei eu, que sou velho, que pouco tenho a viver. Quando se chega á minha idade, tanto monta morrer a meio da noite como ao arraiar da aurora. Eu irei, sim; eu quero ir. Ou salvarei minha filha ou morrerei com ella, no mesmo abraço, e do mesmo golpe talvez... Mas se morrermos, Cid-Achim, tu, que és forte, que és valente como o leão, vingarás a nossa morte na ultima hora que a derrota te der de vida. Que nós, infelizmente, ficaremos vencidos... Oh! diz-m'o o coração; dizem-m'o estes cabellos brancos... Que me importa, pois, viver sem minha filha até esse momento que não tardará! Solima, morreremos ambos, com a nossa gloria...

Al-Atar cahiu prostrado, porque de novo se lhe exhauriram as forças. Cid-Achim colheu-o nos braços, e poisou-o sobre os almadraques. Entregou-o aos cuidados do dedicado cavalleiro que trouxera a triste noticia. Depois sahiu, cavalgou, e partiu.

Chegava pouco depois ao acampamento christão.

Tomaram-lhe o passo as indefessas velas. (*)

—Não sou um traidor, disse elle. Venho a pedir misericordia. Levae-me á presença do vosso rei. Suspei-

(*) *Vélas*, o mesmo que vigias.

taes de mim? Pois bem. Aqui tendes as minhas mãos: prendei-as.

Foi Cid-Achim conduzido á barraca onde o destemido filho de Henrique de Borgonha desvelava aquella gelida noite de outubro.

IV

Estava pensativo o rei portuguez, quando os nossos lhe annunciaram a presença d'um cavalleiro mouro.

Profundamente o preoccupavam as agruras do combate.

Sentia-se fatigado d'aquelle longo acampar de cerca de quatro mezes, e ora se affoitava a tentar um ataque finalmente decisivo, ora julgava prudente esperar que o favor do ceu marcasse no livro dos destinos lusitanos a desejada hora da victoria.

Era n'esses momentos que sentia fundas saudades do remanço do valle de Montarroio, onde, depois de ultimada a campanha, o esperaria, se o continuasse a proteger o Deus d'Ourique, o seu bom e leal amigo, o prior do mosteiro de Santa Cruz, aquelle grande varão ao mesmo passo sacerdote e guerreiro, como memora Camões:

> Um sacerdote vê brandindo a espada
> Contra Arronches que toma por vingança
> De Leiria, que de antes foi tomada
> Por quem de Mafamede enresta a lança;
> É Theotonio, prior.....

Mais de cem dias de peleja eram bastantes para ensombrar por vezes o animo d'aquelle grande homem que se chamou Affonso Henriques, e de cuja espada infatigavel e victoriosa pende ainda hoje, no pantheon dos reis, a independencia d'um povo inteiro, a quem elle deu territorio, liberdade, gloria e religião.

É muito para um homem de tão rudes eras!

E o anjo da guarda d'Affonso Henriques parecia segredar-lhe n'aquelle momento:

—Rei forte, rei christão, quer o ceu que finalmente descances do teu lidar pela fé. Dobradas que sejam quarentas e oito horas, acommette denodadamente os moiros, que o Deus, que te favoreceu em Ourique e Santarem, será por ti e comtigo, e mostrará mais uma vez a sua infinita gloria. Sê, porém, clemente com os vencidos, que defendem com ardor e convicção a sua crença erronea e lamentavel. Recebe de braços abertos os que o Senhor Deus chamar ao caminho da sua adoração, illuminando-lhes o espirito e o coração. Aos que persistirem no seu erro por misericordia divina, dá-lhes novo ninho, visto que perdem o seu. São sagrados os vencidos, porque cae sobre elles a justiça do ceu. Affoita-te, pois, rei christão, que é chegada a hora de concluires a conquista de Lisboa. Depois gosarás da recompensa da tua agra missão, não na terra, onde tudo é furtivo e quasi tudo doloroso, mas na presença e na gloria do Senhor Deus, onde a felicidade é perenne, e onde a tua alma viverá para todo o sempre na paz dos justos, libertada do corpo que darás ao limo d'onde saiu.

Quando o consolador pensamento da morte desceu a mitigar o attribulado espirito de Affonso Henriques, como que se lhe reaccendeu no imo peito a vivida saudade da sua querida Coimbra, do claustro de Santa Cruz, e de Theotonio, o prior.

V

Affonso Henriques, subitamente desperto de seu profundo cogitar, acolheu piedosamente o mouro, porque desde logo se lhe affigurou aquella inesperada apparição um aviso do ceu. Parecia que Cid-Achim, curvando-se respeitoso e supplicante na presença do rei lusitano, vinha annunciar que os da sua raça seriam em breve obrigados a curvarem-se reverentes deante da corôa e do sceptro que protegia a cruz. Sorriu-lhe, pois, n'aquelle aventuroso cavalleiro, que pelo silencio da noite demandava o arraial inimigo, a esperança consoladora de triumpho, e no seu espirito encontraram logo echo os hymnos da victoria á mistura com a grande voz da epopea, que seculos depois devia afinar-se pela lyra de Camões :

E tu nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princeza ;
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accêsa :
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força portugueza,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das boreaes partes foi mandada.

Lá do germanico Albis, e do Rheno
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo sarraceno,
Muitos com tenção santa eram partidos.
Entrando a bocca já do Tejo ameno,
Co'o arrayal do grande Affonso unidos,
(Cuja alta fama então subia aos ceus)
Foi posto cerco aos muros Ullysseos.

Sim! O valeroso filho de Henrique viu de repente o anjo da victoria desdobrar as azas protectoras sobre o seu fatigado exercito, e essa doce e animadora visão fez com que a sua alma se repartisse nas almas de seus companheiros e vassallos, e que por si e por elles sentisse a santa consolação da esperança, tão precisa a todos, maiormente a elles, que, como prosegue Camões, desejava uma batalha, embora *sanguina e fera*, decisiva e breve.

Cinco vezes a lua se escondera,
E outras tantas mostrára cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foi a batalha tão *sanguina e fera*,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

Cid-Achim affigurou-se, pois, a Affonso Henriques o enviado da Providencia, o precursor da victoria. Era gentil, apezar de forte; bello, apezar de robusto. Fazia lembrar o anjo Miguel, n'esses tempos, e tão devotamente, invocado pelo rei em lances decisivos.

Cid-Achim inclinou-se deante de Affonso Henriques, e disse com rude franquesa:

—Senhor, venho depositar nas vossas mãos o meu coração attribulado, e cheio de confiança venho, porque é grande e generoso o filho de Henrique. Trago a vos-

sos pés, guerreiro magnanimo, as minhas tristezas d'amador. Al-Atar, o alcaide, tem uma filha, senhor, mais formosa do que as flores da campina, mais gentil do que uma palmeira nova. Amo ardentemente Solima. A ella jurei eterna lealdade, e amor eterno. Quero-lhe como á propria vida, e Solima está a esta hora em poder das vossas hostes, senhor, porque foi aprisionada quando, por salvar-se, fugia de noite para Alemquer por conselho de Al-Atar, seu pai...

—Desesperaes então da victoria? perguntou Affonso Henriques.

—Sempre desesperam os pais, quando estremecem os filhos.

—E vós?

—E eu?

—Sim, e vós?

—Eu, senhor, tão desesperado me sinto, que venho offerecer-vos a vida por salvar Solima.

—Quem a aprisionou, sabeis?

—Vosso irmão foi, senhor. Trahiu-a o nitrido do seu cavallo. Mas um dos nossos pôde coser-se com a treva da noite, e ir referir a Al-Atar o succedido. Immediatamente parti. Aqui estou a vossos pés, senhor, e de vós espero a liberdade ou a morte. O que do fundo do coração vos peço é que por piedade me arranqueis sem delonga d'esta horrivel incerteza.

VI

Não se fez esperar D. Pedro Affonso, mal que foi avisado de que el-rei o chamava.

Quando sahiu da barraca, ainda Solima dormia. Que formosa que era adormecida! Encantadora tranquillidade a dos anjos que dormem serenamente sobre leitos d'espinhos! Adormeceu de certo inteiramente confiada no seu Deus, o Grande Allah. Dulcissimo balsamo o da religião, qualquer que ella seja, falsa ou verdadeira, porque ella é efficaz para todas as feridas! Abençoada seja a mão invisivel que nos levanta até ás grandes consolações, e ás grandes esperanças!

Dorme tranquilla, Solima. O filho d'Henrique apiedar-se-ha da tua magua, que é a mesma de Al-Atar, teu velho pae, e de Cid-Achim, o eleito do teu coração. Volverás á liberdade, á tua e á d'elles, sob condição de que o teu noivo reconhecerá o poder de Affonso. Depois, elle te levará comsigo para te esconder com a sua felicidade em ninho rescendente das flores do noivado. O mesmo cavallo bastará para conduzir-vos a ambos. Galopará, ondulantes as crinas, soberbo de tão precioso fardo.

Ireis como n'uma ballada phantastica, rompendo os primeiros alvores da manhã, perpetuar o vosso poema d'amor dentro dos altos fraguedos em que se escondem encantados palacios, e d'onde sahis, como escreveu Garrett, ao raiar da perfumada aurora de S. João:

E vós, formosas moiras incantadas,
Na noite de San João ao pé da fonte
Aureas tranças com pentes d'oiro fino
Descuidadas penteando—emquanto o orvalho
Nas esparsas madeixas arrocia
E os lucidos anneis de perlas touca...

Como se conseguiu alçar aquelles altos fraguedos para architectar dentro refulgentes galerias de chrystal e oiro, é mysterio; como podem viver lá dentro, sem envelhecer nem morrer, as formosas moiras que ha sete seculos se refugiaram n'aquelles deslumbrantes aposentos, é encanto. E que riqueza, que thesoiros n'esses paços subterreos! Garrett dá uma vaga idéa de todas essas maravilhas na *D. Branca:*

No avelludado, persico tapete
Brando deslisa o pé; cassoulas d'oiro
Exhalam os arabicos perfumes,
Em vasos transparentes d'alabastro
Vecejam varas, matizadas flores.
Tibia luz, temperada para amantes,
Frouxa allumia, e dá realce ao incanto
De tão mago deleite que hi respira.

Oh! que de recordações da minha infancia, das aldeias da minha terra, dos alcantis do meu patrio Doiro, das moiras encantadas, e das noites de luar!

Ia a gente para o campo, no tempo das esfolhadas. Em cima, allumiada por uma formosa lua, avultava a montanha, coroada por enorme rochedo. Sobre o tapete luminoso do luar, irregularmente desenrolado pela mon-

tanha, a sombra immovel do rochedo, cheia de mysterio e encantamento.

O palacio das moiras! Algumas vezes, logro d'alguns serandeiros ou talvez écho longinquo, ouviam-se, dominando o alegre vozear do serão, algumas palavras sonoras.

— São as moiras! diziamos nós estremecendo.

E calavamo-nos para ouvil-as. Mas a fugitiva harmonia derramava-se no ar como o perfume das flores nocturnas, e logo que era esmorecida, recomeçava o serão com a sua alegria e a sua desenvoltura.

Lá se ficavam as moiras, no alto da montanha, envoltas no seu poetico mysterio, até que a madrugada de novo as obrigasse a recolherem-se aos encantados palacios.

VII

Accorda, ó formosissima Solima.

Já está ajaesado o corcel fogoso, que ao teu noivo e a ti espera impaciente, para vos conduzir ao mysterioso retiro onde o amor desfolha rosas... As ardentes palavras do teu noivo soaram como voz divina no coração do filho de Henrique. Quer o rei portuguez cumprir com evangelica humildade os doces conselhos do seu anjo da guarda. Será clemente com todos; não póde deixar de o ser comtigo, que és mulher, e és fraca. Elle ha-de vencer sem tyrannia nem oppressão. Quarenta e oito horas passadas, irão as hostes christãs arvorar no topo do alcacer moirisco a cruz da redempção e da victoria. Mas o anjo do exterminio não fulminará os vencidos. Não. Esses sairão em paz para o burgo do norte, que el-rei lhes ha-de conceder. O anjo da piedade desdobrará as suas azas candidas sobre os abatidos filhos de Agar. E que formoso espectaculo não ha-de ser esse, o da cidade transformada em Calvario, cujo viso levante a cruz protectora das povoações incredulas que se hão-de ir assentar ao sopé da montanha! O quadro

é digno d'um pincel de mestre. Seja Alexandre Herculano o pintor. Tal devia de ser o quadro; tal foi. «No amago da povoação: no logar eminente estava o christianismo: ao norte, em profundo valle e apinhado em volta da mesquita apenas tolerada, ficava o bairro dos mouros—a *Mouraria*, e ao sueste, quasi ao oriente, lançada ao pé da *Esnoga* a *Judearia*:—uma crença verdadeira, mas temporaria, do lado donde o sol surgia na sua ascenção para as alturas, a religião do Christo, complemento divino d'aquella, assoberbando-a do monte sobranceiro; o islamismo, transformação impia e tenebrosa d'ambas, como escondido ao norte na penumbra da cruz triumphante; e ao longe as vastas solidões do oceano atravez das quaes os filhos do evangelho o deviam levar algum dia ás regiões ainda incognitas de novos mundos. O velho Portugal tinha feito da cidade do Tejo um symbolo e uma prophecia sublimes!»

Saudemos pela ultima vez, rememorando a gloriosa conquista de Lisboa, a cruz hasteada pelos soldados de Affonso Henriques no terreno que o sangue de Martim Moniz fertilisára para a cultura da pura e divina religião do Christo.

Acorda, ó formosissima Solima.

D. Pedro Affonso não ousou macular a tua pureza. Os guerreiros portuguezes são nobres. Estás intacta como vieste. Podes partir com o teu noivo, porque o filho de Henrique te concede a liberdade, e o infante approva jubiloso a concessão do rei. Ser-te-ha dado vêr teu velho pae, o alcaide Al-Atar: o rei Affonso magnanimamente prometteu restituir-t'o, se vencer.

Doiram-se os outeiros com o rosicler da manhã. Treme nas correntes o crystal da madrugada. O teu noivo beija agradecido a mão do rei que lh'a estende para entregar-lhe um salvo-conducto que vos ha-de franquear o caminho. Espera o corcel impaciente.

A galope, ó par venturoso! Realisai a ballada da vossa felicidade, correndo á brida solta até onde o destino vos levar. Depois escondei-vos no encantamento mysterioso onde decerto viveis ainda, sempre moços, bellos, gentis e namorados. Segredai ao luar os vossos ardentes colloquios, banhai-vos no perfume das flores nocturnas. Tange tu, ó valeroso Cid-Achim, o amoroso bandolim moirisco, e tu, ó formosissima Solima, deixa fluctuar em liberdade os teus aureos cabellos, que, na manhã de S. João, has-de pentear descuidosamente com pente d'oiro, ao pé da fonte

..... emquanto o orvalho
Nas esparsas madeixas arrocia
E os lucidos anneis de perlas touca.

X

COMO AS BORBOLETAS SE QUEIMAM

COMO AS BORBOLETAS SE QUEIMAM

I

N'esse tempo contava Gabriel Pereira de Castro trinta e cinco annos d'idade. Pelo que do homem physico diz Barbosa na *Bibliotheca lusitana*, — «foi ornado de gentil presença» —, podêmos conjecturar que aos trinta e cinco annos sobresahiam no futuro author da *Ullyssea* todos os dotes de viril belleza que mais deslumbram os olhos das mulheres. De mais a mais Gabriel de Castro estava chegado a umas alturas sociaes que dispensam gentilesa, e talentos poeticos: era desembargador da Relação do Porto desde 2 de setembro de 1606, depois de haver regido em a Universidade de Coimbra varias cadeiras de jurisprudencia, sciencia em que fôra laureado com as insignias doutoraes. Não se é impunemente doutor em direito, e desembargador e poeta quando se tem trinta e cinco annos d'idade. Ainda se pode ter essa idade, e ser poeta, e ser doutor em leis sem graves consequencias para si e para a sociedade. Abundam por ahi ou doutores, a quem as *musas não fazem dam-*

no, e que não amam nem são amados, porque para uma coisa lhes falta tempo e para outra prestigio. O mais que lhes acontece é andarem em Lisboa a requerer infructiferamente qualquer logar na magistratura, sem se incommodarem muito, porque tomam o requerer á conta de profissão, e sem lesarem a sociedade, que os evita, logo que lhes sente pouco dinheiro. Mas sendo-se desembargador muda o caso muito de figura! As mulheres morrem-se por s. ex.ª, maiormente quando s. ex.ª, em occasiões solemnes, como por exemplo a procissão de Corpus Christi, apparece de beca. Assim tem sido, e assim será sempre. Tal era a razão porque no anno 1606 as damas portuenses se disputavam o coração e a beca do doutor Gabriel Pereira de Castro, quando elle passava por baixo das janellas, e frechava aquellas formosas damas com tão cálidos olhares, que tacitamente promettiam poemas, e outras coisas. E, certo é, quasi sempre eram cumpridas as promessas. O poeta, como refere Barbosa, depunha a balança d'Astrea para tocar a lyra d'Apollo, e com versos mais ou menos gongoricos conseguia abrir a porta de muito paraiso. Verdade é que algumas portas lhe fechou a morte, mas o Porto era já n'aquelle tempo, e ainda é hoje, alfobre de tão peregrinas bellesas, que havia muito onde escolher e procurar. Gabriel Pereira de Castro, quando a parca lhe ceifava alguma das gentis portuenses que elle trazia enleiada na rede tentadora dos seus versos, para não dizer nas pregas traiçoeiras da sua beca, o mais que fazia era pagar alguns momentos de felicidade concedida e perdida com qualquer soneto como este:

Determinou a morte rigorosa
Matar quem seus poderes lhe roubava
Porque aos que por vos ver ella matava
Na morte daveis vida mais ditosa:

A naturesa logo de invejosa
Consentiu no que a morte apparelhava,
Que não soffria ver, se vos olhava,
Que sobre natureza ereis formosa:

Eu só posso culpar minha ventura,
Porque ambas estas vidas não cortou
O fado surdo a lagrimas e a rogo:

Que em vão sobre esta fria sepultura
Chorando vivo e abraçando estou
De fóra o pranto meu, dentro o meu fogo.

Gabriel Pereira de Castro queria simular grande lealdade ás mortas para mais facilmente se fazer acreditar das vivas, mas, pelos modos, o fogo que vinha de dentro das sepulturas enxugava rapidamente o pranto que elle chorava fóra, e com as lagrimas desapparecia a dôr. Coração de poeta, que, por via de regra, o mesmo quer dizer que volubilidade de borboleta. Bem sei que se costuma dizer: Camões e a sua Natercia; Tasso e a sua Leonor; Dante e a sua Beatriz... Estas mulheres tão celebradas na poesia de todos os tempos foram a chamma em que a mariposa se queimou: por isso a historia lhes archivou os nomes. Mas que devaneios amorosos e que desvarios romanescos não doidejaram decerto os Camões, os Tassos e os Dantes por causa de mil e uma Natercias, e d'outras tantas Leonores e Beatrizes! Pois Gabriel Pereira de Castro, apesar da gravidade da sua graduação social, não era modelado em melhor barro que todos os poetas que o precederam e que lhe haviam de succeder. Emquanto não encontrava a chamma fatal, ia borboleteando livremente. Não ha por que lhe querer mal. Não sejamos nós mais meticulosos do que as damas portuenses d'aquelle tempo, e... d'agora.

II

Uma prevenção ao leitor que mais a fundo conheça a litteratura portugueza, e que possa ler com desconfiança os versos que de Gabriel Pereira de Castro já transcrevemos, e os mais que houvermos de transcrever, e que indubitavelmente constituem o verdadeiro merecimento d'esta narrativa não de todo fabulosa. Todas essas composições poeticas de Gabriel Pereira de Castro as devemos á obsequiosa amisade do illustre bibliographo o sr. Innocencio Francisco da Silva, que possue o volume inedito das poesias lyricas do author da *Ullyssea*. Pela seguinte transcripção d'algumas linhas do tomo III do *Diccionario bibliographico portuguez*, artigo Gabriel Pereira de Castro, ficará sabendo o leitor o modo por que tão precioso autographo foi parar ás mãos do sr. Innocencio.

«*Obras poeticas em diversas linguas.* — D'estas obras manuscriptas, que em dous volumes de 4.º se conservavam na escolhida livraria do arcebispo D. Rodrigo da Cunha (V. a *Bibl.* de Barbosa, tomo II, pag. 320) existe hoje em meu poder o tomo I, que contem as *Poe-*

sias lyricas. Tive a fortuna de o comprar ha annos, a um livreiro d'esta cidade, (Lisboa) e o tenho em grande estimação, por ser não só original, mas autographo em grande parte, e como tal unico. Conserva ainda a assignatura do seu possuidor D. Rodrigo da Cunha. Compõe-se de 318 pag., não numeradas, com capa de pergaminho, e contem 48 sonetos, 4 canções, 3 eclogas, 3 elogios, 7 epistolas, 10 romances, uma satyra, uma sextina, e muitas glosas em decimas. Parte d'estas poesias são escriptas em castelhano.»

Posto isto, que era indispensavel para serenar os desconfiados, prosigamos.

III

Gabriel Pereira de Castro não esperdiçava ensejo de soltar as azas á sua ardente imaginação de poeta. Mal que se podia desprender dos seus livros de jurisprudencia e dos *accordãos* da sua Relação, tudo era um inquieto esvoaçar em demanda do amor. Borboleta, tinha pressa de encontrar a chamma. Emquanto lhe não queimavam de vez o coração, ia elle queimando incenso no altar da formosura. Alvoroçava-se-lhe alegremente o animo sempre que uma das muitas festas religiosas, tão frequentes n'aquelle tempo e ainda hoje conservadas, reunia, como em bazar de bellezas, as mais formosas damas do Porto. O nosso bom desembargador não deixava de concorrer á licitação, e até onde chegasse a sua lyra, que não era pouco, ninguem lhe deitava a barra adeante em saber galantear com trovas, Ora, diga-se com verdade historica, uma das mais luzidas festas do reino era em toda parte, maiormente no Porto, a procissão de *Corpus Christi*. Para o dr. Gabriel Pereira de Castro era escusado que o regimento da procissão imposesse a multa de vinte crusados a

quaesquer pessoas nobres ou consideradas taes, que se esquivassem a tomar parte no cortejo religioso. Elle, com a sua beca, não faltaria esse anno, o primeiro da sua estada no Porto, se bem que recusasse uma das varas do pallio, que lhe foi offerecida, por se lhe affigurar que não era de geito o logar para dar na vista das gentis portuenses que se estadeavam nas janellas. Adivinhava o desembargador que esse dia devia ficar indelevelmente assignalado na sua vida. Escolheu outro logar. Adiante saberemos qual. Foi melhor; deu na vista. Realisou o vaidoso intento. Apezar da sua elevada cathegoria social, a vaidade e o amor prearam-n'o á vontade. E' que, como se diz nos *Avisos do ceu*, «mais terra, menos terra, tudo é terra.»

Logo á saida da Sé cathedral, começou o venturoso alvoroço do dr. Castro. Em uma das janellas, com o cotovello graciosamente posto sobre uma colcha de damasco encarnado, se lhe affigurou angelica a formosura d'uma dama em cujas faces desabrochavam as rozas do pudor. Era uma creança ainda, mas que tentadora e aerea! Devia de ter desoito annos aquella divinal creatura! E aos desoito annos, vêr a gente, cercado do apparato religioso d'uma procissão, com a sua beca, e a sua gentil figura, um desembargador de trinta e cinco annos!... E quando se é desembargador, e se tem trinta e cinco annos, e se é esbelto, e de mais a mais poeta, entrever uma belleza mais do ceu que da terra, tendo ao mesmo tempo a convicção de que a poesia é uma especie de escada de Jacob que chega da terra a qualquer ceu!... O certo é que a menina da varanda, — D. Joanna de Sousa se chamava ella — se preoccupou menos com as folias e figuras que compunham a procissão do que com o *desembargador novo* como de Gabriel Pereira de Castro se dizia então no Porto. Apostrophava a mãe, D. Angela da Cunha Mesquita:

—Ó Joaninha, reparaste na Nau de S. Pedro, e no rei David, e na figura de Baccho? Olha que vae muito bonita a procissão! Bem dizia teu pai que ainda a não tinhamos visto assim, nem a tinha visto o Porto!

E Joanninha não dava ouvidos ao que lhe estava dizendo a mãe ainda embevecida na contemplação da longa fila, já distante, dos religiosos de S. Domingos, de S. Francisco, de Santo Eloy, da Graça e dos Carmelitas. Iam passando n'essa occasião as pessoas de distincção a quem o senado da camara distribuira varas. Ora o dr. Castro, que se eximiu a trazer uma das varas do pallio, achou que não lhe seria inteiramente prejudicial acceitar uma das varas do governo da procissão, como se dizia no regimento, distincção apenas concedida a quem quer que houvesse servido ou servisse algum cargo de governança, segundo a letra do mesmo regimento. Elle tinha direito a essa honra; offereceram-lh'a,—acceitou-a. E investido n'essa honra foi que Joanninha viu pela primeira vez o *desembargador novo*, e achou que era bem posto e prasenteiro. Podera! Se Diogo Barbosa Machado o considerou *ornado de gentil presença*, que admira que Joanninha, creança em que desabrochava uma alma de mulher, o reputasse *bem posto e prasenteiro*!... O certo é que o dr. Castro por muito tempo conservou o olhar suspenso da janella, e que Joanninha corou e tres vezes baixou, e outras tantas levantou, os olhos ao mesmo tempo brandos e reprehensivos, até que o desembargador passou...

Ó amor! tu tens alguma coisa de romã! É tão vivo o teu colorido como o d'esse pomo em que a natureza accendeu as côres do pejo...

IV

Não se conteve Joanninha que não perguntasse a alguem que alli estava, e era de Braga, terra onde nascera Gabriel Pereira de Castro, de que familia descendia o novo desembargador, e não sei que mais que as mulheres desejam saber quando se interessam por algum homem.

A sua curiosidade foi satisfeita cabalmente. Responderam-lhe que Pereira de Castro descendia de familia a quem as letras deram nobreza. Fallaram verdade. O pai de Gabriel Pereira de Castro, doutor em direito como seu filho, deixou nome assignalado nos fastos da jurisprudencia cesarea, e ao avô materno, Antonio Francisco da Alcaçova, chegou a ser offerecida uma cadeira de prima, que elle recusou. Mais lhe disseram que o desembargador Castro estava talhado para largos destinos, e que era de suppor, como aconteceu, vir a morrer corregedor do crime da côrte ou outra cousa assim de grande tomo. Côrte! Esta palavra estonteara a menina. Viver na côrte, sendo esposa do corregedor do crime! Finalmente, ainda lhe disseram, e ainda ella o pôde ou-

vir, que tambem era poeta. Poeta! Ter dezoito annos e ser cantada! O sino da sé repicava em quanto a procissão andava fóra, que era um martellar de affligir. Mas a formosa Joanninha o mais que ouvia n'esse momento era o carrilhão das suas esperanças, cujas vozes soavam afinadas por este diapasão: côrte, poeta e desembargador!

Ó Joanninha, que estás deveras enlaçada!

Por sua parte o desembargador Castro sentia-se inflammado nos éstos de uma paixão que se lhe prefigurava a maior de sua vida. Chegou a esquecer-se da procissão, da beca, de tudo. Não quiz saber das outras bellezas nem das outras janellas. Só aquella belleza e aquella janella levava na inquieta phantasia. Sentiu-se subitamente inspirado. Acudiam-lhe em tropel os pensamentos poeticos. Começou de versejar mentalmente. Só n'uma ode poderia caber a grandeza do seu assumpto. Compoz os primeiros versos:

Nem de raios vestida a Aurora fria
tão formosa sahiu
d'entre uma nuvem alva, outra rosada,
as tranças d'ouro ao vento desatando
como a formosa Celia, que tomou
um angelico ser, um gesto lindo
com que amor me venceu.

Celia foi o nome escolhido pelo poeta ainda ignorante do nome da formosa da varanda. Celia lhe havia de chamar sempre que a descantasse, por isso que essa poetica invocação fôra a primeira que lhe acudira ao pensamento.

Quando se esconde ou quando nasce o dia
nunca o sol se vestiu
de belleza tão rara e desusada

como no movimento iroso e brando
dos bellos olhos Celia me mostrou
o bello azul, no sol da vista abrindo
outro mais claro ceu.

A pura neve aonde Amor ardia
c'os olhos aonde abriu
para n'elles viver doce morada,
c'os crespos laços d'ouro, que soltando
um fio só atado amor se achava,
são armas com que Amor me está ferindo,
com que já me rendeu.

Ficou n'este ponto a ode quando recolheu á Sé a procissão. O desembargador Castro correu a despedir-se do bispo e dos senadores, e largou a procurar a varanda dos seus encantos. Estava entreaberta, e dava passagem aos sons de um *cravo* que devia de ser dentro dedilhado por delicadas mãos. Encostou-se o desembargador á parede fronteira simulando estar enlevado nas harmonias do *cravo*, e não desaproveitou a loquacidade de um visinho, que lhe disse morar n'aquella casa Mathias de Sousa, e ser a pessoa que tocava a menina da casa.

Era ella!

Calou-se o *cravo* e, passados momentos, ouviu-se dentro um rir fresco e vibrante, como de quem ri esperanças e sonhos...

Gabriel Pereira de Castro sentiu renascer em si a inspiração, e confiou á memoria estes versos que não desdiziam do enthusiasmo com que a ode abria:

Se só deter em vós a phantasia
sustenta a quem vos viu,
e torna leve a pena tão pesada
com mais razão vivi contente quando
ver os seus olhos, d'onde Amor cegou,
e ver que de meu mal se estava rindo
Celia me concedeu.

N'isto assomou á varanda uma cabeça de mulher. O desembargador reconheceu-a: devia de ser a d'ella. Atravessou rapidamente a rua, cozeu-se com a parede, e disse affoitamente para cima, levantando a cara para ser visto:

—Ámanhã á mesma hora.

O sangue affluiu-lhe todo ao coração. Queria respirar e não podia. Tinha sido ouvido mas não obtivera resposta. N'esse momento muitas commoções o assaltaram. A maior provinha comtudo da incerteza de ser attendido o seu desejo.

V

Andou o desembargador Castro divagando no seu amoroso alheamento pelas ruas da cidade até que, de fatigado, careceu recolher-se. Atirou-se extenuado para o leito, e não pôde conciliar o somno. Mil visões vestidas de ouro e rosa lhe ondulavam e sorriam na exaltada phantasia. A formosa da varanda era o *deus ex machina* d'esse extranho mundo de encantamentos e sonhos, que, muitas vezes entrevisto, jámais brotára n'aquella alma de poeta com tamanhas irradiações de phantastica belleza. Os pensamentos precipitavam-se em catadupas scintillantes sem que fosse possivel ao enamorado desembargador dispol-os em estrophes como flores em canteiro. A primavera, quando chega, por toda a parte florece; não se circumscreve aos taboleiros do jardim. Tambem para Gabriel Pereira de Castro havia chegado a primavera do coração, a verdadeira sazão do amor, cujas flores não se esfolham mas se volvem fructos. É de presumir que esta mesma comparação acudisse ao excitado espirito do doutor bracharense, e que lhe não deixassem de sorrir as flores convertidas em fructos.

Sobre manhã foi que elle conseguiu, reaccendendo o candieiro de latão, concluir a ode principiada. Era a inspiração que reagia, e rompia as represas em que estivera estagnada:

E o que Amor dentro n'alma me escrevia
nunca me consentiu
sua belleza ser de mim louvada;
que o baixo engenho meu solto voando
da baixeza, que sempre costumou,
da negra escuridade á luz sahindo
logo o tino perdeu.
Qual o resplendor claro que arder via
neciamente seguiu
a borboleta ao lume costumada,
tal foi que a vós os olhos levantando
logo Amor a luz d'elles derramou
aonde em minha morte consentindo
não vi quem me valeu.

N'este emmaranhado de locuções gongoricas, em que os *resplendores são claros*, percebe-se todavia o escondido fio da allusão á difficuldade que o poeta até essa hora encontrára no traduzir em verso os seus delirios amorosos.

Concluida a ode, ficou-se Pereira de Castro assoberbado com o seu pensamento predominante: o pedido da entrevista. Appareceria ou não appareceria a filha de Mathias de Sousa? Tornou-se de Procusto o seu leito. Mexeu-se e remexeu-se nas torturas do amor até á hora em que, sol fóra, D. Angela dizia a Joanninha:

— Filha, não appareças hoje. Eu espreitarei o desembargador. É preciso cuidado com elle, porque, segundo dizem... O que dizem bem eu sei... O laço tem de ser dado com toda a segurança, para que o passaro, que é bisnau, nos não furte as voltas.

Abstenhamo-nos de saber como passára o dia o desembargador Castro. Vamos encontral-o á noite passeando

sob a varanda de Joanninha e na maior tribulação que tem padecido o coração amoroso. A varanda, essa fechada. Ó angustia! ó desespero! ó dores humanas que pareceis haver sido talhadas exclusivamente para os namorados! N'isto, de repente, como cae do ar um granizo em dia de cerração—e não podia haver maior cerração que a que se condensava no espirito de Castro—entreabre-se a porta de Mathias de Sousa e apparece um homem, que figurava ser criado, e vir espreitar os ares antes de deitar-se. O desembargador não suspeitou industria no apparecimento do criado e, abeirando-se d'elle, prometteu-lhe boa esportula se lhe respondesse a uma pergunta. O criado, simulando grande receio dos amos, prometteu responder fiado na discrição do interrogador.

Então soube Gabriel Pereira de Castro que a menina estava fechada no seu quarto, e que certamente não poderia apparecer á janella n'essa noite. Duro golpe pungiu o coração mal-aventurado do poeta, mas, procurando dominar tão profundas dores, pediu Gabriel Pereira de Castro ao criado da casa, mediante a esportula promettida, que levasse recado á menina.

O criado gaguejou receios e escrupulos, mas como o desembargador declarasse que o seu desejo era casar com a menina, consentiu em tornar a abrir a porta d'ahi a uma hora para receber um bilhete.

Gabriel Pereira de Castro correu a casa, sentou-se á banca e escreveu este soneto:

Ainda que a vista de aguia mais segura
tivesse quem a vosso ser olhasse
não duvido, senhora, que cegasse
no claro sol de vossa formosura.

Bem é, pois sois imiga de brandura,
que Amor tão bella e dura vos formasse,
que por bella ninguem vos igualasse
como não vos iguala em serdes dura.

A luz ditosa d'essa vista bella
essa toalha como nuvem passa
e dentre nuvens mais abrasa vel-a.

Almas enleva, corações traspassa,
vão trabalho tomais para escondel-a,
que não póde esconder-se a vossa graça.

Uma hora volvida era entregue o soneto ao criado, e momentos depois lia-o D. Angela no quarto da filha.

VI

Na noite seguinte, Joanninha, discretamente guiada pela experiencia materna, rendeu-se á brandura e appareceu á janella. No ser medrosa é que não havia artificio. Estremecia de pejo no fallar. A mãe, dentro na sala, delirava de contentamento á medida que o desembargador fazia calorosos protestos de lealdade, e não menos calorosos votos de mutua felicidade.

Finda a entrevista, segredou Joanninha que lhe não consentia a mãe ir todos os dias á janella e que o pai, se soubesse do escandalo dado á visinhança, a enclausuraria em qualquer dos mosteiros da cidade.

A isto respondeu o desembargador que elle dispunha de artes para vencer todos os obstaculos, e D. Angela, quando isto ouviu, rastejou sobresaltada até poder dizer baixinho á filha que lhe perguntasse que artes eram essas, porque, não sendo licitas, as desdenharia.

Feita, ou melhor, reproduzida a pergunta por Joaninha, respondeu o desembargador:

— O casamento corta todos os obstaculos. Eu virei Plir a sua mão.

Disse, e cumpriu Gabriel Pereira de Castro. N'esse mesmo anno se verificou o consorcio como se póde ver em Diogo Barbosa. E d'ahi a doze mezes convertia-se em fructo a primeira flor d'aquella primavera de amores: nascia um menino, que recebeu na pia baptismal o nome de Fernão; que aos dezoito annos praticou heroicas proezas na praça de Tanger; e que morreu sem successão. Depois as flores continuaram a transmudar-se em pomos de benção: vieram mais tres filhos—mais um varão e duas meninas.

A formosa Joanninha da varanda viu realisados todos os sonhos da sua venturosa mocidade: chegou a viver na côrte. O marido foi transferido em 1615 para a casa da supplicação; em 1617 passou a desembargador dos aggravos; em 1623 a corregedor do crime e da côrte, e, finalmente, como cavalleiro professo da ordem de Christo, a procurador geral das ordens militares. Foi então que a enfermidade o prostrou no leito, d'onde o arrojou á sepultura, com mais de sessenta annos de idade, a 18 de outubro de 1632.

E aqui fica contado mais uma vez como as borboletas se queimam.

Camarate, abril de 1875.

XI

TRADIÇÃO SETUBALENSE

O CONVENTO DE JESUS

TRADIÇÃO SETUBALENSE

—

O CONVENTO DE JESUS

Rescendiam perfumes de noivado os copados pomares de Setubal. Evolavam-se em derredor do palacio de Nuno da Cunha, onde el-rei viera pousar como de costume, as fragrancias dos laranjaes em flôr. Que festa era essa, que a natureza preparava, balouçando no ar os seus thuribulos, e esbatendo na grande téla dos campos as mais finas côres da sua paleta? Por el-rei D. João II, e a rainha D. Leonor, e o principe D. Affonso haverem pousado na villa, mais a sua côrte sempre desconfiada e descontente, não eram de certo tamanhas, e tão formosas, as alegrias do céu, luminoso e azul, dos campos, viridentes e floridos, do amplo e bello rio, que levava ao mar as suas laminas de ouro. Não sabem as flôres dos laranjaes, nem as aves da solidão, nem as arêas do Sado o que são realezas humanas: lançou-as á terra a omnipotencia divina. Essa conhecem-n'a e reconhecem-n'a; d'outra não querem saber. E que qui-

zessem? Não tinham motivo de alegrias. El-rei estava na villa, verdade era, mas a sua côrte sempre foi triste, e tinha o condão de entristecer o bom povo setubalense. Era que todos se lembravam ainda d'aquella terrivel noite, que já lá ia havia cinco annos, em que a guarda de el-rei cruzava mysteriosamente as estreitas ruas da villa para farejar o escondrijo dos cumplices do duque de Vizeu, que jazia atravessado por um punhal na guarda-roupa do paço. El-rei caçava, e confidenciava com Antão de Faria. A rainha lembrava-se do irmão quando olhava para o marido. O principe D. Affonso não era ainda noivo. Havia de o ser um anno depois. Triste noivado que tão depressa viu expirar os seus jubilos sobre a enxerga d'um pobre pescador de Almeirim!...

Porque sorria então a natureza?

Era a formosa primavera de Setubal no anno 1489.

Alliançavam-se em gentil consorcio a belleza agreste da beiramar e a suave belleza do campo. Tudo isso ha em Setubal, de feito: verdura e agua, a flôr e a onda, a rede estendida na praia a concertar, e o tapete gramineo desdobrado no valle a florir.

Mas talvez que não chegassem ao peito de D. João II, onde pulsava um coração feito de vingança e justiça, os beneficos e sãos effluvios da primavera... Quem sabe? Talvez não. Cuidaria ainda que não tinha assassinado no peito de D. Diogo a hydra da conspiração inextinguivel como o monstro mythologico...

Nem todos, porém, eram reis; nem tinham as suas canceiras e os seus pezares. D'alguem sabemos nós que vivia louvando a mão poderosa que tamanhas bellezas derramava sobre a face da terra. Coração de mulher afinado pela doçura dos anjos. Para sentir não ha como as mulheres, mórmente quando o espirito lhes desabrochou onde quer que podessem receber mais luz do que

a que Deus lhes accendeu na alma. Chamava-se D. Justa Rodrigues Pereira a nobilissima dona a quem fôra dado embalar nos braços o duque D. Manuel, cunhado de el-rei. Era estimada na côrte, como poucas. Vivera sempre na côrte a familia dos Pereiras. Seu irmão Nuno exercia o cargo de veador do infante D. Fernando e foi dos braços do veador que o filho do infante passou aos braços de D. Justa. Verdade era que a infanta D. Beatriz via em D. João II o assassino de seu filho D. Diogo. Mas a ama de D. Manuel queria apenas lembrar-se de que o gentil adolescente, que trouxera ao peito, era o cunhado dilecto do soberano, e o irmão da rainha D. Leonor. D. João II estimava sobremaneira este irmão da rainha: pozera-lhe casa, e havia-lhe dito, momentos depois de assassinado o duque de Vizeu:

—Tu serás rei, se meu filho o não fôr.

Bem quizera, decerto, dizer o rei: *se meus filhos o não forem*, porque o filho de Anna de Mendonça era por elle tão estremecido como o filho da rainha D. Leonor.

Mas as difficuldades conspiravam contra a acclamação de D. Jorge, e era preciso escolher um rei. D. Manoel era o escolhido.

Que mais poderia desejar D. Justa para o seu estremecido duque D. Manuel, em cujos olhos azues ella lia talvez risonhos prenuncios da côr do céu que cobria o caminho das Indias? Quasi todos os fidalgos odiavam D. João II. Ella não. A mão d'aquelle principe havia de pousar, quando o frio da morte lh'a desnervasse, a corôa de Portugal sobre a cabeça do seu querido senhor D. Manuel, que ella amava tanto ou mais como a qualquer dos dois filhos que teve. Isto lhe dizia o coração. O principe herdeiro era arrebatado; tanto procuraria a morte, que a havia de encontrar. E não se enganava ella. Parecia que já estava ajaezado o cavallo sobre o

qual D. Affonso havia de correr o pareo de mãos dadas com D. João de Menezes...

D. Justa Pereira não podia, pois, odiar el-rei.

Não receiava fallar-lhe nunca. Não podia receiar agora, que se propunha revelar uma inspiração divina ao soberano que tomara por divisa o *Si Deus pro nobis, quis contra nos?* ainda hoje esculpido n'uma rua de Setubal. Que inspiração divina era essa? A de fundar na margem do Sado um mosteiro de freiras da primeira regra de Santa Clara.

Mestre Boutaca, aquelle grande artista que havia de levantar sobre as floridas columnas dos Jeronymos a corôa da descoberta da India, tinha vindo a Setubal a conferenciar com el-rei, que de Italia o mandara vir. A nobilissima ama de D. Manuel deu-se pressa em chamar o architecto italiano, e em expôr-lhe o plano do seu mosteiro. Mestre Boutaca respondera:

—Ora não mais, senhora, esse é o convento que me foi mostrado em sonhos nas Italias, e trago debuxado...

O italiano tinha razão. D'essa abençoada semente lançada á terra de Setubal devia brotar, nas margens do Tejo, a flôr da architectura manuelina.

Entrou com a religiosa fidalga a impaciencia. Foi-se em demanda de el-rei, e contou-lhe tudo. D. João II ouviu-a e replicou:

—Ama, a muito vos atreveis!

Abroquelou-se D. Justa na sua fé, e respondeu:

—Senhor, se Jesu houver mister alguma cousa de vossa alteza, far-lh'a-ha?

Estas palavras foram direitas ao coração do rei, que tirou a gorra, e disse:

—A Jesu, a pessoa e a corôa...

A resposta do rei era authorisação bastante para se glosar nas columnas que sustentam a abobada do

convento de Jesus, em palavras de pedra, o mote latino que D. João II escreveu sobre a sua corôa: *Si Deus pro nobis, quis contra nos?* Ainda hoje os dois cordões de pedra que se entrançam ao longo das columnas parece representarem a intima alliança do sceptro e da cruz... Dada a licença de el-rei, fez o mais o lapis de mestre Boutaca, e o ardor religioso da ama de D. Manuel. D. João II ainda viu arrancar as lapides das pedreiras da serra da Arrabida. Não pôde vêr o mais. O veneno cerrou-lhe os olhos. Mas D. Manuel, que lhe succedeu, o venturoso moço de vinte e seis annos, que D. Justa trouxera ao collo e amamentara ao seio, pôde ainda vêr collocar a ultima pedra sobre as columnas do templo de Jesus. Dir-se-hia que o novo rei, lembrado da sua infancia, mandara generosamente edificar o tumulo[1] de quem lhe afofara o berço.

Setubal, abril de 1875.

1 D. Justa jaz no convento de Jezus. E' humildemente singelo o seu epitaphio, que diz:

Aqui jaz a fundadora d'esta casa

XII

TRADIÇÕES ANTIGAS DE SANT'YAGO DE CACEM

TRADIÇÕES ANTIGAS DE SANT'YAGO DE CACEM

A alvorada do primeiro dia de maio, o mez das flores e dos rouxinoes, é verdadeiramente uma festa n'esta graciosa região do Alemtejo. Accorda em jubilos a povoação; as duas philarmonicas da villa estrugem os ares com as suas musicas alegres, os foguetes estrondeam em chusma sobre os telhados, toda a gente salta da cama, ao mesmo tempo e com o mesmo alvoroço, prepara o seu farnel, e sae bucolicamente para o campo, de flores no chapeu, para cumprimentar o Maio, que chega tambem florido, alegre e chilreado!

Ah! mal se pode imaginar ahi em Lisboa o que vai aqui de singelos e poeticos folguedos populares n'esse dia tão anciosamente esperado! Revive, para durar vinte e quatro horas, o culto da antiguidade pagã pelas flores: são as ruidosas festas de Flora.

Vem alvorejando o sol: para o campo! Tudo para o campo! Cada familia com o seu jantarinho, a sua alegria, e as suas creanças de cabellos loiros e flores por entre os cabellos... A chamar por todos, a musica. Ns campos, um encanto. A pullularem por entre os trigaes

as papoilas, os rosmaninhos e os malmequeres. Pelos caminhos, esperando a gente em álas, a perfumada madre-silva, os alvos carapeteiros, e as rosas e os lirios, aos cardumes, n'uma abundancia que um jardineiro dedicado invejaria como thesoiro. Tudo isso posto para todos, especialmente para as borboletas e para o cortejo do Maio. As familias que passam vão-se engrinaldando: as creanças namoram-se dos carapeteiros, que são mais baixos; os outros preferem a madre-silva, pelo aroma, apesar de dar mais trabalho a cortar por emmaranhada nos silvedos, ou então as rosas, que se misturam com as madre-silvas, para se fazerem esquivas...

Ás nove horas da manhã já tudo está nos campos, debaixo do arvoredo: ao pé, a condecinha com a refeição. Musica em toda a parte, porque onde a não ha ouve-se a dos campos visinhos. Para os Escatalares é que vae o maior numero de pessoas, especialmente os cavalheiros da terra, que se divertem em commum n'esse dia, e em todos os outros, graças á prudencia com que elles teem sabido afugentar sempre os zangões da calumnia e da inimisade. Em qualquer noite encontram-se juntos e amigos, sem distincção de classes nem de idades, na sua magnifica assembléa, que edificaram expressamente; n'esse dia como que mudam o seu club para os Escatalares, com a differença de dispensarem os jornaes, porque se contentam com lêr a singela e formosa verdade da natureza que contrasta com os artigos de fundo e o mais que se diz nas gazetas.

A villa, esta poetica villa de Cacem, fica só n'esse dia, espriguiçando-se no recosto da sua collina aos pés da sua egreja alvejante e do seu castello desmoronado, rodeada ao nascente e ao sul pelos inquietos moinhos, ao norte pelos serros do Martinel, e ao poente pelas extensas planicies detraz das quaes espreita o mar, o

leão possante, zeloso de guardar eternamente a sua moira encantada...

Moira sim, e encantada tambem. Quando os arabes alagaram com a onda da invasão o territorio das Hespanhas, quer parecer a um illustre historiador[1] que o terreno que hoje constitue o concelho de Sant'Yago de Cacem seria occupado por uma povoação romano-barbara que os arabes invasores dilataram, fraternisando com os vencidos, e lançando á terra os germens de que brotou a villa actual, prospera e formosa. Foram os sarracenos, o povo das phantasticas tradições, que baptisaram com uma palavra sua a festiva povoação: Kassem. E se as hostes christãs, arrebatando ao poder de Almansor esta graciosa região, não conseguiram diluir no sangue musulmano o nome que perpetuava talvez a memoria de algum kaid, certo lhe não poderam arrancar das verdes entranhas a seiva da poesia arabe locupletada pelo sangue dos guerreiros do Coran, que, definitivamente vencidos, succumbiram ás mãos dos guerreiros da Cruz.

Ainda nos echos dos teus arvoredos, ó amenissima estancia, devem de andar archivados e perdidos doces segredos que os soldados de Almansor suspiravam em requebros amorosos aos ouvidos das formosas do Oriente! E o espirito de todas ellas, conglobado n'uma poetica tradição, procurará batendo as azas invisiveis, ao pôr do sol, o *mikrab*, ainda aberto na parede do templo christão, e que lhes servia para indicar a direcção da cidade de Meca, com cujos altares se queriam defrontar, crentes sinceros, apesar da extrema distancia que os separava da patria. Quando hoje a população, a essa mesma hora, se descobre reverente ouvindo rolar do alto do campanario as tres badaladas do *An-*

[1] O sr. padre Antonio de Macedo e Silva, erudito author dos *Annaes de Sant'Yago de Cacem.*

gelus, cuido ainda ver-vos, ó formosas invisiveis, correr apressadas para o reconvaco das vossas arvores por fugirdes á doce voz d'uma religião que vos matou os amantes e os esposos. Tudo ainda são encantamentos no seio dos teus profundos bosques de sobreiros, ó poetica Kassem, e tu mesma vives encantada nas tuas antigas tradições; no recosto voluptuosamente oriental da tua montanha; na visinhança do mar em cujas vagas navegaram os exercitos de Musa, e em tudo o que pode recordar-te a vida que se te deslizou no teu legendario berço. Por isso tu conservas ainda o gracioso culto da natureza, que tu espiritualisas representando-a na fecunda Sakti, segundo a tradição do oriente, e te vestes hoje de rosas, e procuras a solidão dos bosques para saudares a entrada d'este alegre genio que, ao terminar a ultima noite de abril, retoma o seu sceptro de flores e o seu throno de verduras.

Paganismo sim, mas feiticeiro paganismo, o d'esse dia de festa! Romulo teve razão quando guardou junho para a mocidade *(juvenes)* e reservou maio para os velhos *(majores)*. É que os velhos sentem-se renascer com o renascimento da netureza. O inverno sacode as folhas mal seguras, e a velhice é uma folha tremula. Mas quando Maio bate á porta, com as suas flores, as suas musicas e as suas alegrias, a velhice vae prasenteiramente sair-lhe ao encontro, porque elle traz comsigo o bom tempo, a saude e a esperança.

Pois entre o Maio, e bemvindo! E bemvindas tambem estas resurreições annuaes de antigas tradições, que denunciam a doce alliança do passado com o presente, porque a historia de todos os povos se baloiça suspensa entre estes dois marcos — o hontem e o hoje — e derrubar um dos marcos é quebrar essa ponte fluctuante por sobre a qual teem de atravessar os homens e as civilisações.

Sant'Yago de Cacem tem, como poucas povoações, arreigadas e vividas, as suas tradições locaes. Cada dia se aformosenta a villa com novas edificações e novos melhoramentos materiaes, que o são tambem moraes: uma escola, um club, um theatro, e o mais que ha de vir, e virá breve. Mas ninguem se lembra aqui de rasgar a chronica do passado, e de quebrar contra os modernos edificios os venerandos cinerarios das velhas legendas. Renasce aqui o passado todos os annos. Vae ainda pouco distante a renovação da festa tradicional em honra do mez das flores, e já se pensa, e com vivo enthusiasmo, nas solemnidades do Espirito Santo, que são pomposas e muitas.

Esse dia memorando nos fastos do christianismo corre aqui assignalado com a mais poetica alliança da caridade e da alegria. É, no sitio da Praça, servido, debaixo das arvores, um bodo aos pobres. Durante toda a semana anterior se cuida no fabrico do pão amassado pelas raparigas da terra. Esta amoravel tarefa é acompanhada dos mais pittorescos episodios e das mais ruidosas diversões. Correm-se pelas ruas, com grandes folguedos do povo, as vaccas que hão de ser servidas no bodo. No sabbado á noite accendem-se grandes fogueiras para cosinhar o banquete: fumegam os potes, repletos de arroz e carne, sobre os enormes brazeiros. Acodem á villa, desde muitos dias antes, todas as povoações circumpostas: os doentes querem lavar-se com o sangue das vaccas benzidas antes de mortas. A candida superstição popular não podia deixar de entrar n'uma festa do povo. É veso portuguez, e velho colorido das nossas scenas do campo. Sem elle fica incompleto o quadro. Sobre tudo isto, que já não é pouco, a musica dos tambores, dos pifanos, e o estrondo dos foguetes.

Apenas um episodio desappareceu, e pena foi, que

era poetico e util: uma rapariga do concelho, que se houvesse distinguido pela sua honestidade e pela sua gentileza, era, coroada, procissionalmente conduzida da Egreja Matriz para a Egreja do Espirito Santo. De modo que Sant'Yago de Cacem, como Salency, se podia gabar de ter a sua *rosiére*. Perdeu-se esta solemnidade, mas não se perdeu a festa geral, que se conserva ha muitos annos. No Archivo da Misericordia achou-se um pergaminho em que só eram legiveis estas palavras: «Instrumento publico tirado por mandado e auctoridade da justiça, do milagre que fez o divino Esp.º S.º no seu Vodo, sendo mordomo Vasco Maxado; anno de 1404.» Isto basta a provar a antiguidade do banquete aos pobres e das festas que o precedem e acompanham. Ah! bem haja a terra que assim sabe conservar a encantadora feição dos seus costumes populares, sem mandar dizer para as gazetas o que faz e o que tem feito desde 1404! Tudo aqui se faz em familia, com alegria, com boa vontade, e com paz. Ninguem se preoccupa com os noticiarios nem serve á meza dos pobres por se lembrar de que em Lisboa ha commendas. O sr. padre Macedo contou estas tradições em livro; eu passo-as do livro para o livro. Que Sant'Yago de Cacem perdôe a denuncia ao forasteiro reconhecido, mas eu sinto uma grande alegria e um grande orgulho em poder dizer tão gratas verdades no seio d'esta população obsequiosa e amabilissima, da qual saudoso me apartarei para não mais a esquecer. O meu dedicadissimo amigo Jacinto Maria Rodrigues, que me tem sido amavel *cicerone* em toda esta longa perigrinação official, levará ainda a sua fina amabilidade ao extremo de transmittir o mais franco e mais ardente aperto de mão, que um estranho jámais enviou aos seus conterraneos, e a elle.

Depois, quando se perder no horisonte a collina de Cacem, eu irei pensando n'uma coisa profundamente

verdadeira, e vem a ser que, se aqui fosse o parlamento, á sombra d'estes grandes bosques de sobreiros, onde o rouxinol é orador, não haveria partidos, nem oposições, nem debates, porque esta população tem apenas uma vontade e um proposito: o de se fortalecer pela união.

Sant'Yago de Cacem, 5 de maio de 1875.

XIII

UM SERÃO DE BOCAGE

UM SERÃO DE BOCAGE

Nos ultimos annos do seculo passado, e ainda nos primeiros do que vai correndo, exercia o cargo de guarda-mór da alfandega do tabaco, na cidade de Lisboa, um velho calvo e esguio, de nome João da Cruz Sanches Varona, cuja memoria Bocage perpetuou em cinco ou seis admiraveis sonetos. As qualidades physicas do pobre do guarda-mór, de par com as qualidades moraes, dignas das physicas, conhecemol-as nós tão sómente da tradição poetica com que ainda hoje a immortal musa de Elmano parece atagantar e eternisar a pessoa da sua victima. Da calva, magreza, e hypocrisia do guarda-mór da alfandega diz, em linguagem que fere como pita de chicote, este soneto de Manuel Maria:

O guarda-mór da calva para baixo
É mais desagradavel que um capucho;
Não tem bofe, nem figado, nem bucho,
Mais chato me parece que um capacho:

As costas são cavernas de um patacho,
Os queixos são as guelras d'um caxuxo,
Tem figura de magico, ou de bruxo,
Na cabeça miolos lhe não acho:

Affecta no exterior santo de nicho,
Por dentro é mais sinistro do que um mocho,
E aloja mais peçonha do que um bicho:

O que os outros tem cheio, elle tem chocho;
O que é nos mais ventura, n'elle é lixo;
E anda isto entre nós? Ah bom arrocho!

Bom arrocho para deslombar alcydes, quanto mais pessoa de tão poucas carnes como Varona, era a lyra de Elmano, que elle umas vezes encordoava com formosos fios de ouro, roubados ás tranças de Gertruria ou Analia, quando o amor lhe dulcificava a inspiração, e outras vezes enleava de viboras venenosas e mordentes como as que devoravam Laoconte.

A alma de Bocage não era das que nascem talhadas para o ruim condão de empeçonharem todas as purezas terrenas. O que elle tinha era impetos de genio irascivel, que requeria prompto respiraculo por onde extravasasse a bilis. Esse respiraculo necessario e salvador abria-lh'o a inspiração. Um soneto era para elle uma descarga electrica. Chispava-lhe a musa os fogos fatuos da indignação, que escandece grande numero das suas composições poeticas, e depois seguia-se a calmaria em que, não raro, se estagnavam as lagrimas do arrependimento illuminadas pelo sol da justiça. Muitos episodios de sua vida litteraria comprovam esta verdade. Bocage, depois de haver sido aggressivo para Curvo Semmedo, o Belmiro da Arcadia, não duvida restituir-lhe a consideração que merece um talento *sobranceiro aos engenhos vulgares*. As impiedades de Elmano são relampagos de tempestades passageiras: a sua alma, dissipada a borrasca interior, aclarava-se com as auroras da fé. Os tormentos de uma vida grandemente accidentada, a nostalgia, o naufragio, as pelejas litterarias, as perseguições inquisitoriaes e o carcere contribuiram para aze-

dar-lhe o animo de natural inflammavel. A infelicidade é um braço invisivel que rola o homem no declive da loucura. Mas uma cousa é ser mau e injusto, outra cousa é ser infeliz e impertinente. Isto é o que em verdade foi Bocage ainda mesmo quando mais virulento se nos affigura.

Mas, proseguindo, folheemos o processo poetico instaurado por Bocage contra o guarda-mór Varona em versos dignos de melhor assumpto. Começamos a desenrolar o sudario das accusações, e apenas levantamos uma ponta. Ao que parece, a astucia era uma das feições proeminentes do velhacaz. A musa indignada de Bocage avultou-a para depois a esmigalhar com um soneto, como se rebenta uma borbulha tumida de ruins humores:

Com habito de fera, e de capote,
O Varona, tratante sem limite,
Deixando as frescas margens d'Amphitrite,
Em pratica foi pôr subtil calote:

Á rua Augusta caminhou de trote,
(Passo que a velha idade não permitte)
E vendo um mercador, teve appetite
De encontrar n'elle credulo pechote:

Entra, curvando o trémulo gasnate,
Requer de baetão covados sete,
Que o mercador lhe fia, annoso orate!

Péga do fardo, amigos accommette,
Em rifa o põe, augmenta-lhe o quilate,
Pilha o dinheiro, e falta ao que promette.

Era o guarda-mór Varona vesado a folias de dança e musicata por casas particulares, incluindo a d'elle. Estas esturdias choregraphicas como que explicam, apesar de ser rendoso o emprego, e ainda mais o contra-

bando, a necessidade de fazer rifas, e outras maroteiras de igual jaez. O guarda-mór, a fim de receber condignamente as suas relações, e as de sua filha — uma creatura que só tinha de mulher o chamar-se Rita — tratava-se com estado. Serviam-n'o tres criadas, e um criado alambicado e mesureiro, de grandes melenas, que fallava ás senhoras em falsete, e merecera a alcunha de *Cupidinho* posta pelos sucios que frequentavam as funçanatas condimentadas com bolachas. Influido por estas bambochatas frequentes, e inchado da importancia da sua posição, solicitou o guarda-mór o grau de cavalleiro da ordem de Christo, e o mesmo foi ver-se agraciado e comprar egua que todas as tardes cavalgava quixotescamente.

Não é raro alliar-se a velhacaria á estupidez. O guarda-mór era estupido e velhaco. Emproado pela concessão do grau de cavalleiro de Christo, affoitou-se a pedir melhoria de emprego, mas a esse tempo já corria em Lisboa uma bernardice que o impossibilitava de requerer collocação onde não fosse preciso saber se as *eguas eram femeas ou machos*. Sanches Varona, encarecendo um dia a belleza e ligeireza da sua egua, declarara ingenuamente que ella era femea. O dito foi lançado á circulação. Bocage aproveitou-o logo para encabeçar um soneto que servisse de moldura ás orelhas do guarda-mór, e, como n'esse dia ceiasse Elmano com o seu intimo amigo Bersane, aconteceu que o primeiro quarteto é de Bersane e tudo o mais de Bocage:

Já que grita a barriga, e a cea tarda,
Aqui em verso brando, humilde e humano,
Vamos ambos fazer, amigo Elmano,
Leilão dos trastes que possue o *Guarda*.

Casaca velha, rota, suja, parda,
Feia, ruim, de amarellado panno;

Sapatos, que solou ha mais d'um anno,
De que inda o remendão o importe aguarda:

Rouxinol, codorniz, e dous cochichos;
Seis panelas, tres trempes, e dous tachos,
Dez perrucas, viuvas de rabichos:

Quatro cadellas *femeas*, dous cães *machos;*
Uma filha, mais feia que tres bichos:
Eis aqui seus serviços e despachos.

Culpa da chocarreira musa de Bersane e Bocage, divulgou-se a tolice a ponto de começar a ser legendario o guarda-mór. Nas secretarias, onde elle ia requerer beneficios pingues, recebiam-n'o com o riso da troça desmascarada, e Sanches Varona, reconhecendo-se ludibriado em suas pretenções, disse á filha que era preciso fazer economias para atulhar a goella cada vez mais cavernosa do *deficit* domestico.

A filha, enfuriada até á hydrophobia, respondeu ao pae que vendesse a egua, e o pae contestou lorpamente que despedisse ella as suas criadas. A mocetona arremette para o pae de murro feito e, sem mais tir-te nem guar-te, tira da bochecha paterna um som sacrilego. Bastou *Cupidinho* a divulgar o escandalo, lamentando com voz assucarada a imprudencia da filha e a paciencia do pae. Toda a gente soube do caso e, quando a atoarda roçou pela lyra de Bocage, foi augmentada com um soneto que não desacompanhou mais a immoral chronica do murro:

Cantemos todos lugubres endechas,
Que a Rita, capataz das femeas chochas,
Ao descarnado pae de gambias frouxas
As sacrilegas mãos poz nas bochechas:

Redobre o echo lutuosas queixas,
Piem té rebentar mochos e mochas.

E ao vêr do amo afrontado as faces rôxas
Cupidinho leal córte as madeixas:

De raiva o Guarda-mór môa bolachas;
As três criadas mettam-se capuchas,
E as paredes de horror abram mil rachas!

E tu, que pelas cans paternas puchas,
Vae no centro voraz de accezas achas
Ter o tragico fim, que têm as bruxas.

Transigiu o pobre pae com todas as calamidades que lhe cairam em casa: com a filha, a egua, o *Cupidinho*, as tres criadas, e o murro. Para lograr aguentar-se nas despezas dos serões dançantes, da mesa e da cavallariça, foi subindo a escala do calote, se dermos credito a Bocage:

Com rosto o Guarda-mór mésto e medonho,
Vendo á porta um crédor, que é seu visinho,
«Neguem-me sempre (disse ao *Cupidinho*)
Senão, sem lhe pagar na rua o ponho.

«Nunca fui de illusões, não me envergonho,
Nem se me faz vermelho este focinho;
Chamem-me cafre, chamem-me mesquinho,
Que eu fico muito lépido e risonho:

«Com as minhas astucias cá me avenho;
E se é preciso um falso testemunho,
Da calumnia o character desempenho:

«Não me pilham vintem dezembro e junho;
E a favor d'estas cans, e *cruz* que tenho,
Todo, todo em calotes me desunho.»

Pobre Varona, que, por desdentado, ia moendo raivoso com as gengivas rebeldes as bolachas dos seus chás folgazãos, sem as poder mastigar, como lhe acontecia com as mais ponteiras allusões e as mais fogosas invectivas de Bocage!

De raiva o Guarda-mór môa bolachas,

dissera intencionalmente Elmano fazendo mira á cavernosa bocca do desventuroso Varona.

Mas, o que é certo, é que Manuel Maria encontrava no seu orgulho offendido um vasto arsenal de armas poeticas para assettear a familia do guarda-mór, e quando se póde ter de frente um inimigo como Bocage é preciso evitar a todo o custo que elle responda ao repto rompendo o fogo.

E, diga-se com verdade, o guarda-mór e a filha de instinctos parricidas não só não evitaram essa imprudencia, senão que pareceram desejosos de chamar sobre as proprias cabeças os raios fulminantes do Jupiter da Nova Arcadia.

Foi o caso que em uma noite de reunião na sala do guarda-mór, então frequentada por Bocage, concorreram a festejar os annos do dono da casa muitas e formosas damas, que sem excepção poderiam endoidecer de amores o poeta,

Devoto incensador de mil deidades,

se entre ellas não estivera a filha de Antonio Bersane, D. Anna Perpetua, a quem Elmano consagrára os ultimos e já soffridos annos de sua vida.

Devia de ser muito formosa esta senhora cujas faces metade se coloriam da tinta dos jasmins e metade do carmim das rosas:

Oh nympha, que das graças melindrosas
Tens na face a lindeza, o riso, as côres,
Na face mimos toda, e toda flores,
Que é metade jasmins, metade é rosas!

Nympha suave, para quem saudosas
Dou magoas mil aos Zephyros, e Amores!

Tu gosas de meus ais, e dos louvores
D'estremado cantor, meu bem, tu gosas.

Em sons (pinceis phebêos) em sons copia
Teu rosto, um ceo; do original o encanto
Eis, eis n'alma em tumulto a imagem cria.

Eu vate, eu amador, não logro tanto;
Amor fogo me dá, Phebo harmonia,
E és mais no coração do que és no canto.

Parece até, segundo alguns testimunhos, que D. Anna Perpetua viria a receber perante o altar o appellido do seu amoroso cantor, se a morte não desfolhasse impiedosa as abundantes flôres dos trinta e nove annos de Bocage.

Estava, pois, na sala do guarda-mór a familia Bersane, pai e filha, e tanto basta dizer para deprehender-se o empenho que teria Bocage em supplantar mais uma vez com a esplendorosa irradiação da sua gloria os

...Franças, Semmedos, Quintanilhas
Macedos, e outras pestes condemnadas.

Antonio Bersane, amigo sincero e leal de Bocage, empenhado em honrar o amigo, sempre que lhe era licito, propoz que coubesse á lyra d'Elmano a gloriosa tarefa de abrir com chave d'ouro o variado programma do serão. A esse tempo, porem, já o enxame das senhoras refervia inquieto em torno do mulato Joaquim Manuel, insigne tocador de viola e grande improvisador de *modinhas*, o qual mulato mais propriamente se poderia denominar o *rouxinol das salas* do seculo XVIII.

D. Anna Perpetua, ouvindo o alvitre do pai, abancou immediatamente em attitude de escutar o verbo ardente do seu cantor, e, porventura, noivo. As outras damas transigiram desgostosas com a proposta de Bersane, e

silenciosas se foram sentando, uma a uma. O guarda-mór, já afiambrada a perna senil para as evoluções choregraphicas, deixou-se cahir amuado sobre uma cadeira. O mulato Joaquim Manuel, mordido de raiva por ter de ceder a primasia a Bocage, ressumbrou catinga por todos os poros da pelle, e paralysou a mão ennegrecida sobre as cordas da viola.

Bocage, encostado ao espaldar d'uma cadeira, destacava-se pittorescamente com a sua casaca azul e o seu collete côr de canna, que elle, já disposto a declamar, desabotoára junto ao pescoço para descançar a mão esquerda sobre o peito.

Annunciou Elmano que ia recitar a *metamorphose* de Myrrha, tradusida d'Ovidio, e sobremodo estimada por elle traductor. (*)

Esta circumstancia bastaria a explicar a escolha, se não acrescesse a curiosidade que a traducção, cuja copia manuscripta passava de mão em mão recatadamente, despertára na sociedade lisbonense até que apparecera impressa no terceiro volume das *Rythmas* em 1804.

Bocage, cheio de vida e ardor, começara a recitação:

Cinyras, um dos reis da equorea Chypre,
Podéra numerar-se entre os ditosos,
Se próle não tivesse. Eu determino
Cantar cousas terriveis: longe, oh filhas,
Longe, oh paes!... E se acaso as mentes vossas
Ficaram de meus versos attrahidas,
Não julgueis verdadeiro o que me ouvirdes...

Pouco e pouco, á medida que a recitação proseguia, luziam com extranhas scintillações as pupillas azues de Bocage, e as faces, naturalmente desbotadas, empallideciam cavadas e tremulas, e os cabellos longos e soltos redemoinhavam agitados pela mão nervosa do poeta.

* Parece que Bocage emprehendera a traducção das *Metamorphoses* d'Ovidio quando esteve preso na cadêa do Limoeiro ou

Chegado porem ao lance em que o vate sulmonense descreve a tentativa de suicidio de Myrrha, fraquejára d'improviso, baldeada nos vagalhões da commoção, a memoria de Bocage, e, como se detivesse silencioso um momento, logo o guarda-mór acudiu a dizer que seria melhor acabar o poeta a recitação quando a reminiscencia se lhe mostrasse mais obediente á vontade.

D. Rita Varona, impaciente de bailar, fez côro com o pai:

— É verdade, sr. Manuel Maria. Agora nós. Quando lhe lembrar, acabará!...

E o enxame feminino, á excepção de D. Anna Perpetua, correu a grupar-se em torno do mulato, o qual, sem mais detença, aproveitou a aberta para supplantar Bocage, e começou de tanger preludios na viola.

Bersane, profundo conhecedor da organisação de Bocage, olhou para elle de esconso a tempo de poder vêl-o n'uma excitação precursora d'uma d'aquellas explosões de bilis poetica, tão vulgares em Elmano.

Recuando do espaldar da cadeira, fitava Manuel Maria com torvos olhos a nescia assemblea e, quando já se emparceiravam as pessoas que rodeavam o mulato, bateu palmas e, surprehendendo a turba, declamou indicando o da viola:

Esse cabra, ou cabrão, que anda na berra,
Que mammou na Brasil surra e mais surra,
O vil estafador da vil bandurra,
O perro, que nas cordas nunca emperra:

no carcere da Inquisição, se não foi emquanto se achou detido no hospicio das Necessidades. O que se fez em dias de tristeza relembra com pungente doçura. Especialmente lhe era agradavel a metamorphose de Myrrha, da qual elle dissera ao publicar o segundo tomo das *Rythmas: Privo-me do prazer de imprimir a metamorphose* de *Myrrha*, em attenção á modestia e delicadesa não poupadas n'aquella *admiravel producção*, e antes quiz *omittil-a* que *disfigural-a*.

O monstro vil, que produziste, oh terra,
Onde narizes naturesa esmurra,
Que os seus nadas harmonicos empurra,
Com parda voz, das paciencias guerra :

O que sae no focinho á mãe cachorra,
O que nescias applaudem mais que a *Myrrha*,
O que nem veio de prosapia fôrra...

A este tempo já o mulato coruscava pelos olhos incendios de indignação, hirto o braço esquerdo que suspendia a viola; e o guarda-mór e a filha e os outros cruzavam olhares de surpreza e colera; e D. Anna Perpetua olhava entre supplicante e angustiada para o pai, como a pedir-lhe que a tirasse d'aquella tortura.

Mas Bocage, completamente allucinado, e mortalmente pallido, não podia reprimir a torrente da inspiração que lhe borbulhava dos labios descorados e, finalmente, acabou :

O que afina ainda mais *quando se espirra*,
Merece á philosophica pachorra
Um corno, um passa fóra, um arre, um irra.

— Um corno! exclamou o guarda-mór levando as mãos á cabeça.

E, como receioso d'uma catastrophe imminente, correu a cingir com amoravel angustia o mulato, que espumava de colera, e grunhia de desespero.

— Um corno! repetiu machinalmente a filha do guarda-mór, despercebida da indecencia da palavra em labios de senhora.

E toda a assemblea zumbiá uns sons inarticulados presagos de tempestade, excepto Bersane, que se encostára a uma mesa, e D. Anna Perpetua que amparava com a mão direita o coração ancioso de rebentar.

Bocage atravessou magestosamente a sala, voltando

as costas á assembleia, e, chegado ao limiar, curvou silencioso a cabeça saudando D. Anna Perpetua e Bersane, e sahiu desdenhoso dos rugidos da turba.

No patamar despendurou serenamente do cabide o *ceruleo gabão*, como elle lhe chamava, poz o seu chapeu hollandez, accendeu um cigarro que entrou de fumar ávidamente, realisando a censura do seu antagonista

...bocca accesa,
D'onde o fumo, que sae, a todos some,

e desceu finalmente a escada, se bem que apparentemente tranquillo, turgido o peito d'aquella terrivel vingança com que depois fulminou o guarda-mór, a filha, a criadagem, e até a mobilia do guarda-mór.

Setubal, maio de 1875.

INDICE

		Pag.
I	Barba e bigode	7
II	A dama da cutilada	21
III	O Terreiro do Paço	63
IV	Os sinos d'Alpendurada	89
V	Rehabilitação do queijo por um documento antigo	105
VI	Ha dois seculos e meio	117
VII	As feiras	139
VIII	A antiga viação portugueza	149
IX	Um episodio da conquista de Lisboa	175
X	Como as borboletas se queimam	197
XI	Tradicção Setubalense — O convento de Jesus	217
XII	Tradicções antigas de Sant'Yago de Cacem	225
XIII	Um serão de Bocage	235

OBRAS

DE

ALBERTO PIMENTEL

Natal na residencia, poemeto, com um prefacio de Camillo Castello Branco.
O Testamento de sangue, romance.
O Annel mysterioso, romance.
A Porta do paraiso, romance.
O Livro das flores.
O Livro das lagrimas.
Homens e datas.
Cantares, com um prefacio de Thomaz Ribeiro.
Memorial de familia, traducção de Souvestre.
O Degredado, traducção de Mery.
Photographias de Lisboa.
Nervosos, lymphaticos e sanguineos.
Peregrinações n'aldeia.
Idyllios á beira d'agua, romance.
Esboços e episodios.
Contos ao correr da penna.
Mysterios da minha rua.
A virtude de Rosina, traducção de Arsenio Houssaye.
Entre o caffé e o cognac.
Do portal á claraboia.
Diccionario de invenções, origens e descobertas (Em publicação).
Nossa Senhora de Lourdes, traducção (No prelo).

FEB 1 1934

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 331 256 5